

2 = 2 = 20
ARCHIVO THEATRAL.

3

OS

DOUS PROSCRIPTOS

OU

A RESTAURAÇÃO DE PORTUGAL EM 1640

DRAMA HISTORICO EM 3 ACTOS E 6 QUADROS

POR

Luciano Fausto Cardoso de Carvalho.

..... de feitos laes por mais que eu diga
Mais me ha de ficar inda por dizer.

CAM.—Lus.

Rio de Janeiro.

À VENDA EM CASA DE
A. J. FERREIRA DA SILVA, RUA DA QUITANDA N. 190.

1858

RIO DE JANEIRO. — TYP. DE JOÃO XAVIER DE SOUZA MENEZES,

Rua do Cano n. 165.



92734 AA
1950

M. T. P.
29.12.58

A MINHA PRIMA

A EXMA. SRA. D.

OLYMPIA NUNES CARDOSO MURTA

DEDICO

Este meu primeiro ensaio dramatico, como um calor
a. de gratidão e estima.

PERSONAGENS.

| | |
|---|--|
| D. JAYME, Proscripto. | DR. JOÃO PINTO RIBEIRO. |
| D. ALVARO DE ABRANCHES, Proscripto. | PEDRO DE MENDOÇA. |
| D. FELIPPA DE VILHENA. | CONSTANTINO DE VIZO. |
| D. MARIA DE VILHENA | JESUITA THEODORO. |
| D. JERONYMO DE ATAYDE, Conde de Atouguia. | CHANDRA SINAY, Capitão indio. |
| D. FRANCISCO COUTINHO. CONDE DE LA PUEBLA. | UM COMMISSARIO DO SANTO OFFICIO. |
| D. FERNANDO DE ALBUERA. | CARDANHAS, Sargento caste- lhamo. |
| D. MIGUEL DE ALMEIDA. | LARRONCA, Arraes caste- lhamo. |
| D. ANTÃO DE ALMADA. | JOÃO, Paisano. |
| D. JOÃO DA COSTA. | MANOEL, Sincero da igreja de Setubal. |
| PADRE NICOLÃO DA MAIA. | |
| D. DIOGO DE LA ROCCA, Tenente castelhamo. | |

Cavalleiros conjurados, um Capitão de fragata, Officiaes do Santo Officio, Povo, e Soldados portuguezes.

Archeiros allemães da guarda tudesea, Officiaes, e Soldades castelhamos.

A scena passa-se em fins de Novembro e principios de Dezembro de 1640, em Lisboa e Setubal.

I.

A Junta dos Conjurados.

Gene em grilhões a patria: antigos usos,
Nossos costumes, leis, ja nao existem;
Percece a agricultura, e nao nos resta
De nossas liberdades mais que a sombra.
.....
..... Infeliz patria!

A. B. DE CARVALHO.—GULIMAR TEL.,
Frag. med.

O' fortes companheiros, ô subidos
Cavalleiros, a quem nenhum se ignora,
Defendei vossas terras: que a esperanca
Da liberdade esta na vossa lança!

CAM. Lus.

ACTO I.

Personagens.

| | |
|-------------------------|-------------------------|
| D. JAYME. | D. ANTÃO DE ALMADA. |
| D. ALVARO DE ABRANCHES. | D. JOÃO DA COSTA. |
| D. FELIPPA DE VILHENA. | PEDRO DE MENDOÇA. |
| CONDE DE ATOUGUIA. | DR. JOÃO PINTO RIBEIRO. |
| D. FRANCISCO COUTINHO. | PADRE NICOLÃO DA MAIA. |
| D. MIGUEL DE ALMEIDA. | |

Cavalleiros conjurados.

A scena passa-se em a noite de 28 de Novembro de 1640, no palacio do duque de Bragança, em Lisboa.

QUADRO I.

Grande salão de apparencia simples, severa e melancolica: a direita (*) uma mesa de pés torneados, tendo sobre ella alguns livros e papeis; por cima, um pouco elevada, uma lampada illuminando o primeiro plano e deixando escuro o fundo do salão; alguns quadros, representando donas e guerreiros da casa de Bragança, pendem das paredes; em redor, escabellos e largas cadeiras de couro lavrado de Flandres; ao fundo, porta de communicação, tendo reposteiro com as armas ducaes de Bragança.

SCENA I.

D. JAYME E D. ALVARO, *sentados um defronte do outro*:—
o primeiro veste armas bronzeadas, o segundo de aço polido; amplos mantos negros cobrem-lhes parte das armaduras: — estão ambos pensativos: alguns momentos de silencio.

D. ALVARO.

(Como acordando de um sonho.) Sabes que a vice-rainha Margarida de Saboya, duqueza de Mantua, dá amanhã um brilhante sarau, ao qual assistirão os mais nobres cavalleiros e as mais bellas damas da corte?...

D. JAYME.

Bem o sei: é dado a esse mysterioso principe indio, que

(*) Quando fallarmos em direita ou esquerda, entenda-se sempre do espectador.

ha dias se acha com a sua esquadilha surta no Tejo, e á quem a vice-rainha deseja conhecer de perto.

D. ALVARO.

E o principe de Bounsuló irá ao saráu ?

D. JAYME.

Não póde recusar sem se tornar suspeito ; irá ; (*Com mysterio.*) mas nem por isso o conhecerão melhor...

D. ALVARO.

O nosso augusto principe gosta desses mysterios...

D. JAYME.

O rajah precisa guardar o incognito; se o conhecessem, não poderia conseguir tão facilmente o que pretende.

D. ALVARO.

(*Melancolicos.*) Assim é, D. Jayme : os proscriptos precisam de se occultar.

D. JAYME.

Ainda bem que não seremos obrigados a isso por muito tempo. O primeiro de Dezembro não vem longe, e nesse dia o jugo de Castella, que ha sessenta annos pesa sobre a nossa desgraçada patria, será despedaçado : a corôa de Portugal cahirá da cabeça de Felippe IV, para ser collocada sobre a fronte do duque de Bragança!... e ainda uma vez os arrogantes leões de Castella abater-se-hão diante das regias quinas lusitanas !

D. ALVARO.

Faltão-nos tres dias ! elles passarão, ainda que lentamente... mais tres dias, e Castella verá como cortão os ferros portuguezes empunhados por mãos de homens que quere n ser livres!... Os Castelhanos têm-nos lançado na mais horroresa miseria !... têm-nos !...

D. JAYME.

(*Interrompendo-o.*) Mas o momento vai chegar em que a nação portugueza, levantando-se como um só homem, lhes bradará com voz de trovão —basta!! — O povo está farto de soffrer, os tributos e subsidios augmentão, e a miseria é cada vez mais horrorosa! Até hoje iniquos ministros têm calcado aos pés os mais sagrados direitos! Miguel de Vasconcellos tem rido e escarnecido do povo, tem desprezado e ultrajado a nobreza!... — Vil transfuga, vendeu-se, e vendeu a patria a Castella!! — Quando alguém se queixa, responde com um sorriso de desprezo!... — Mas os papeis mudar-se-hão, e quando tu, ministro infame, pedires misericordia, também te responderão com uma gargalhada!... Dentro em tres dias esse mesmo povo que tu desprezavas, te arrastará por essas ruas, e te fará em mil pedaços! —terás um fim digno dos teus crimes!!

SCENA II.

OS MESMOS, E JOÃO PINTO, *entrando pelo fundo.*

JOÃO PINTO.

Perdoai, nobres senhores, se a sós vos deixei por tanto tempo: mas sois cavalleiros, e bem sabeis que quando se é procurado por uma dama... ou antes por uma heroína..

D. JAYME.

Mui feliz sois, Sr. secretario, em ser buscado por uma dama...

JOÃO PINTO.

(*Atalhando-o.*) Enganais-vos, nobre cavalleiro, a dama com quem acabo de fallar não veio aqui por meu respeito, mas sim em serviço da nossa patria...

D. ALVARO E D. JAYME.

Da nossa patria?!!...

JOÃO PINTO.

Admirais-vos? — pois bem, sabeí que acabo de fallar com D. Felippa de Vilhena, que não só vem offerecer á causa da liberdade suas joias e riquezas, mas tambem seus filhos, que ella mesma quer apresentar aos cavalleiros conjurados.

D. ALVARO.

(*A parte.*) A mãe de Maria!... (*Senta-se e fica pensativo.*)

D. JAYME.

Se as damas portuguezas mostrão tanto valor e patriotismo, nada devemos receiar do bom exito da nossa causa.

JOÃO PINTO.

Havia-me esquecido offerecer-vos alguns refrescos, deveis vir fatigados da jornada; S. A. o duque de Bragança recommenda-me que vos trate como se fôra elle proprio; assim pois, em virtude das suas ordens, podeis dispôr deste seu palacio e do que nelle haja como vos aprouver.

D. JAYME.

Muito vos agradecemos, Sr. secretario, a vós e a vosso augusto amo; de nada carecemos, somos soldados habituados ás fadigas das guerras: quem tem corrido toda a Asia, parte da Europa, Africa e America, não se causa com a pequena jornada de Villa-Vieosa a Lisboa.

JOÃO PINTO.

Sois verdadeiros Portuguezes, e muito amantes da patria deveis ser, para virdes das Indias Orientaes ajudar a quebrar os ferros que nos opprimem...

D. JAYME.

E' esse o dever de todo o cavalleiro portuguez !... e mui vil seria aquelle que, em circumstancias iguaes ás nossas, não fizesse o mesmo que nós fazemos. *(Dão nove horas.)*

JOÃO PINTO.

Nove horas : não devem tardar nossos irmãos, os conjurados ; se o permittis, irei recebê-los...

D. JAYME.

Ide, Sr. secretario, nós vos aguardamos.

JOÃO PINTO.

Desculpai-me por alguns momentos, em breve voltarei : — se vos quizerdes entreter, ahí tendes alguns livros, e, se gostais de poesias, também tendes o nosso Camões.

SCENA III.

D. JAYME E D. ALVARO.

D. JAYME.

(Olhando para D. Alvaro que se tem conservado pensativo.) Sempre triste e pensativo !... infeliz mancebo ! — possas tu esquecer junto de' tua amante as desgraças por que tens passado !... possão dias venturosos recompensar teus soffrimentos : — o céo permitta que tu sejas tão feliz nos seus braços, como longe della has sido desgraçado!

Não interromperei teus pensamentos, não : eu também sei o que é o amor, e quão ditoso sou quando dedico os meus cuidados aquella por quem daria a existencia !... — Oh ! Beatriz, Beatriz ! quando te tornarei eu a estreitar ao meu peito ? !... *(Senta-se a mesa, encosta o cotovelo e fica absorto : — pausa.)*

Quando deixarei eu de ser um proscripto ? !... oh ! não vem longe esse dia !... *(Pequena pausa.)* Deixemos tristes

recordações... leiamos alguns versos para nos entretermos. (*Abre os Lusíadas, e lê com melancolia.*)

« Entrava a formosissima Maria...

D. ALVARO.

(*Despertando-se em sobresalto.*) Maria!!!

D. JAYME, *continuando.*

« Pelos paternaes paços sublimados ;
 « Lindo o gesto, mas fóra de alegria,
 « E seus olhos em lagrimas banhados :
 « Os cabellos angelicos trazia... »

D. ALVARO.

(*Interrompendo-o.*) D. Jayme, deixa esse livro... fallemos antes em Maria de Vilhena... (*Levanta-se.*)— Sabes que ella vai amanhã ao saráu da vice-rainha?

D. JAYME.

(*Levantando-se e atalhando-o.*) Maria de Vilhena vai ao saráu?!

D. ALVARO.

E porquẽ não?! — Sendo da mais illustre nobreza, e a mais bella dama da cõrte...

D. JAYME.

Mas espero que tu não terás a imprudencia de lá ires?

D. ALVARO.

Visto que ella vai... é preeceiso que eu tambem vá...

D. JAYME.

D. Alvaro!... lembra-te que és um proscripto!...

D. ALVARO.

Assim é, D. Jayme! Mas nao me reconhecerão; os vestidos indios favorecerão o meu disfarce, e...

D. JAYME.

(*Atalhando o.*) E não deixarás de ser um imprudente!...

D. ALVARO.

(*O mesmo.*) Não temos nós arrostado perigos muito maiores?... receias que o governo da vice-ramha ouse prender o primeiro general do rajah na sua presença?!... tens medo?!...

D. JAYME.

(*O mesmo, com voz forte.*) Medo!! Esqueces que este ferro é empunhado por um braço de bronze que...

D. ALVARO.

(*O mesmo.*) Que tem aterrado o Indostão, assombrado toda a Asia, e feito tremer os...

D. JAYME.

(*O mesmo.*) Basta, D. Alvaro!... irás ao saráu; -- mas sê prudente: não te esqueças que Maria é a mais bella dama de Lisboa, e que é requestada por muitos cavalleiros....

D. ALVARO.

(*O mesmo.*) Que dizes?!... não sabes que ella só a mim ama... que cem vezes não ha jurado?!...

D. JAYME.

Bem o sei, cavalleiro; mas tambem sei que estamos cercados de inimigos, e que nós somos dous proscriptos! -- Alvaro, és bravo, tenho-te visto combater como valente Portuguez; tambem sei até que ponto amas, e que nem o desterro, nem a distancia de milhares de leguas, forão capazes de te fazer esquecer um só instante da tua amante. — Mas lembra-te dos teus votos!...

D. ALVARO.

(*Com dôr.*) Dos meus votos!... ah!... — Mas não me prometteste fazel-os annullar?!...

D. JAYME.

(*Solemne.*) Prometti! -- e costumo cumprir o que prometto: -- os papcis, que espero da cõrte de Roma, ainda

não chegarão, sem elles nada poderei... — E se a inquisição sôber que tu és um apostata, estás perdido, e nem todo o poder do principe de Bounsuló te poderia salvar da fogueira !!!

D. ALVARO.

(*Quasi em delirio.*) A inquisição!... as chammas!... Maria!... oh!... horror!... (*Cabe na cadeira.*)

D. JAYME.

Eia!... é D. Alvaro, o valente capitão que nas plagas da Bahia arrostou a morte com tanta intrepidez, que ora tão abatido se mostra? !!!

D. ALVARO.

Oh!... não... não!... mas ella!... ella, se soubesse que eu era um... um padre jesuita!... um apostata!... meu Deos! meu Deos!... (*Deixa cahir a cabeça sobre o peito.*)

D. JAYME.

Animo, desalentado cavalleiro!... tu foste enganado, atraçoado!... fizeram-te professar no delirio da desesperação, affirmando-te que tua amante havia fallecido!... Teus votos forão pronunciados no momento em que teu pai ia subir ao cadafalso!... victima da tyrannia de Castella!... — foste illudido por esses infames jesuitas... os teus votos são nullos, e annullados serão! — Roma póde tudo sobre a christandade!... o ouro tudo póde sobre Roma!! — Os laços que te prendem aos altares serão quebrados!! — Maria de Vilhena será tua esposa!...

D. ALVARO.

Oh! sim! ella será minha, e meu pai será... Conde de la Puebla! verás como o filho daquelle, a quem decepaste a cabeça pelas tuas ensanguentadas mãos, sabe vingar eu pai!!

D. JAYME.

Esse amaldiçoado conde tem causado todas as nossas

desgraças! foi causa de eu haver sido proscripto!... fez subir teu pai ao patíbulo!!... — Mas a sua vez chegará, e o astro do dia não se ha de levantar quatro vezes sobre o horisonte, sem que a sua cabeça role aos pés do carasco!!!...

SCENA IV.

OS MESMOS, PADRE NICOLÃO DA MAIA, *entrando pelo fundo.*

PADRE MAIA.

(*Representa cerca de 60 a 70 annos.*) A benção de Deos vos cubra, meus filhos.

D. JAYME.

(*A' parte, para D. Alvaro.*) Esta voz não me é desconhecida!...

D. ALVARO.

(*O mesmo.*) É um dos nossos irmãos da conjuração. (*Para o padre.*) Deos seja comvosco, meu padre: mas vós a esta hora e neste lugar?...

PADRE MAIA.

Os filhos da igreja, meus irmãos, também são filhos da patria, e...

D. JAYME.

(*Com interesse e atalhando-o.*) Perdoai-me, meu padre... poderemos saber o vosso nome?...

PADRE MAIA.

(*A' parte e com espanto.*) Que ouço!... esta voz... estas armas bronzeadas!... (*Para D. Jayme.*) — Que interesse podereis ter, Sr. cavalleiro, em saber o nome de um simples sacerdote?!... do pobre Nicoláo da Maia?...

D. JAYME.

(*A' parte, para D. Alvaro*) Nicoláo da Maia!... é elle!...

PADRE MAIA.

Essa surpresa !... acaso me conhecereis ?...

D. JAYME.

Não vos admireis; tenho ouvido fallar de vós com tanto respeito...—ainda hontem o duque de Bragança...

PADRE MAIA.

Estivestes hontem com S. A. o duque de Bragança ?

D. JAYME.

Sim, meu padre ;— estive com aquelle a quem os Portuguezes offerecem a corôa destes reinos.

PADRE MAIA.

E o duque está inteiramente resolvido a accitar a corôa ?

D. ALVARO.

E porque a não havia de accitar ?

PADRE MAIA.

Dizia-se que S. A. não queria subir ao throno que os Portuguezes lhe davão.

D. JAYME.

E' verdade, S. A. ao principio recousou sentar-se no throno de seus avós : mas hoje, a instancia da nobreza e do povo, e movido pelas razões de seu secretario Antonio Paes Viegas, está resolvido a accital-o : sua esposa D. Luiza de Gusmão, apesar de ser Hespanhola e filha do duque de Medina Sidonia, logo que D. João de Bragança recebeu um correio extraordinario de Felippe IV, em que sem perda de tempo lhe ordenava se aprestasse a acompanhal-o á jornada da Catalunha, disse-lhe com toda a resolução :

« Duque, mais vale morrer rei, que viver escravo : con-
 « tinuai e apressai a conjuração, já não é tempo de re-
 « cuar ; em Castella sereis um rebelde, em Portugal um

« soberano ! — em Madrid vos aguarda um cadafalso, um
 « cutelo e um algoz ! . . . em Lisboa um throno, um scep-
 « tro e uma corôa ! » — Já vêdes, meu padre, que o du-
 que não hesitaria na escolha ; além de que, se D. João de
 Bragança não consentisse nas propostas dos conjurados,
 aceita-las-hia seu irmão o infante D. Duarte, actualmen-
 te general dos exercitos do imperador d'Allemanha.

D. ALVARO.

D. Duarte é um valente guerreiro e alentado capitão ;
 não rejeitaria as nossas ofertas, e na conjunctura actual
 necessitamos de um homem ousado e resolutu que nos
 saiba mandar.

PADRE MAIA.

Mas se o duque accita

D. JAYME.

Será proclamado rei, e assentar-se-ha no throno : —
 os nobres o elegêrão, a nação o quer !

(*Ouvem-se passos no sala proxima.*)

D. ALVARO.

(*Indo ao meio da sala.*) São os nossos irmãos que vão
 chegando.

PADRE MAIA.

(*Para D. Jayme.*) Nobre cavalleiro, antes que elles nos
 interrompão poderei sabêr o vosso nome ?

D. JAYME.

Por agora nada vos posso dizer ; os conjurados estão a
 chegar, e isso vai privar-nos de nos entretermos por
 mais tempo : assim, se o permittis, amanhã nos encontra-
 remos

PADRE MAIA.

Sim, sim, amanhã (*A parte.*) Meu Deos ! meu
 Deos ! se fosse elle ! . . . estas feições ! . . . estas armas de
 bronze ! . . . oh ! não pôde deixar de ser seu filho ! . . .

SCENA V.

OS MESMOS, JOÃO PINTO, D. MIGUEL DE ALMEIDA, D. ANTÃO DE ALMADA, D. JOÃO DA COSTA, PEDRO DE MENDOÇA, e diversos cavalleiros. Sendo possivel, devem entrar nesta scena quarenta conjurados: trazem todos armaduras cobertas com mantos ou farragoulos compridos e escuros; nas cabeças chapéos d'abas largas ou capacetes; ao lado, espada e adaga, segundo o costume da época, etc.

JOÃO PINTO.

(*Para os conjurados que acompanhão.*) Muito nobres senhores — D. Miguel de Almeida, D. Antão de Almada, D. João da Costa, D. Francisco, D. Jorge de Mello, D. Pedro de Mendocça, D. Fernando Telles, D. Antonio Telles da Silva, D. Paulo da Gama, D. Carlos de Noronha, e vós todos, valentes conjurados!—Presente tendes o mui nobre e afouto cavalleiro em quem vos fallei, e a quem S. A. o duque de Bragança, nosso futuro rei e senhor, encarregou de nos instruir dos seus planos e vontades.

D. MIGUEL DE ALMEIDA.

(*Para D. Jayme.*) Bem vindo sejais, nobre guerreiro. Visto que S. A. tanta confiança em vós deposita, dignai-vos tomar assento, e instruir-nos das suas reaes vontades.

(*João Pinto conduz D. Jayme á mesa e fica ao seu lado, todos se sentão.*)

D. JAYME.

Nobres fidalgos! valentes cavalleiros confederados! bem conhecidas vos são as circumstancias em que nos vemos, e quaes os motivos por que aqui vos achais reunidos; sabei que se torna urgente fazer rebentar a conjuração o mais breve possivel, para que o governo da vice-rainha não previna e inutilise nossos planos. Assim pois, é nossa opinião, e vontade de S. A. o duque de Bragança, que ella se faça nesta cidade de Lisboa no primeiro do

proximo Dezembro. Tudo se acha prestes, só de vós depende a sua execução: — eia, valentes portuguezes, a nossa salvação está na ponta de vossos ferros! do fio das vossas espadas pende a liberdade desta nação, a honra da nossa patria, a independencia de Portugal! — escolhei, conjunados, ou a escravidão, ou a liberdade!!

D. ALVARO.

(*Breve e atalhando-o.*) A liberdade! e a independencia!

D. MIGUEL DE ALMEIDA.

(*O mesmo.*) Ainda que seja á custa das nossas vidas!

D. ANTÃO DE ALMADA.

(*O mesmo.*) Conjurados! antes morramos livres do que vivamos escravos!

D. JAYME.

(*O mesmo.*) Assim, pois, no primeiro de Dezembro! ?

D. ALVARO.

(*O mesmo.*) A liberdade ou a morte!!

TODOS.

(*Excepto D. João da Costa.*) Sim! sim! a liberdade ou a morte!!!

D. JOÃO DA COSTA.

(*Energico.*) Senhores, muitos annos ha que com profundo sentimento observo as calamidades que padecemos: grandes são nossos males, não ha duvida; a tyraannia castelhana é execravel; os direitos do duque de Bragança, incontestaveis; o povo ama-o, e elle merece a corôa: podeis lh'ra collocar hoje sobre a fronte, mas como lh'a sustentareis amanhã? Sem dinheiro, sem armas, e sem soldados, como defendereis este desgraçado povo dos furores de uma tyraannia a quem tereis dado tao justos mo-

tivos de colera?—A nossa causa é justa, é sagrada; mas não são as razões, são as armas que a hão de decidir! . . .

D. ALVARO.

(*Forte.*) Decidi-la-hão nossas espadas!

D. JOÃO DA COSTA.

Nossas espadas?! . . . — Apenas contamos quarenta fidalgos com tão pouco sequito, que não chegam a duzentos homens (1); e são estas as forças com que se quer fazer uma revolução?! . . . são estas as forças com que se quer abafar as guarnições desta cidade, as do castello de S. Jorge, as das torres de Belem e S. Gião da Barra! e as dos navios de guerra surtos no Tejo?! . . .

A Hollanda, quando resolveu sacudir o jugo de Castella, havia grangeado primeiro a amizade dos príncipes seus vizinhos, que com grandes exercitos sustentarão o seu partido.

Mas vós, senhores, mostrai-me vossos apoios, vossos alliados?! . . .

D. JAYME.

Somos Portuguezes, temos por apoio nossos braços, por alliados nossas espadas!

D. JOAO DA COSTA.

Reconhecemos o valor desses braços;—são lusitanos, isso basta! — Quero suppôr todas as difficuldades vencidas: o castello, torres e navios, atacados e rendidos: todas as cidades, villas, lugares, e conquistas do ultra-mar, seguindo o exemplo de Lisboa: supponhamos emfim todo o reino por nós e debaixo das nossas ordens: — perguntar-vos-hei ainda: — com que guarnecereis as fronteiras de Portugal? . . . Que forças opporeis aos exercitos e armadas de Castella, que se achão prestes a marchar sobre a Catalunha, e que se voltarão contra nós, logo que tenham noticia da revolução?! (*Movimentos e fortes murmu-*

(1) Historico: vid, a 1ª nota no fim.

rios nos conjurados.) Sendo todas estas razões, a meu parecer, sem contradicção, não nos fica para que appellar senão para milagres! e milagres, senhores, devem-se merecer, devem-se acreditar, mas não se devem esperar!

D. JAYME.

É um cavalleiro portuguez que ousa fallar dessa maneira?!

PEDRO DE MENEÇA.

É uma traição!.....

ALGUNS CONJURADOS.

Morte! morte ao traidor!!.....

D. ANTÃO DE ALMADA.

A tua falsa probidade me enganou, cobarde!..... mas se ella foi causa de eu te descobrir nossos segredos, justo é que ás minhas mãos percas a vida!..... (*Alguns conjurados vão para elle com as espadas nuas; outros pareceem vacillar.*)

D. JAYME.

(*Voz forte.*) D. Antão de Almada! e vós, conjurados, em nome da patria embainhai essas espadas!— D. João da Costa, mui avançados estamos para poder retrogradar; mas, quando o pudessemos, não serião Portuguezes que o farião: amaldiçoado seja aquelle que recuar um só passo na estrada da liberdade! amaldiçoado aquelle que vê sua patria debaixo do jugo estrangeiro, e que não ergue seu braço para o ajudar a libertar! (*Movimento nos conjurados.*)

D. JOÃO DA COSTA.

(*O mesmo.*) Conjurados! juro pelas cruces desta espada! juro pelas dispersas ossadas dos martyres da nossa patria, que não foi nem é o meu fim contrariar a vossa empresa, nem desviar-me dos perigos della:— confesso que, se tivera esta noticia mais cedo, fôra o meu voto que a conjuração se dispuzesse com mais segurança: mas, hoje, o que me parece é que ella rebente o mais breve

possivel, para não encontrarmos na falta do segredo o maior inimigo. (*Fortes murmurios entre alguns conjurados: — ouvem-se algumas vozes confusas.*)

UMA VOZ.

Somos muito poucos !.....

OUTRA.

Vamos sacrificar-nos !.....

OUTRA.

Queremos o consentimento de toda a nobreza ! !.....

D. JAYME.

Que é isso, conjurados ? !... vacillais !! vacillais no momento em que ides tornar-vos livres ! !... será necessario lembrar vos ainda uma vez nossa antiga gloria ? !... — Será necessario pintar-vos a miseria em que jazemos ? !... Não vêdes como sem pejo, sem vergonha e sem remorso, nos opprimem com impostos e exorbitantes subsidios ? ! que a viuva e o orphão gemem na mais horrorosa miseria? será necessario expôr diante de vossos olhos todos os males da patria? mostrar-vos o commercio arruinado, os campos desertos e talados, as cidades abandonadas : a flôr da mocidade portugueza mandada fóra do reino a verter seu sangue em guerras que lhe não tocão ? !..

Ignorais que os ultimos impostos que satisfizemos, em lugar de servirem para as necessidades do estado, como se havia dito, gastarão-se no ornato da galeria do *Buen Retiro*, em bailes, cavalhadas e comedias, com que o ministro regalou seu soberano ? !... — Não vêdes os empregos postos todos em almoeda (2) e entregues a quem mais dá ? !— quem não tem dinheiro para os comprar, tambem não tem merecimento para os obter ! !...

D. ALVARO.

E como ordinariamente os sabios e virtuosos são os

(2) Historico : vide a 2ª nota no fim.

que menos têm, vêm-se esses empregos nas mãos de homens só conhecidos pela devassidão de seus costumes, e insolencia com que ousão tratar as pessoas de bem para cuja ruina têm contribuído !... Os ministros que nos opprimem não tem pejo de se servirem dos meios mais vis e mais indignos para cevar sua cobiça (2); e quando alguem se queixa redarguem-lhe atrevidamente — « as necessidades de um grande rei não se regulão pela miseria de um mesquinho povo ! »

PADRE MAIA.

Não se ouvem senão queixas e clamores contra o rei !...

D. ANTÃO DE ALMADA. •

Obrigão-nos a obedecer por mar e terra ao general e almirante castelhano !

JOÃO PINTO.

De tudo isso é causa esse infame ministro Miguel de Vasconcellos.

PADRE MAIA.

Quando, em sua politica, um ministerio não toma por base a justiça, cedo ou tarde é causa de funestas desgraças !... mas essas desgraças um dia recahirão sobre o autor dellas !...

D. ALVARO.

Os ministros devião lembrar-se que das queixas se passa ao odio ! do odio ás facções ! e das facções ás rebelliões ! !...

D. JAYME.

Senhores, sabeí que o conde-duque de Olivares acaba de enviar a D. João de Bragança ordens terminantes para que, sem perda de tempo, marche com toda a nobreza de Portugal para Madrid, d'onde seguirão para a jornada de

(2) Historico: vid. a 2ª nota no fim.

Catalunha: se não obedecerdes immediatamente, sereis tidos por traidores, confiscados vossos bens, e...

D. ALVARO.

(*Interrompendo-o.*) Cavalleiros! mandão-vos a um paiz distante para soffrer mil affrontas, derramar vosso sangue em guerras que não são vossas, e arrostar continuos perigos sem o menor galardão! — Logo que chegueis a terras de Hespanha, far-vos-hão o mesmo que fez Ordonho II, rei de Leão, aos antigos condes de Castella: chamou-os á sua cõrte sob pretexto de lhes communicar importantes negocios, e, senhor delles, a todos arrancou a vida!!

D. JOÃO DA COSTA.

O mesmo aconteceu aos condes d'Egmont e de Horn, a quem o duque d'Alba fez assassinar, e a cuja morte se seguiu a perdição dos Flamengos! — Cavalleiros, se é preciso morrer, morramos ao menos em nossos lares, no seio de nossas familias, defendendo valorosamente nossa liberdade, nossos privilegios, e oppondo-nos á horrorosa tyrannia que tão infamemente nos avilta!! (*Prolongados rumores entre os conjurados.*)

D. JAYME.

(*Interrompendo-os com voz forte.*) D. João da Costa, e vós, intrepidos conjurados, escutai-me:

Ha doze horas que uma deputação, composta dos mais honrados e respeitaveis burguezes desta cidade, foi ter com Miguel de Vasconcellos, e com o conselho da vice-rainha, a expôr-lhe o estado misero do povo, que não tem para comer, e menos para pagar novos impostos, novos subsidios e novas alcavalas: pintou-lhes com vivas cõres o lastimoso estado em que jazemos, apontou-lhes para as ruas e praças publicas onde só formigão mendigos; para as habitações onde honradas familias perecem á mingoa; e o que era mais horroroso e indigno, era!... era o ver por toda a parte que valentes e nobres soldados, depois de

terem derramado seu sangue pela patria, e encanecido no serviço da nação e do rei, cobertos de cicatrizes honrosas, tinham unicamente por premio de tanto serviço (*Levantando-se.*) a sua passada gloria, essa gloria que souberão alcançar com a ponta das suas leaes espadas, em serviço de uma corôa que hoje os deixa morrer de fome! (*Com riva.*) De fome! de fome!! porque já não são precisos seus ferros valentes, ou antes porque se arreceião que se sirvão delles para vingar um povo escarnecido! uma nação vilipendiada!!!.... (*Com escarneo.*)— Sabeis a resposta do ministro?.... (*Com voz forte.*)— Bem— lhes disse— se já não tendes dinheiro, vendei a honra de vossas mulheres e de vossas filhas! empenhai a de vossas amantes!! e com o producto pagareis os tributos a S. M. Catholica!!!..... (*Alvaro e todos os conjurados têm-se levantado e arrancado das espadas com juror.*)

D. ALVARO.

(*Forte.*) Jurai, conjurados! jurai que Miguel de Vasconcellos pagará com a vida tão grande injuria!!!....

TODOS.

(*O mesmo.*) Nós o juramos!!!....

D. ALVARO.

(*O mesmo.*) Morte ao ministro infame!!!....

TODOS.

(*O mesmo.*) Morte!! morte!!!....

SCENA VI.

OS MESMOS, D. FELIPPA DE VILHENA, com seus filhas, D. JERONYMO DE ATAIDE, conde de Atouguia, e D. FRANCISCO COUTINHO:— este traz uma bandeira portugueza: entrão de repente na sala, movimentos de admiração nos conjurados.

D. FELIPPA.

(*Logo apresentando os filhas com energia e nobreza.*) No-

bres conjurados, á patria offereço meus filhos! possão elles, seguindo vossos exemplos e imitando nossos antepassados, defender a nação e a liberdade que tanto sangue nos ha custado.—Conde de Atouguia, D. Francisco Coutinho! ide, meus filhos, ide combater pela patria; tornai-vos dignos dos vossos nomes, mostrai que em vossas veias corre o sangue dos Ataydes, e que a memoria do vice-rei da India D. Luiz, conde de Atouguia, não será deslustrada por seus netos!—Ide, empunhai as espadas de vossos avós, e mostrai a nossos oppressores que os verdadeiros Portuguezes não vendem a honra de suas esposas e filhas!... mostrai-lhes que a castidade das vossas amantes será inviolavel enquanto ao vosso lado penderem ferros portuguezes!

D. FRANCISCO.

Pela patria e pelas damas, daremos de bom grado nossas vidas.

CONDE DE ATOUGUIA.

(*Com enthusiasmo.*) Embora morramos; porém fazendo arrepende aquelles que tão vilmente nos insultarão; morramos mostrando-lhes que não desmerecemos dos aguerridos e destemidos soldados de Aljubarrota, e que ainda hoje podemos formar alas de namorados, esquadões da Madre-Silva, que tantas vezes fizerão abater os orgulhosos estandartes de Castella!!....

D. ALVARO.

(*Breve.*) Conjurados! a causa é commum! Morramos, ou conservemos nossos bens, honras, privilegios e liberdade: morramos vingando-nos! morramos matando! morramos com a patria!!

D. FELIPPA.

(*O mesmo.*) Portuguezes, eis a nossa bandeira, eis as celestes quinas lusitanas dadas pelo Deos de Alfonso Henriques, nos campos de Ourique, depois de uma victoria alcançada sobre tantos milhares de infieis, e que

posteriormente em centenares de batalhas se hão erguido e tremulado victoriosas! Eis as poderosas e soberbas quinas, que desenroladas por vossos maiores levárão o espanto e o assombro ás quatro partes do mundo! e fizerão tremer os mais opulentos, dilatados e invenciveis imperios!

D. JAYME.

(*O mesmo.*) Eia, valentes conjurados! jurai sobre essas gloriosas e formidaveis quinas! jurai pelas cruces das vossas espadas! pela fé das vossas amantes! jurai! jurai que no primeiro de Dezembro os pavilhões de Portugal tremularão independentes nas altas torres de Lisboa!!

TODOS.

(*Com firmeza.*) Nós o juramos!!!... *D. Felippa estende a bandeira horisontalmente: os conjurados cruzão as espadas por cima della, de maneira que toquem os ferros uns nos outros.*)

D. ALVARO.

Morte aos tyrannos! morte a Miguel de Vasconcellos!!!...

TODOS.

(*Batendo com as espadas umas nas outras; com força.*) Morte!!!... Morte!!!...

D. JAYME.

(*Pega na bandeira, levanta-a por cima das cabeças dos conjurados, e com enthusiasmo brada.*) Viva a independencia!! viva a liberdade!! viva Portugal!!!...

TODOS.

Viva!!!... (*Levantão as espadas com enthusiasmo; — o panno desce rapidamente.*)

FIM DO PRIMEIRO ACTO E PRIMEIRO QUADRO.

II.

○ **Apostata.**

LA MARQUISE DE TAVORA.

Quel te rend à mes vœux, cher objet de mes larmes ?

AVEIROS.

Qui, loin de ton amant, lui conserva tes charmes ;
Ton cœur, ton âme... hélas ! privé de tant de biens
Je déplorait les maux plus encor que les miens ;
.....

MALAGRIDA.

Tout seconde mes vœux, et Ricci va connaître
Qu'enfant de Loyola, je suis digne de l'être.
.....

Trahir un ennemi que le Ciel a proscrit,
Ce n'est qu'être fidèle aux lois qu'il nous prescrit.

L'ABBÉ DE LONGCHAMPS—MALAGRIDA, Trag.



OS DOUS PROSCRITOS.

92734-1950 RR
AH 0051164.1

ACTO II.

Personagens.

| | |
|-------------------------|-------------------------|
| D. JAYNE. | JESUITA THEODORO. |
| D. ALVARO DE ABRANCHES. | CHANDRA SINAY. |
| D. FELIPPA DE VILHENA. | UM COMMISSARIO DO SANTO |
| D. MARIA DE VILHENA. | OFFICIO. |
| CONDE DE ATOUGUA. | LARRONCA. |
| CONDE DE LA PUEBLA. | |

Um capitão de fragata, Officiaes do Santo Officio,
Archeiros allemães da guarda tudesca.

A scena passa-se em a noite de 29 de Novembro de 1640, nos paços
da Ribeira, junto ao Tejo.

QUADRO II.

Auto-camara no palacio da vice-rainha: do lado direito, no primeiro plano, uma passagem occulta, coberta por uma tapeçaria; no fundo, e dos lados, portas com reposteiros apanhados para os lados, tendo bordadas as armas de Castella com as de Portugal no centro. Quando sobe o panno a scena está deserta; é noite de sarau, ouve-se a musica dentro.

SCENA I.

O CONDE DE LA PUEBLA E O JESUITA THEODORO, *entrando pela porta da direita.*

JESUITA.

.....
..... Conheço muito bem D. Alvaro de Abrancios, e tenho meios seguros de o perder..... e de me vingar!

LA PUEBLA.

E esses meios?...

JESUITA.

A historia é assás longa, e vós, Sr. conde, talvez não estejais para a ouvir...

LA PUEBLA.

(*Atalhando o*) Enganais-vos, aborreço esse miseravel!

proscrito, e farei todas as diligencias por me apoderar delle.

JESUITA.

(Declamando sempre com muita hypocrisia.) E fareis bem, porque é um inimigo perigoso, e um rival temivel...

LA PUEBLA.

(Interrompendo-o.) Que dizeis ? !...

JESUITA.

Digo que elle ama a bella Maria de Vilhena, e que é extremosamente correspondido...

LA PUEBLA.

(O mesmo.) Padre ! como sabeis vós isso ? !...

JESUITA.

Dai attenção, e vereis que a um jesuita nada é occulto.

LA PUEBLA.

Fallai !

JESUITA.

Ha tres para quatro annos que a meiga e joven D. Maria de Vilhena appareceu com todo o brilho na corte. Numerosos cavalleiros lhe declararão o seu amor, porém ella a todos rejeitou : e um delles fostes vós...

LA PUEBLA.

Padre ! é um insulto ! Padre, quereis insultar-me ? !...

JESUITA.

Não é essa a minha intenção : -- ouvi :

Por esse tempo appareceu tambem um elegante e gentil cavalleiro : todos notarão que Maria lhe dava attenção, e que dentro em pouco lhe correspondeu com o mais puro amor.. *(Movimento de impaciencia em La Puebla.)* Não vos soffreu o animo serdes desprezado, e sabendo que o vosso rival era D. Alvaro, filho de D. Gastão de

Abranches, volastes á elle e á sua familia um odio de morte!...

LA PUEBLA.

(*Sombrio.*) Assim foi!!... — Depois?!...

JESUITA.

Uma revolução rebentou em Evora e no Algarve, D. Alvaro de Abranches correu a alistar-se debaixo das suas bandeiras: — seu pai, que então era governador de Setubal, em nada se metteu; mas as vossas intrigas fizeram-no subir ao cadafalso!...

LA PUEBLA.

(*Atalhando-o.*) Silencio!... padre!!...

JESUITA.

(*Continuando com hypocrisia.*) E dizem que...

LA PUEBLA.

(*Com susto.*) Que dizem?!...

JESUITA.

Que o proprio carrasco fôra...

LA PUEBLA.

(*Extatico.*) Quem?!... Quem?!...

JESUITA.

(*Medindo as palavras com muita hypocrisia.*) Vós, Sr. conde de la Puebla!

LA PUEBLA.

(*Como ferido de um raio.*) Ah!!... (*Pequena pausa; — o jesuita cruza os braços.*)—Homem infernal!!... Espirito de Satanaz!! que me queres?!... para que me vens atormentar?!...

JESUITA.

(*Com pausa e medindo as palavras.*) Dar-te os meios de te assegurares de Alvaro.

LA PUEBLA.

De me vingar delle?!... oh! falla! falla!...

JESUITA.

D. Gastão de Abranches foi preso, e seu filho o brigado a homiziar-se no nosso collegio, para escapar á morte; não tardou muito que nós lhe conhecessemos seu amor com a bella Maria de Vilhena, por meio de algumas cartas destramente interceptadas. Alvaro era esperto; apesar de proscripto, podia um dia deixar de o ser, e tornar-se senhor de uma fortuna colossal; nós resolvemos fazel-o entrar e professar na nossa ordem.

Não era isto muito facil em consequencia do seu amor, mas as circumstancias favorecerão-nos: Maria achou-se gravemente doente, e na vespera do dia em que D. Gastão de Abranches devia morrer sobre o cadafalso, participei eu a D. Alvaro que Maria hãvia fallecido, e seu pai ia subir ao patibulo. A estas novas elle cahé desmaiado, e só volta a si para pedir os meios de fallar ao autor de seus dias, e de morrer sobre o tumulo da sua amante. — Respondemos-lhe que só o podia fazer professando e fazendo-se jesuita.

LA PUEBLA.

E elle accitou?!

JESUITA.

A principio não, porém depois, seduzido por nós e no delirio de sua dôr, professou. — No outro dia dous padres da companhia de Jesus acompanhavão D. Gastão de Abranches ao cadafalso; um era seu filho D. Alvaro...

LA PUEBLA.

(Interrompendo-o com espanto.) D. Alvaro?!...

JESUITA.

(Continuando.) O outro era eu...

LA PUEBLA.

(O mesmo.) Vós?!...

JESUITA.

(*Com sorriso de hypocrita.*) Sim. — E no momento em que o algoz brandia o cutelo, Alvaro me cahia nos braços, amaldiçoando o conde de la Puebla, carrasco de seu pai....

LA PUEBLA.

Padre ! padre ! nem mais uma palavra ! !... — Mas depois ? !... depois ? !... que feito foi de Alvaro ? !...

JESUITA.

Alguns mezes se passarão em que foi devorado por uma febre ardente : porém a natureza triumphou, e pouco a pouco se restabeleceu. — N'um dia em que elle passeiava na cêrca do collegio, approximou-se lhe um pagem, e, sem que nós o padessemos estorvar, entregou-lhe uma carta de Maria, que tambem havia vencido a molestia. — Apenas lhe lançou os olhos, ninguem o pôde conter : furioso rasga a roupeta, e se não fugissemos matar-nos-hia a todos. — A noite veio : nós perdêmol-o de vista junto do Tejo, e, não mais ouvindo fallar delle, chegámos a acreditar que se havia deitado a afogar no delirio da desesperação. — Julgai qual seria o meu assombro, reconhecendo ha pouco Alvaro de Abranhes ao lado desse destemido principe ou rajah de Bounsuló.

LA PUEBLA.

Alvaro ! Alvaro aqui ? !...

JESUITA.

Sim ; e, pelas informações que tomei das gentes do rajah, soube que era o seu primeiro general... (*Olhando para a galeria da direita.*) Mas... olhai, eis-o que se encaminha para este lugar, acompanhado de um cavalleiro vestido de armas bronzeadas...

LA PUEBLA.

(*Abrindo a passagem occulta.*) Depressa !... escondam-nos nesta passagem occulta !... (*Entra para dentro.*)

JESUITA.

(*Seguindo-o.*) Um!... um!... — não somos nós sós, os jesuitas e o santo officio, que temos lugares occultos d'onde sem ser visto se vê tudo!... (*Esconde-se.*)

SCENA II.

OS MESMOS, *dentro do escondrijo*: — D. JAYME E D. ALVARO, *entrando pela porta da direita*: — o primeiro veste a mesma armadura bronzada do primeiro acto, o segundo traja ricas vestes á indiana, alfanje, turbante, etc.

D. ALVARO.

.
 E' verdade! dez horas já soárão, e Maria sem apparecer!... (*Dito com melancolia e entrando*)

D. JAYME.

A noite está fria e tempestuosa, grossas nuvens se amontoão sobre Lisboa: talvez D. Felippa de Vilhena, receiando a tempestade, não venha hoje ao saráu...

D. ALVARO.

(*Atalhando-o.*) Que dizes?!... serei condemnado a deixar de a ver?!...

D. JAYME.

D. Alvaro, pareces-me uma criança! se não te conhecesse, diria que eras um desses cortezãos effeminados, que só servem para entreter damas, e manejar intrigas amorosas.

LA PUEBLA.

(*Dentro, para o jesuita.*) Esta voz não me é desconhecida... se lhe pudesse ver o rosto...

(*Deita a cabeça de fóra: ao mesmo tempo ouvem-se em distancia tres tiros de artilharia com intervallos de uns aos outros; a musica do saráu faz-se ouvir.*)

D. JAYME.

(Escutando.) Um tiro de canhão!... *(Pequena pausa.)*

D. ALVARO.

(O mesmo.) Dous!... *(Pequena pausa.)*—Tres?!...

A VOZ DE UM PAGEM.

(Ao longe e no interior do palacio.) Lugar á muito illustre D. Felippa de Vilhena! e ao nobre conde de Atouguia!...

D. ALVARO.

Não ouviste, D. Jayme?!... Annunciarão o conde de Atouguia!...

D. JAYME.

(Com distração.) Assim foi: — mas alguma novidade se passa no Tejo; talvez alguma embarcação que chega de fóra...

D. ALVARO.

(Olhando pela direita para dentro do sarrão.) Ah!... — Olhai!... vêde como ella vem linda!...

D. JAYME.

Maria?!...

D. ALVARO.

Sim!!... Maria! Maria, mais bella do que um anjo!... — Permitti que vos deixe... é necessario que lhe falle... *(Pegando-lhe na mão.)* Vêde, D. Jayme... não é possível conter este coração!...

D. JAYME.

Vai. — mas sê prudente... *(A parte.)* Eu velarei por ambos. *(D. Alvaro sahe, D. Jayme vê-o afastar-se e fica pensativo um momento; ouve-se a musica do sarrão.)*

LA PUEBLA.

(Para o Jesuita, e deitando parte da cabeça de fóra da passagem.) Vai chegando o momento!...

SCENA III.

OS MESMOS, *excepto* D. ALVARO : CHANDRA SINAY *vem vestido de indio, entra pelo fundo, cruza os braços e inclina-se á oriental com profundo respeito diante de* D. JAYME.

D. JAYME.

(*Orgulhoso.*) Que novas trazes, capitão?!...

CHANDRA.

Uma fragata de guerra acaba de fundear nas aguas do Tejo: salvou tres tiros de bombarde, sobre o mastro grande brilha o pharol da esquadra do rajah.

D. JAYME.

Bem. Techo a dar-vos algumas ordens, mas é mister estudar antes as entradas e saídas deste palacio... (*Com mysterio.*) Capitão Chandra, quando o inimigo se acha na nossa frente, é necessario reconhecer as suas forças e o terreno que pisamos.

CHANDRA.

Julgo que o inimigo não nos ha de dar muito que fazer...

D. JAYME.

Euganais-vos. (*Olhando em de redor de si e a meia voz.*) Temos a lutar com os maiores que ha: o amor, a intriga, os jesuitas e a inquisição! — Cumpre estar áleria e prevenir tudo. — (*Olhando para a direita.*) Deste lado temos uma galeria que conduz ao salão do saráu... (*Tudo ao fundo.*) Daqui outra, cujas janellas deitão para o Tejo... (*Dá um relampago seguido de um trovão.*)

JESUITA.

(*Dentro com muito medo.*) Ah!... Jesus!... S. Jeronymo!!...

D. JAYME.

(*Olhando em de redor.*) Parece-me que ouvi gritar?!...

CHANDRA.

Algun pagem que se assustou...

D. JAYME.

(*Encaminhando-se para a porta da esquerda.*) Vejamos para onde dá esta passagem... (*Sahe pela porta com o capitão Chandra :— fallando de dentro.*) E' uma escada que desce para a praça...

SCENA IV.

O CONDE DE LA PUEBLA E O JESUITA, *sahindo do escondrijo.*

LA PUEBLA.

Desgraçado, que tanto medo tendes ! icis-nos trahindo ! ouvistes o que elles disserão ?

JESUITA.

Nada percebi ; fallarão tão baixo... era impossivel distinguir-lhe palavra... e depois este medonho trovão !... Deos me perdoe, mas está uma noite horrivel !...

LA PUEBLA.

E' necessario fazer prender o proscripto !...

JESUITA.

Não será isso muito faeil : Alvaro é amigo desse intrepido Bounsuló, que não soffrerá o menor insulto... — tratemos de nos apoderar d'elle sem nos compromettermos.... porque é essa a regra da companhia de Jesus !....

LA PUEBLA.

Razão tendes : mas, se necessario fôr, empregaremos a força... quaes são os vossos planos ?....

JESUITA.

Seguiremos de perto Alvaro e Maria de Vilhena, que hão de procurar occasião de se acharem a sós ; no mo-

mento em que o consigão daremos parte ao conde de Atouguia que sua irmã se acha nos braços de um proscrito, e, o que mais é, de um apostata !...—O conde desesperado não deixará de levar da espada ; Alvaro fará o mesmo : nós deixal-os-hemos até que um caia ; se fôr Alvaro, ficaremos livres delle, vós fareis prender o conde por se atrever a desembainhar a espada no palacio da vice-rainha, a quem Deos guarde, e desta maneira vos livrareis de um irmão, que não é pequeno obstaculo...

LA PUEBLA.

Mas se Alvaro matar o conde ?

JESUITA.

Tanto melhor : o conde ficará mais seguro, Maria não poderá amar o assassino de seu irmão ; a inquisição apoderar-se-ha de Alvaro, e com a protecção de Deos e S. Domingos faremos com que a fogueira o purifique do peccado que commetteu, desobedecendo, e fugindo da nossa santa ordem. (*Sempre com muita hypocrisia.*)

LA PUEBLA.

Ah !... Maria de Villhena será minha, ainda que para isso me seja necessario queimar um milhão de Portuguezes !... Todos aquelles que ousarem collocar-se diante de mim terão a sorte desses orgulhosos que tentarão arrostar com o poder de Castella !... (*Com raiva reconcentrada.*) — As masmorras da torre de S. Gião nunca se fartarão de ouvir seus queixumes (3), nem o Tejo de rolar seus cadaveres ao oceano !... — (*Com raiva e desprezo.*) Avante, intrepidus lusitanos ! os calabouços vos aguardão ! e nem todo o vosso povo vos salvará de uma morte affrontosa ! !...

JESUITA.

Não percamos tempo, Sr. conde ; é necessario pôr os nossos planos em execução... (*Dá um relampago seguido de um forte trovão.*) S. Jerony...mo !...

(3) Vid. a 3ª nota no fim.

LA PUEBLA.

(*Apertando-lhe a garganta.*) Se tornais a gritar dessa maneira, metto-vos este punhal pela boca abaixo!!...

JESUITA.

(*Meio suffocado.*) Misericordia!... olhai que me esganais!... Ah!... (*Zangado.*) Ide apertar a garganta ao diabo!!...

LA PUEBLA.

E' o que eu estava fazendo.

JESUITA.

(*Por entre dentes.*) Não me esquecerei!... ia ficando sem pescoço...

LA PUEBLA.

Sabeis quem é este cavalleiro tão amigo de Alvaro?...

JESUITA.

Não lhe pude ver o rosto, nem sei quem seja... parece o diabo que se mette entre nós e elle...

LA PUEBLA.

Tendes razão, elle será o diabo, vós o seu anjo da guarda... — Mas é necessario pôr os nossos planos em execução...

JESUITA.

Preveni os guardas, que eu me encarrego de prevenir o santo officio.

LA PUEBLA.

Bem: segui-me, e logo que tenhais dado as ordens necessarias vinde ter comigo aqui. (*Indica a passagem occulta.*) Entendeis?

JESUITA.

Perfeitamente: mas ide adiante para me ensinar o caminho. (*Sahem pela passagem.*)

SCENA V.

D. JAYME E CHANDRA SINAY *entrando pela esquerda.*

D. JAYME.

Estais ao facto de todas as ordens?...

CHANDRA.

De todas : serão promptamente cumpridas.

D. JAYME.

Não vos esqueça recommendar ao principe que se retire com toda a cõrte, excepto o general D. Alvaro; o escaler negro que esteja prompto na praia, e vinte homens escolhidos dentro d'elle; trazei-me a correspondencia da fragata que ha pouco chegou : ordenai que toda a tripulação se ache a postos na esquadrilla, e todos os escaleres prestes a largar.

CHANDRA.

Vossas ordens serão rigorosamente cumpridas. (*Salta pela direita.*)

SCENA VI.

D. JAYME.

(*Meditabundo.*) Em que acabará tudo isto?... D. Alvaro tem sido seguido por esse infame jesuita, seu mortal inimigo, e a quem eu mandei açoitar em praça publica nos estados de Bounsuló... receio que o tenha conhecido!... (*Pequena pausa.*)

Este miseravel e insolente conde de la Puebla tambem nos observa... (*Sorrindo-se com desprezo.*) talvez ainda se lembre de uma boa estocada que lhe dei em Gõa ha oito annos, e pela qual fui proscripto dos estados de S. M. Catholica... (*Com voz cada vez mais forte.*) eu zombarei de todo o seu poder! Jayme foi proscripto e perseguido, porque era um simples capitão... (*Com escarneo.*) e ousou

cruzar a sua espada com um grande de Castilla... (*For.te.*)
 Mas eu me vingarei! e a vingança será terrível!... Sim!
 — terrível, porque tenho de vingar uma nação inteira!—
 Como cavalleiro, podia-me esquecer das affrontas que se
 me fizeram! como filho do povo, tenho de desaffrontar
 meus irmãos!... e o desaggravo será espantoso!!—Conde
 de la Puebla!! Miguel de Vasconcellos!! e vós outros,
 ministros infames! tremi!!!...

A VOZ DE UM PAGEM.

(*Em distancia.*) Dai lugar a S. A. o muito alto e pode-
 roso rajah de Bounsuló! e á sua côrte! (*Toque de clarins.*)

D. JAYME.

(*Depois de ter escutado.*) E' o principe que se retira :
 a vice-rainha muitas attensões teve com elle; mal sabe
 ella que esse rei não passa de um...

Se estivessemos n'outras circumstancias, muito me
 havia de divertir!...

(*Sahe pelo fundo.*)

SCENA VII.

O CONDE DE LA PUEBLA no escondrijo : D. ALVARO E
 D. MARIA DE VILHENA entrando pela direita.

D. ALVARO.

.
 Só um unico momento, minha
 Maria.

MARIA.

Alvaro, não vês que podemos ser observados? Não
 reparaste nesse conde de la Puebla, a quem eu aborreço
 e detesto, que nos seguia por toda a parte?!...

LA PUEBLA.

(*Dentro.*) Aborreces-me!... eu me vingarei!...

D. ALVARO.

Que nos importa esse iniquo? Se elle ousar collocar-se

diante de nós, a ponta deste ferro lhe mostrará como um verdadeiro Portuguez teme um insolente Castelhana!

LA PUEBLA.

(*Dentro.*) Veremos!...

MARIA.

(*Meiga.*) Alvaro, muito te amo... mas por quem és conduze-me ao saráu...

D. ALVARO.

(*Triste.*) Maria! — parece que já não és a mesma!... olvidaste acaso esse tempo feliz em que, voltando de Evora proscripto e sem asylo, fui obrigado a esconder-me fóra dos muros de Lisboa?!... Oh! então o Céu teve piedade do infeliz proscripto!... nesse tempo podíamos fallar a sós por longo espaço...

MARIA.

(*Interrompendo-o com amor.*) Nunca era longo ao pé de ti, D. Alvaro...

D. ALVARO.

(*O mesmo.*) Podia-te apertar em meus braços... — não te lembras quando nos iamós sentar junto daquelle fonte?... — Era ao doce som do murmurio da agua limpida que repetiamos os juramentos de nos amarmos eternamente: oh!... feliz esse tempo em que a tua face de pura neve vinha tocar o queimado e afogueado rosto do pobre soldado!...

MARIA.

(*Com ternura.*) D. Alvaro.... o amor te cega...

D. ALVARO.

(*O mesmo.*) Perdoa... perdoa, minha Maria, mas essas recordações estão profundamente gravadas no coração do soldado para que elle as possa olvidar. Aqui, Maria, (*Pega-lhe na mão e leva-a ao coração.*) só tu vives, e sempre viverás; embora este coração seja de soldado, o soldado

tambem sabe o que é o amor... o que é o amor que com elle ha crescido sobre os campos das batallas, que o acompanha nas noites de vigilia, que é o seu fiel companheiro nos revezes ou nas victorias, na fortuna ou na desgraça ; que é affim a sua ultima consolação, a sua esperança... a sua gloria, quando a morte, adejando com as suas negras azas sobre a fronte do guerreiro, lhe permite colher alguns louros para os depositar aos pés da sua amante !....

MARIA.

(*Inquieta e com amor.*) Alvaro ! vê que nos podem surprehender, que a minha ausencia pôde ser notada...

D. ALVARO.

(*Atalhando-a.*) Maria ! essa inquietação... acaso me não amarás já ? !...

MARIA.

(*Meiga e com tristeza*) Não te amar, eu ? !.... eu, que não deixava um unico momento de elevar as minhas orações á Virgem, para que te protegesse... que só em ti pensava, e que só para ti vivia ? !... Que apesar de não receber novas tuas, sempre te julgava fiel, e nem um unico instante deixava de pensar em ti ? ! ..

D. ALVARO.

Perdoa... sou injusto, bem o sei ; mas eu tambem de continuo me lembrava de ti ; via-te em toda a parte... em meus sonhos... no meio dos campos de batalla, no estrepito das bombardas... eras o meu anjo da victoria pronunciando teu nome...

MARIA.

(*Interrompendo-o.*) D. Alvaro, reconheço que muito me amas; mas vós outros, os homens, costumais sempre collocar este sentimento tão puro e tão doce a par de outros; não é só o amor que causa a vossa maior ventura; os vossos corações estremecem ao som bellico do clarim da guerra, como nós trememos quando ouvimos os passos de um

querido amante: — sonhais nas cruentas pelejas e nos combates, como nós pensamos nas doces emoções do amor: — correis para um sanguinolento e fêrvido conflicto, como nós voariamos para os braços de um terno e candido esposo: — vêdes com entusiasmo cahirem a vosso lado vossos irmãos, como nós veríamos prostrar a nossos pés um fiel e solícito namorado: — julgais-vos felizes quando a metralha se cruza sobre vossas cabeças, e as bombas estalão aos vossos pés, como nós nos julgamos ditosas quando os altares se preparão para receber nossos eternos juramentos, e o sacerdote nos une a um fiel consorte: — levantais as vossas orgulhosas frentes, quando os louros da victoria, tintos em sangue de inimigos e irmãos, corôão vossas altivas cabeças, como nós levantaríamos o rosto para que uma extremosa mãi nos prendesse o véo nupcial e nos cingisse a fronte com a flor da laranjeira. As guerras e a gloria são os vossos primeiros pensamentos, o amor é sempre secundario ás outras paixões!...

D. ALVARO.

Não sou eu assim, que por ti daria tudo quanto possuo... dar-te-hia a existencia...

MARIA.

(*Atalhando-o.*) Nós, as mulheres, pensamos de outra maneira: a nossa gloria, é o amor — a nossa felicidade, a nossa existencia, os nossos cuidados, são o amor — este sentimento é o destino da mulher!...

D. ALVARO.

(*Com fogo.*) O destino, a felicidade, a vida, a existencia, os cuidados, a gloria, és tu só... Maria é só o meu pensamento, é todo o meu viver!.... (*Ajoelha, pega-lhe na mão e leva-a aos labios.*)

MARIA.

(*Com amor.*) Oh!... haverá felicidade maior do que esta? !....

D. ALVARO.

Maria!... quanto sou feliz!...

LA PUEBLA.

(*Por entre dentes e com raiva.*) Que não possa a ponta d'este punhal dar-te a felicidade que mereces!...

D. ALVARO.

Jura-me uma outra vez que só a mim pertencerás!..

MARIA.

(*Com transporte.*) Eu 'o juro!

D. ALVARO.

(*Com fogo.*) Seja este osculo testemunha dos nossos juramentos!... (*Da-lhe um beijo na fronte.*)

MARIA.

(*Córando.*) D. Alvaro!... (*Vendo o irmão.*) Ah!!...

SCENA VIII.

OS MESMOS E O CONDE DE ATOUGUIA *entrando no momento em que D. ALVARO dá o beijo em MARIA.*

CONDE DE ATOUGUIA.

(*Lexando da espada com furor.*) Infame!... em teu sangue lavarei a injuria que me fazes! Se não és tão covarde como miseravel, leva desse ferro, e verás que não é tão facil vencer o braço de um irmão como seduzir uma innocente donzella!...

LA PUEBLA.

(*Dentro.*) Chegou bem a proposito!...

D. ALVARO.

(*Recuendo um passo e arrancando o alfange a meio: — a meia voz e por entre dentes.*) Se não fôra seu irmão!... (*Deixa cahir o alfange na bainha.*)

MARIA.

(*Lançando-se diante do conde que vai para D. Alvaro.*)
Piedade!... piedade, meu irmão!...

CONDE DE ATOUGUIA.

(*Agarrando-lhe n'um braço com força e fazendo-a ajoelhar.*) Desgraçada! ainda ousas metter-te entre mim e elle?!!...

D. ALVARO.

(*Fóra de si e levando do alfange.*) Insolente! se lhe tocas n'um só de seus cabellos, este ferro te provará que é mais facil prostrar uma delicada dama do que o braço do seu amante?!!...

MARIA.

(*Supplicante.*) Alvaro! é meu irmão!... (*O conde dá-lhe um empurrão, ella cahe desmaiada dando um pequeno grito.*)

CONDE DE ATOUGUIA.

(*Com furor.*) Seu amante! — Oh!... nunca! nunca o serás?!!...

D. ALVARO.

(*Indo soccorrer Maria.*) Maria!...

CONDE DE ATOUGUIA.

(*Mettendo-se de permeio.*) Entre ti e ella está este ferro!! — Só por cima do meu corpo lhe chegarás?!!...

D. ALVARO.

(*Desorientado.*) Eu a possuirei, ainda que seja á custa da tua vida?!!...

LA PUEBLA.

(*De dentro.*) Bem!... ella será minha!...

CONDE DE ATOUGUIA.

(*Orgulhoso.*) O conde de Atouguia defenderá sua irmã e a sua honra, enquanto uma gota de sangue correr em suas veias!...

D. ALVARO.

(*Com fogo.*) D. Alvaro defenderá a innocencia da sua amante e o seu amor até ao ultimo alento! (*Cruzão os ferros.*)

SCENA IX.

OS MESMOS: D. FELIPPA *entrando com presteza pela direita, indo ajoelhar diante de Maria e levantando-a a meio*:
D. JAYME *entrando de repente pelo fundo, com a viseira baixa e dirigindo-se ao conde e a D. Alvaro.*

D. JAYME.

(*Logo: separando-os com nobreza e orgulho.*) E eu defenderei a honra e o valor, protegerei o amor e a fidelidade, escudarei a virtude e a innocencia!... (*Indica successivamente o conde e D. Alvaro, estendendo o braço por cima de D. Felippa que de joelhos sustenta Maria:—D. Alvaro desce o alfinje e fica sosegado: o conde recua um passo com assombro medindo D. Jayme de alto abaixo.*)

D. FELIPPA.

(*Inquieta.*) Grande Deos!... Maria! minha filha!...

CONDE DE ATOUGUIA.

(*Com espanto.*) Minha mãe!...

LA PUEBLA.

(*Dentro e com voz sumida.*) Maldito cavalleiro!...

D. FELIPPA.

(*Levantando Maria pouco a pouco.*) Maria?!... não me ouves?... — Meu Deos! já vai tornando a si!...

D. JAYME.

(*Solemne.*) D. Alvaro! embainha esse ferro! (*Alvaro embainha o alfinje.*) — Senhor conde, embainhai a vossa espada.

CONDE DE ATOUGUIA.

(*Orgulhoso.*) Com que direito me impondes tal ordem?!....

D. JAYME.

(*Tirando-o á parte e a meia voz.*) Sr. conde, quando vossa mãe vos armou cavalleiro, e vos entregou a espada de vossos maiores, foi para defender a patria, e não para a cravar nos peitos dos filhos de Portugal!... — Se não quereis que vossos avós se levantem de seus tumulos e vos venhão amaldiçoar, embainhai essa espada que só deve ser empunhada contra peitos de Castella! !...

CONDE DE ATOUGUIA.

(*Entregando-lhe um papel.*) Mas este papel...

D. JAYME.

(*Lendo.*) « Correi ao salão do norte, ahí encontrareis « vossa irmã nos braços de um proscripto e de um... « de um... »

CONDE DE ATOUGUIA.

Não entendeis?... — tambem eu não entendi. — Está mal escripto...

D. JAYME.

(*Lendo a meia voz para D. Alvaro.*) « ... e de um jesuita! de um monstro! de um apostata!... »

D. ALVARO.

(*Voz sumida e á parte.*) Grande Deos! !...

D. JAYME.

(*Para D. Alvaro.*) Ainda bem que não entendeu!...
(*Para o conde.*) Se soubesseis a historia de D. Alvaro de Abranches, haviéis de o tratar como irmão, e não como inimigo!...

CONDE DE ATOUGUIA.

Sereis o filho de D. Gastão de Abranches?... desse martyr da patria?...

D. ALVARO.

(*Melancolico.*) Sou !... sou esse D. Alvaro que ha tres annos desapareceu de Portugal, e que todos julgárão morto : sou um desgraçado proscripto !...

CONDE DE ATUGUIA.

Os meus braços estarão sempre abertos para os verdadeiros filhos de Portugal ! — D. Alvaro de Abranches, se queres ser irmão do conde de Atougua, abraça-o !...

D. ALVARO.

(*Com transporte.*) Teu irmão !... teu irmão para sempre !... (*Abraço-se.*)

LA PUEBLA.

(*Com raiva reconcentrada.*) Ah !... e o santo officio sem chegar !...

MARIA.

(*Com alegria.*) Alvaro nos braços de meu irmão !... Minha mãe ! minha mãe ! quanto sou feliz !... (*Abraça-a e encosta a cabeça ao hombro della.*)

D. FELIPPA.

(*Com bondade.*) Minha filha !...

SCENA X.

OS MESMOS, *excepto LA PUEBLA que sahe do escondrijo, CHANDRA SINAY que logo sahe com D. JAYME.*

CHANDRA.

(*Entrando pelo fundo : com muito respeito e cruzando os braços ante D. Jayme.*) Vossas ordens são cumpridas. O capitão da fragata que acaba de fundear nas aguas do Tejo vos aguarda nesta galeria proxima.

D. JAYME.

Permitti que vos deixe por alguns instantes : breve serei comvosco, (*Para o capitão Chandra.*) Segui-me.

(*Sahe pelo fundo: D. Alvaro e o conde acompanhão-o alguns passos e depois voltão.*)

CONDE DE ATOUGUIA.

D. Alvaro, muito haveis soffrido e mui longos hão sido vossos pezares!...

D. ALVARO.

Sim, hei soffrido muito; — vi minha mãe morrer em meus braços!... meus irmãos cahirem a meu lado, cortados pelos ferros castelhanos!... nessa fatal revolução de mil seiscientos e trinta e sete!!... meu pai expirar sobre o cadafalso!!!... E eu, mais infeliz ainda, proscripto!... sem familia!... cheio de tormentos! e obrigado a abandonar a minha patria!... e a deixar ahi um... um anjo talvez tão infeliz como eu!!...—Justo Deos! quando acabarei de esgotar o calix da amargura?!...

MARIA.

(*Meiga.*) D. Alvaro, cobra animo, Deos é justo... ainda serás feliz...

D. ALVARO.

(*Com melancolia.*) Feliz?!... nunca! nunca o serei emquanto não puder ser teu para sempre! ..

D. FELIPPA.

D. Alvaro, amais minha filha como ella deve ser amada, digno sois de ser seu esposo: eu vol-a dou!... possais vós ser tão felizes como sois virtuosos!

CONDE DE ATOUGUIA.

(*Pegando na mão de Maria com ternura.*) D. Alvaro, jura pelo que tens de mais sagrado que farás a sua felicidade.

D. ALVARO.

Juro!!!... Ah!!!... (*Levando a mão á testa, e á parte.*) Grande Deos! que ia eu fazer?!... (*Fica triste e desesperado.*)

MARIA.

(*Assustada.*) Alvaro, que tens?!... esse silencio?!...

D. ALVARO.

(*Desesperado e com desalento.*) Que não possa ser já teu esposo?!... (*A' parte com voz sumida.*) Quando deixarei eu de ser um jesuita?!...

D. FELIPPA.

Céos!... que significará isto?!...

CONDE DE ATOUGUIA.

(*Severo.*) Cavalleiro, que quer dizer essa hesitação?!...

MARIA.

(*Com as lagrimas nos olhos.*) Alvaro, já me não amarás?!...

D. ALVARO.

(*Ajoelhando e pegando-lhe na mão.*) Não te amar, Maria?!... — Oh! Deos é testemunha de quanto soffro!... ainda não posso ser teu!... se soubesses?!... (*E' interrompido pelos familiares do santo officio que entrão de repente.*)

SCENA XI.

Os MESMOS, UM COMMISSARIO E OFFICIAES DO SANTO OFFICIO entrando pela esquerda: LA PUEBLA E O JESUITA pela direita.

COMMISSARIO.

(*Para D. Alvaro.*) Em nome do santo officio e de S. M. Catholica, estás preso, Alvaro de Abranches; accusado de apostasia! (*Os officiaes prendem e desarmão D. Alvaro.*)

MARIA.

(*Cahindo nos braços de D. Felippa.*) Um apostata?!... Virgem santa, valci-me!...

CONDE DE ATOUGUIA.

(*Com espanto.*) Um apostata!!!

D. FELIPPA.

Meu Deos, tende piedade de nós!!!

D. ALVARO.

(*A meia voz.*) Estou perdido!!! Maria! Maria! que será de ti?!!! Deos dos christãos, a vossa graça para ella!!!

LA PUEBLA.

(*Com um sorriso diabolico, e a meia voz para D. Alvaro.*) A fogueira aniquilará o teu amor! — Maria será enlaçada em meus braços!!

D. ALVARO.

(*Fóra de si.*) Maria nos teus braços!!! nos teus braços?!!! nos braços ensanguentados do algoz de meu pai?!!! — isso nunca!! nunca, vil carrasco!!!

CONDE DE ATOUGUIA, COMMISSARIO E OFFICIAES.

(*Com espanto.*) Um carrasco!!! um algoz!!!

JESUITA.

(*Com muita hypocrisia.*) Pobre mancebo!... perdeu a razão...

D. ALVARO.

(*Interrompendo-o com raiva.*) Tambem tu me insultas, infame jesuita...

LA PUEBLA.

(*O mesmo.*) Officiaes! em nome do santo officio levai esse impostor! esse abominavel apostata!!! (*Os officiaes vão arrastando D. Alvaro para o fundo.*)

D. ALVARO.

Miseravel carrasco!! maldição!!! maldição sobre ti!!!

LA PUEBLA.

Em nome de S. M. Catholica, arrastai-o! arrastai-o!!!

SCENA XII.

Os MESMOS, D. JAYME *apparecendo de repente pelo fundo com a viseira baixa.*

D. JAYME.

(*Atalhando la Puebla com voz forte e impellindo os dous officiaes que prendem D. Alvaro*) Em nome da santa sé! largai-o!!!... (*Todos recuão com assombro.*) Cavalleiro D. Alvaro! estás livre! teus votos forão annullados pelo papa. (*Entregando alguns perguminhos ao commissario.*)— Senhor commissario do santo officio, lêde!

LA PUEBLA.

Ainda este amaldiçoado!!!...

D. JAYME.

(*Conservando a viseira baixa.*) Ainda! e sempre!!

LA PUEBLA.

(*Raiva reconcentrada.*) Eu me vingarei!! (*Para o jesuita.*)— Um escapou á fogueira, ambos cahirão debaixo do cutêlo do algoz!!!... as masmorras de S. Gião os aguardão!!!... (*Salhe pela direita; D. Jayme tira o alfange das mãos do official do santo officio e entrega-o a D. Alvaro.*)

D. ALVARO.

D. Jayme, como pudeste salvar-me?!... como apagaste a fogueira que me ia devorar?!...!

D. JAYME.

(*A meia voz.*) Era fogo do santo officio! — apagou-se com chuva de ouro!!!...

COMMISSARIO.

(*Acabando de ler.*) Em nome de sua santidade Urbano VIII, e da santa sé, estais livre, Sr. cavalleiro D. Alvaro, vossos votos são annullados.

D. ALVARO.

(*Correndo para Maria com transporte.*) Maria ! já não recuso a tua mão !... — és minha !... juro pela honra de cavalleiro, e pela cruz de Christo, fazer a tua felicidade ! !... (*Abraga-a e fallão baixo.*)

COMMISSARIO.

(*Para D. Jayme.*) Sr. cavalleiro, o summo pontifice manda-nos proteger-vos como se fosseis um de seus legados : assim pois dignai-vos dizer-nos em que vos podemos ser uteis...

D. JAYME.

(*Com orgulho.*) Nós vos agradecemos, Sr. commissario ; por agora nada precisamos, e havemos por bem de vos louvar a vossa boa vontade. (*Tem levantado a viseira.*)

JESUITA.

(*Sem olhar para D. Jayme.*) Falla como se fôra um rei !.....

COMMISSARIO.

Visto nada termos a fazer, permitti que nos retiremos. (*Sahe seguido dos officiaes pelo lado esquerdo.*)

JESUITA.

(*Encarando D. Jayme que lhe lança um olhar severo.*) Ah ! !... grande Deos ! é elle ! ! !... (*Foge espantado pela direita.*)

SCENA XIII.

D. JAYME, D. ALVARO, D. FELIPPA, D. MARIA, O CONDE DE ATOUGUIA ; — CHIANDRA SINAY E O COMMANDANTE DA FRAGATA na galeria do fundo.

D. JAYME.

Não perçamos tempo : a noite vai avançada, o saráu está acabado : é imprudencia demorar-nos por mais tempo nestes lugares ; esse miseravel conde de la Puebla é

capaz de tudo ; fariamos bem em deixar este palacio ! aquella porta dá para o céus junto do qual nos aguardão vinte homens e um escaler : (*Para D. Felippa.*) se quizerdes ter a bondade de nos acompanhar, terei o gosto de vos offerecer uma náu onde podereis repousar com segurança, enquanto Deos e as nossas espadas não decidirem a sorte de Portugal.

D. ALVARO.

Julgo ser o partido mais prudente que podemos tomar: ali estaremos ao abrigo da bandeira do principe, e se os Castelhanos forem tão audazes que nos vão inquietar, não respeitando o direito das gentes no pavilhão do rajah...

D. JAYME.

(*Atalhando-o.*) Se não respeitarem o seu pavilhão, respeitaráo as suas bombardas !!...

CONDE DE ATOUGUIA.

Parece-me que devemos accitar sem hesitar : a esquadriha do principe é mais segura do que os nossos palacios ; as bocas dos canhões são mais inviolaveis do que as nossas casas !

D. FELIPPA.

Accitamos de bom grado tão grande honra.

D. JAYME.

Partamos. (*Dá alguns passos, vai defronte da porta e recia.*) — Ah !!... Já é tarde !!... Estamos cortados !!... (*Leva da espada e desce a viseira.*)

SCENA XIV.

OS MESMOS, CONDE DE LA PUEBLA, LARRONCA e archeiros da guarda allemã : — *entrão pela esquerda.*

LA PUEBLA.

(*Voz forte.*) Em nome de S. M. Catholica e do conselho da vice-rainha, rendei-vos e entregai vossas armas !!

D. ALVARO.

(*Arrancando o alfunge.*) Defender-nos-hemos até á morte!!

CONDE DE ATOUGUIA.

(*Ao mesmo tempo, levando da espada.*) Morte ao primeiro que se approximar!!...

MARIA.

Alvaro! .. Ah!... (*Cabe-lhe nos braços, impedindo-o de se defender — os archeiros desarmão-o.*)

D. FELIPPA.

(*Ao mesmo tempo, mettendo-se entre os archeiros e o conde de Atouguia.*) Meu filho!!... (*Os archeiros desarmão-o.*)

LA PUEBLA.

(*Chegando-se para D. Alvaro, e designando D. Jayme.*) Archeiros! desarmai-o!!... (*Os archeiros vão para D. Jayme e recuão outra vez.*) — Arraes Larronea, conduzireis os prisioneiros ás masmorras da torre de S. Gião da Barra! — Avante, valentes tudescos!!... cincoenta ducados a quem o desarmar!!...

D. JAYME.

(*Em guarda e firme.*) Morte a quem se approximar!!

LA PUEBLA.

(*Levantando um punhal sobre o peito de D. Alvaro.*) Rende-te, ou este punhal passará o teu coração!!

D. ALVARO.

D. Jayme, o meu peito é de Portuguez! nao teme o ferro castelhano!... Salva-te, e salva estas damas!!...

D. JAYME.

A todos vos salvarci!!... (*Levantando a viseira: — voz severa.*) — Conheces-me, conde de la Puebla?!! (*)

(*) Vid. a 3ª estampa.

LA PUEBLA.

(*Recuando com espanto.*) Que vejo !!... — E' o capitão Jayme !!..

D. JAYME.

(*Voz terrivel.*) E' o rajah de Bounsuló !!... A mim, capitães !!...

OS ARCHEIROS.

(*Com espanto e recuando.*) O rajah ?!!...

OS DOUS CAPITÃES.

(*Sahindo da galeria do fundo.*) Lugar a S. A.!! (*Lanção dous archeiros por terra, os outros recuão: — D. Jayme sahe com todo o sangue frio, seguido pelos capitães:— ao mesmo tempo La Puebla descarrega uma punhalada sobre o peito de D. Alvaro, o punhal faz-se pedaços.*)

MARIA.

(*Cahindo nos braços de D. Felippa.*) Ah !!...

D. ALVARO.

(*Logo: abrindo as vestes indianas e mostrando um peito de aço polido.*) Era ferro castelhano !! quebrou-se sobre um peito de Portuguez !!...

LA PUEBLA.

(*Com furor.*) Oh! raiva !!... (*Atira com o cabo do punhal ao chão: D. Felippa levanta as mãos para o céo:— corre o panno.*)

FIM DO SEGUNDO ACTO E SEGUNDO QUADRO.

III.

Os Recontros.

E aquelas que per obras valerosas
Se vão da lei da morte libertando.

CAM.—LUS.

MALAGRIDA.

Enfin l'instant s'approche où par d'heureux forfaits
Nous verros de Bragance échouer les projets.
Je vous l'avait promis, et quoique ma prudence
Redoutat les périls d'une telle vengeance,
J'ai su trouver des bras, qui prompts à nous venger,
Dans le sang du tyran brûlent de se plonger.

.....
Bragance vous outrage, il outrage l'Eglise ;
Sa mort est légitime, et le Ciel l'autorise.

L'ABBÉ DE LONGCHAMPS—MALAGRIDA, Trag.

ACTO III.

Personagens.

| | |
|-------------------------|----------------------|
| D. ALVARO DE ABRANCHES. | CONSTANTINO DE VIZO. |
| D. MARIA DE VILHENA. | SARGENTO CARDANHAS. |
| D. FELIPPA DE VILHENA. | LARRONCA. |
| CONDE DE LA PUEBLA. | JOÃO. |
| D. DIOGO DE LA ROCCA. | MANOEL. |
| JESUITA THEODORO. | |

Soldados castelhanos, Paisanos portuguezes.

A scena passa-se junto a Setubal, em 3 de Dezembro de 1640.

QUADRO III.

É quasi noite. — Interior de uma casa pobre, cujas paredes são fabricadas com fragmentos de um templo romano; do lado esquerdo, uma porta dando para a estrada; do direito, uma janella deitando para o bosque de Vizo; á esquerda, no primeiro plano, uma mesa de pés torneados; de volta, alguns assentos toscos.

SCENA I.

CONSTANTINO, só, sentado junto da mesa, cantando e limpando um arcabuz: — conserva-se assim alguns instantes, depois absorto e meditativo continúa como fallando para si.

Grandes novidades devem ir a esta hora por Lisboa!... — Estes Castelhanos que têm chegado ao castello de S. Felippe com caras de desenterrados!... — rondas de soldados a pé e a cavallo pela estrada de Palmella e Azeitão!... guardas dobradas em Setubal... estou acreditando que o meu companheiro de Evora e do Algarve (*Batendo no arcabuz.*) ha de ter dentro em pouco que fazer!... (*Principia a carregar a arma: — ouve-se uma voz cantando em distancia.*) — Bello! arcabuz, polvora e balas, tudo está prompto; — só faltão os Castelhanos!... — mas elles não estão longe, daqui ao castello não ha mais espaço que tres tiros de arcabuz; e Setubal não fica em maior distancia! (*Ouve-se a voz de fóra cantar cada vez mais distinc-*

tamente -- Constantino escutando.) — Parece-me a voz de João... (*Ourem-se os ultimos versos de uma chacara popular.*) — E' elle... vem cantando a sua favorita. (*João, sempre cantando e batendo á porta : Constantino indo abrir.*) Já vejo que trazes boas novas, pois que tão alegre vens.

SCENA II.

CONSTANTINO E JOÃO *vestido como quem vem de jornada.*

JOÃO.

(*Entrando.*) Ora seja Deus Nosso Senhor nesta casa !... Ui !... ah !... — estou cansado !... sempre lhe digo que vim bem açodado ! e olhe que daqui a Lisboa não é perto !... — pois as estradas ? ! estão levadas do demonio ! — estão quasi tão más como os Castelhanos ! — e o frio que faz ? ! não se póde sahir da fogueira neste enregelado Dezembro !...

CONSTANTINO.

(*Atalhando-o.*) Acaba de fallar por uma vez, e dize o que ha de novo.

JOÃO.

Então, se eu acabar de fallar por uma vez, como diabo lhe hei de dar as noticias ?...

CONSTANTINO.

(*Zangado.*) Não estou para te aturar; falla, e anda depressa.

JOÃO.

Ora pois : logo que me chamou hontem ao meio dia, e me disse : — « João, tem chegado a Setubal muitos, Castelhanos vindos de Lisboa; falla-se n'uma conjuração, é preciso que vás ver o que ha de novo : » — Parti logo, e quando cheguei á beira do Tejo...

CONSTANTINO.

(Zangado.) Deixa-te de rodeios, e dize o que ha !

JOÃO.

Foi o diabo a quatro em Lisboa!... andou tudo n'uma pocira! — Os fidalgos arremessarão-se ao palacio da vice-rainha, derribarão as guardas castelhanas e allemãs, e o ministro Miguel de Vasconcellos foi lançado pelas janellas fóra, e arrastado pelas ruas da cidade! !...

CONSTANTINO.

(Com transporte.) Oh ! que não estivera eu lá !...

JOÃO.

Ora pois ! o castello de S. Jorge entregou-se aos nossos, e por toda a parte não se ouvia outra cousa senão — Viva a liberdade ! viva Portugal ! viva o senhor rei D. João o IV !

CONSTANTINO.

Mas quem é D. João o IV ? !...

JOÃO.

Quem é ? ! — essa é boa ! eu sei lá disso ? ! — com tanto que seja um rei portuguez, é o que nós queremos ; e então chamado João ? ! — é o mais guapo nome que ha em Portugal ? !... — não desfazendo no seu, Sr. Constantino..

CONSTANTINO.

(Tendo estado pensativo.) Já sei : — é o duque de Bragança !

JOÃO.

Ah ! — agora me lembro, é elle mesmo.

CONSTANTINO.

Bem ; corre a dar parte aos nossos amigos do que se tem passado : — dize-lhes que é necessario acabar com todos os Castelhanos que estão em Setubal ; que preparem as armas e estejam promptos á meia noite : logo que os sinos tangerem alarme, sahirão para a rua.

JOÃO.

Vamos ter outras historias como ha tres annos em Evora e no Algarve: pena é que o Sr. D. Alvaro de Abranches, que Deos haja, não seja vivo para nos mandar.

CONSTANTINO.

(*Com pezar.*) D. Alvaro de Abranches e seu pai forão victimas desse amaldiçoado conde de la Puebla!... (*Com rancor.*) Mas o pagem vingará seus amos!... e tambem vingará sua irmã deshonorada!!... Conde de la Puebla! vil seductor! infame assassino!... (*Com raiva reconcentrada.*) Trinta vezes cravarei este punhal no teu coração de tigre!!... (*Dão Ave-Marias, Constantino socega, João tira o chapéo: ambos rezão: acabão de dar as badaladas: benzem-se: — Constantino com socego.*) — João, tu has presenciado as minhas desgraças!... sabes como tenho sabido soffrer?... dentro em pouco verás como me sei vingar!... — vai, sê prudente; Deos ajudará os bons, e punirá os máus!...

JOÃO.

Fique descansado, que eu me saberei haver. (*Sabe: principia a escurecer pouco a pouco: Constantino acende um candieiro e põe-o em cima da mesa, senta-se e fica absorto; João, tornando a entrar.*) — Sr. Constantino, está ali um frade que lhe quer fallar.

CONSTANTINO.

(*Levantando-se.*) Um frade?!...

JOÃO.

Sim, senhor: — por signal que não tem lá muito cara de monge!

CONSTANTINO.

Dize-lhe que entre.

JOÃO.

(*Chamando para fóra.*) O' lá! meu reverendo!... póde

entrar! esta casa é sua... (*Para Constantino.*) — Estava assentado ao pé do cruzeiro: pobre homem! pareço bem cansado!!...

SCENA III.

CONSTANTINO e um frade. — *O capuz cobre-lhe parte do rosto, traz barbas brancas e compridas: andar algum tanto curvado.*

CONSTANTINO.

Bem vindo sejais a esta vossa choupana, meu reverendo.

FRADE.

Deos vos salve, meu irmão.

CONSTANTINO.

Mui cansado vindes... sentaivos...

FRADE.

Agradecido; já descansei nas escadas daquelle cruzeiro.

CONSTANTINO.

Vindes de muito longe?

FRADE.

Do Oriente, meu irmão; de terras da India...

CONSTANTINO.

De terras da India?!...

FRADE.

Sim, Constantino, da India!...

CONSTANTINO.

Sabeis o meu nome?!...

FRADE.

N'outro tempo fomos conhecidos...

CONSTANTINO.

N'outro tempo !... mas... parece-me que reconheço a vossa voz !!

FRADE.

E as minhas feições ? — já as não reconheces ? !...

CONSTANTINO.

Na verdade não me são estranhas !... (*Correndo a mão pela testa.*) — Que idéa, meu Deus !! — mas não... não !!... não póde ser... estas barbas tão brancas !! — oh ! em nome do Céu,izei-me quem sois ? !...

FRADE.

Tres annos de trabalhos e pezares ter-me-hão mudado tanto, que o meu fiel e leal pagem me não conheça ? !... (*Tira as barbas, deixa cahir o capuz e fica de capacete com a barba do 1º e 2º acto.*) — Constantino ! ainda me não conheces ? ! !...

CONSTANTINO.

(*Recuando assombrado.*) Grande Deus !! é possível !... D. Alvaro ! meu amo !! vivo !!!... (*D. Alvaro abre os braços, Constantino lança-se nelles.*)

D. ALVARO.

Sim, sou eu, meu bom pagem !... meu amigo !...

CONSTANTINO.

E eu que vos julgava morto !...

D. ALVARO.

Oh !... ainda vivo ! Mas dize-me : sabes o que tem acontecido a D. Maria de Vilhena ?... á minha esposa ?...

CONSTANTINO.

A' vossa esposa ? ! !...

D. ALVARO.

(*Receoso.*) Constantino, que tens ? !... esse espanto !... acaso Maria !... oh ! ter-lhe-ha acontecido alguma desgraça ? !...

CONSTANTINO.

Não, não; mas vós, Sr. D. Alvaro... a ultima vez que vos vi... tinheis...

D. ALVARO.

Em nome de Deos, explica-te!...

CONSTANTINO.

Pois bem, vós ercis um... um padre jesuita!...

D. ALVARO.

(*Com transporte.*) Oh! esses votos forão annullados! o véo rasgou-se, a verdade chegou aos pés do papa, e o crime sustentado pela hypocrisia jesuitica desapareceu á vista da innocencia protegida pela honra e por um braço de bronze!...—Mas que novas me dás de Maria e de sua mãe?...

CONSTANTINO.

Pois não sabeis, Sr. D. Alvaro, que esse infame conde de la Puebla teve o arrojo de as conduzir presas?! —Foi justamente no dia 30 de Novembro, depois daquella noite tão tempestuosa e medonha, que uma liteira escoltada por mais de vinte dragões conduzia D. Felippa de Vilhena e sua filha ao castello de S. Felippe de Setubal.

D. ALVARO.

(*Melancolico.*) Foi no dia seguinte á noite do saráu! quanto devem ter soffrido!... E' necessario penetrar no castello, e salva-las!...

CONSTANTINO.

Não é isso muito facil: a guarnição está álerata, e não se deixará surprehender.

D. ALVARO.

Quando meu pai era governador do castello, ouvi-lhe fallar n'uma passagem occulta que do subterraneo ia dar...

CONSTANTINO.

(*Atalhando-o.*) Aquella torre muito antiga que está em ruínas, e que dizem ser obra dos Mouros ; está tão coberta de matto e silvas, que não sei se lá poderemos penetrar; vosso pai, que Deos haja, mandou tapar essa passagem a pedra e cal; mas nós temos bons braços, e...

D. ALVARO.

(*Interrompendo-o.*) Logo que dêem oito horas penetraremos nos subterrâneos: aproveitaremos a occasião em que toque a recolher; com o ruído das caixas não nos ouvirão: — estando dentro do castello, como conhecemos bem o seu interior, procuraremos Maria e sua mãe, e, com a protecção de Deos e da Virgem, liberta-las-hemos.

CONSTANTINO.

Deos o queira: — Mas dizei-me: como tendes escapado até hoje ás perseguições dos Castelhanos e dos jesuitas?...

D. ALVARO.

Por um feliz acaso: todos se persuadirão que eu tinha endoudecido quando tu me levaste aquella carta ao collegio: lembras-te?...

CONSTANTINO.

Se me lembro! por signal que ficastes tão furioso que distribuistes logo pancada á direita e á esquerda! Oh! como era para ver essa sucia de roupetas fugir diante de vós!... — Mas, apenas os taes jesuitas forão arremessados para dentro do côro da igreja, e se fechárão, partistes... e até hoje nunca mais tive noticias vossas! — por onde tendes andado?...

D. ALVARO.

(*Recordando-se.*) Desesperado e com a raiva no coração, tinha sabido desse collegio, aonde por minha desgraça havia entrado!... não sei de que maneira me achei junto do Tejo; a razão tinha-me abandonado!... olhei para a agua, e tive a idéa de me afogar!... — ajoelho,

eveo o pensamento a Deos e a Maria!... De repente um escaler, que rapido escorrega por cima das aguas tranquillias, veio tocar junto de mim... quiz fugir... já era tarde! — os vestidos rasgados, o rosto desfigurado, tornarão-me suspeito: o official de marinha, que vinha no escaler, corre sobre mim e exclama com espanto.— « D. Alvaro!... D. Alvaro de Abranches!!... » — Não pude responder, cahi desfallecido nos braços de um amigo, de um antigo companheiro. Quando tornei a mim achei-me a bordo da fragata que elle commandava, e que devia partir para a India dentro de quarenta horas. Só tive tempo de dizer um ultimo adeos a Maria!... mal sabia ella que seus braços cingião um jesuita!!...

Logo que a fragata levantou ferro, subi ao convez, lancei os olhos para Lisboa, levei a mão ao coração!... e uma segunda vez o apostata e o proscripto cahio nos braços do seu amigo, dizendo um ultimo adeos á patria e á sua amante!!...

CONSTANTINO.

Quanto tendes soffrido!!...

D. ALVARO.

Uma feliz e breve viagem nos conduziu á India: navegavamos com vento em pôpa nas alturas de Bombaim: os officiaes passeavão contentes, os marinheiros cantavão alegres com tão bella viagem. — De repente o official de quarto fixa com mais attenção o oculo, e participa ao capitão que no horisonte se distinguem tres velas: no mesmo instante toca a postos, e breve se conhece que as embarcações são tres náus hollandezas; o inimigo era superior em forças, o combate inevitavel; capitular, seria cobardia.

O capitão colloca-se no seu posto, um silencio de morte reina a bordo; — porém os adversarios avanção arrogantes, e dos costados das suas náus partem tres

bandas de artilharia. — a fragata responde-lhe logo com o fogo dos desesperados: a abordagem é dada, o ataque torna-se mais encarniçado... já poucos soldados nos restão: o numero está a ponto de vencer o valor, quando por entre o fumo da peleja se descobre outra nau que com todas as velas corre para o lugar do combate: as suas portinholas vêm levantadas, as peças mettidas em bateria: — breve está ao alcance da artilharia... de repente uma banda de cincoenta canhões sahe daquelle bojo fluctuante, e por entre nuvens de fumo e fogo se eleva o branco pavilhão, fazendo brilhar as réguas e formidaveis quinas de Portugal!

Rapida como o relampago, volta-se de bombordo a estibordo, e outra descarga parte com a detonação do trovão! — o combate continúa, e a bandeira hollandeza, já victoriosa, cahe vencida pelo ferro portuguez!

CONSTANTINO.

Que bello dia não havia de ser esse!...

D. ALVARO.

Apenas a ordem se restabeleceu, meu amigo me disse: — « Deos é por nós, eis ali um protector que elle nos
« envia: vou apresentar-vos ao rajah de Bounsuló,
« o mais valente e intrepido capitão de todas as Indias,
« e o mais nobre cavalleiro dos que hão cingido a fronte
« com uma corôa real: » — Fomos ter com este alentado guerreiro, que desde logo me deu um posto distincto em seus exercitos.

CONSTANTINO.

E quem era essa rajah?

D. ALVARO.

(*Sorrindo-se.*) Um destemido Portuguez, que como eu havia sido proscripto, e que á frente de alguns aventureiros, e ajudado pela sua valente espada, se tornou um dos mais poderosos principes do Indostão, e foi aclamado rajah de Bounsuló: — o fidalção, seu visinho, temen-

do que um dia este principe lhe dictasse as leis, declarou-lhe a guerra: — logo tambores, clarins e atabales resoárão por toda a parte: os campos cobrirão-se de peões, cavalleiros e elephantes: ricos estandartes se desenrolão, bandeiras tremulão ao vento. Encontrão-se os exercitos, a grita (4) dos inimigos se eleva aos ares, cruzão-se os pelouros, ribomba a artilharia, a terra junca-se da cadaveres! rios de sangue correm em jorro por toda a parte!... O inimigo é repellido, e nós alcançamos uma completa victoria: — Nesse mesmo dia o rajah declarava a todo o seu exercito que eu ficava sendo o seu primeiro general e seu irmão d'armas.

CONSTANTINO.

Eis ahí um grande principe!... e como elle deve ser valente! quem me dera conhece-lo!

D. ALVARO.

(*Com malícia.*) Não é isso muito difficil; ha pouco recebi este bilhete d'elle — lêde. (*Du-lhe um bilhete que traz no cinturão da espada, por baixo do habito.*)

CONSTANTINO.

(*Lendo.*) « A' meia noite, eu e o conde de Atouguia « estaremos no cruzeiro das ruinas, junto da casa de meus « pais: logo que chegue darei um assobio para te prevenir, tu faze o mesmo; sê exacto, e não faltes. — *Jayme.* » — (*Interrompendo-se.*) Jayme!!... Grande Deos! esta letra!... esta letra!!... — é d'elle!!... — é elle!!...

D. ALVARO.

(*Sorrindo-se.*) Elle quem?!...

CONSTANTINO.

O nosso antigo amigo, o companheiro da nossa infancia... o nosso camarada que nos acompanhou á restauração da Bahia!! (5) — Mas quem diria que Jayme, filho

(4) Vid. a 4ª nota no fim.

(5) Vid. a 5ª nota no fim.

de um simples lavrador, se havia de tornar n'um príncipe?!... *(Batem pela parte de fóra duas fortes pancadas na porta: Alvaro cobre-se com o capuz.)* — Quem bate?

JOÃO.

(De fóra.) Sou eu e alguns amigos que vimos beber uma pinga á saude do senhor rei D. João o IV!...

MANOEL.

(De fóra e interrompendo-o.) Falla baixo, diabo, que as rondas dos Castelhanos audão perto!... *(Constantino abre a porta.)*

SCENA IV.

Os MESMOS, JOÃO, MANOEL e alguns PAISANOS.

JOÃO.

(Entrando.) Ora sempre és bem medroso!... estás um bom maricas!... bem mostras que és sacristão!... *(Reparando em D. Alvaro.)* — Perdoe vossa reverencia, que o não linha enxergado... *(Todos tirão os chapeos com respeito.)*

MANOEL.

Estimo muito encontrar aqui vossa reverencia, para nos dizer qual de nós mente ou falla verdade: — eu digo que...

JOÃO.

(Interrompendo-o.) Tu dizes uma grande mentira; eu estive em Lisboa, e não ouvi fallar nisso.

MANOEL.

(Meio zangado.) Quem me contou não mente: foi um santo frade que está em intimidade com Deos.

CONSTANTINO.

(Para Manoel.) Então que diabo é isso?!...

JOÃO.

(Rindo-se.) Parvoices do nosso sacristão.

MANOEL.

(Zangado.) Parvoices !... ora, se sua reverencia me quizesse ouvir...

CONSTANTINO.

Pois bem, falla.

MANOEL.

E' o caso : — naquella noite em que cahirão muitos raios, ha quatro dias, levava o escaler do arraes Larronca, para a torre de S. Gião, um ladrao de um jesuita chamado... chamado...

D. ALVARO.

(A meia voz para Constantino.) E' a minha historia !... já anda por boca de frades !... — vejamos como ella está desfigurada...

MANOEL.

..... chamado... não me lembro como se chamava... é o mesmo, o nome não faz ao caso ; — dizia-se que o tal padrega tinha vendido a sua alma ao diabo, assim como um certo conde que ia com elle para a mesma torre. — A noite estava tempestuosa e escura, o Tejo parecia o mar, os marinheiros ião todos molhados, e tanto se zangarão que mandarão tudo ao diabo !!... — Vai se não quando, surge uma grande barca negra... negra como um carvão !... com mais de quarenta demonios a remar, e o diabo no meio delles ! ! ... no mesmo instante o ar fez-se em fogo !!... e o escaler, o padre, o conde e toda a sucia, foi tudo lá para baixo, para o inferno !!!... (Faz o signal da cruz, assim como alguns paisanos.) — E Jesus !... Deos nos livre de semelhante sorte !!!...

PAISANOS.

Amen !!!...

CONSTANTINO.

E das tuas parvoices... (A meia voz para D. Alvaro.) — Que quer dizer isto ?!...

D. ALVARO.

(*O mesmo.*) Foi D. Jayme que me salvou sobre o Tejo, quando eu e o conde de Atouguia iamos presos para a torre de S. Gião: — contar-vos-hei tudo mais de vagar... (*E' interrompido por tres fortes pancudat dadas na porta.*)

CONSTANTINO.

Quem é?!...

UMA VOZ.

(*Da parte de fóra, com accento castelhano.*) Abri em nome de el-rei!!... (*Espanto gerat; Constantino pega no arcabuz, vai abrir a janella que deita para o bosque, e faz signal aos paisanos para sahirem: D. Alvaro despe o habito e lança-o em cima da mesa, ficando vestido com a armadura do 1º acto.*)

PAISANOS.

(*Com assombro.*) Um fidalgo!!... um cavalleiro!!... (*Principião a saltar pela janella.*)

VOZ.

(*De fóra.*) Em nome de S. M. ! abri, ou mettemos a porta dentro!!...

CONSTANTINO.

De que magestade?!...

VOZ.

Quantas magestades ha?!...

CONSTANTINO.

(*Medindo as palavras para dar tempo a que os paisanos saltem.*) Deixai ver: — ha S. M. Britannica, de Inglaterra: — S. M. Christianissima, de França: — S. M. Catholica, de Castella: — e S. M. el-rei D. João o IV, de Portugal!!...

VOZ.

(*De fóra.*) Soldados! arrombai a porta! morte aos rebeldes!!...

CONSTANTINO.

Saltai, Sr. D. Alvaro.

D. ALVARO.

Salta primeiro... (*Constantino salta, D. Alvaro segue-o, a porta é abaluda.*)

CONSTANTINO.

(*De fóra da janella.*) Diabo! que não apaguei a luz!... oh!... esperai!... (*Apointa o arcabuz: a porta cede e os Castelhanos entram em confusão.*)

SCENA V.

CONSTANTINO, *de fóra, apontando o arcabuz a luz;*
CARDANHAS *a frente de alguns SOLDADOS.*

CARDANHAS.

(*Para os soldados, com accento castelhano.*) Fugirão pela janella... avança!...

CONSTANTINO.

(*Interrompendo-o.*) Boas noites, Srs. Castelhanos!... Faz fogo: o candieiro cahi, ficando tudo escuro: — os Castelhanos recuão com assombro: — corre o panno,

FIM DO TERCEIRO QUADRO.

QUADRO IV.

Subterraneo no castello de S. Felippe, em Setubal; architectura pesada e sombria; no primeiro plano, portas lateraes dando para os quartos onde D. Felippa e D. Maria de Vilhena se achão presas; no segundo, do lado direito, uma especie de abertura na parede, tapada a pedra e cal; em frente, do lado esquerdo, porta conduzindo ao alto do castello; e noite; um unico lampeão preso no tecto illumina o primeiro plano e deixa o fundo em escuro.

SCENA I.

D. DIOGO DE LA ROCCA *entrando pelo lado esquerdo*:—
logo depois ARRAES LARROCCA.

D. DIOGO.

(*Com accento castelhano.*) Parece que o diabo se metten dentro de todos os Portuguezes!... nunca vi povo mais terrivel!... pois orgulhoso com a sua liberdade?!... — Nunca me enganei eu com semelhante gente, quando ha tres annos vim para este reino com a divisão do duque de Medina Sidonia: então ainda eu não fallava esta diabolica lingua que tanto me custou a aprender; por onde quer que passavamos, se perguntava alguma cousa a algum destes insolentes, respondia-me logo, carregando a sobranceilha — « *não entendô* » — e *a la dreira vivírao*, voltavão as costas, e *adiós*.

Agora estão elles todos loucos com o seu duque de

Beagança! — por toda a parte esta canalha canta, dança, folga e grita — « Viva o senhor rei D. João o IV!... » — e a maior parte delles não conhece o tal João!... — ainda se fôra só isto, meio mal... mas o peor é que elles atirão-nos como a cães damnados!...

LARRONCA.

(Entrando.) Aqui temos outro fallando só!!... — bem digo eu que todas as nossas cabeças andão transtornadas! — Olá! Sr. D. Diogo de la Rocca!!...

D. DIOGO.

(Voltando-se.) Quem é?!... oh! sois vós, mestre arcaes?!... como estais?... o banho do Tejo não vos consipou?

LARRONCA.

Nós outros estamos acostumados á agua: — assim eu me pudesse habituar ao tal assobio das balas! — com um milhão de diabos... ou de Portuguezes, que vale o mesmo! — sempre vos digo, Sr. tenente, que me vi Grego para fugir de Lisboa e chegar até aqui!... e de certo não chegaria, se não viessemos, eu e o jesuita Theodoro, disfarçados em frades...

D. DIOGO.

Viestes vestidos de frades?!...!

LARRONCA.

Que remedio!... é que o meu amigo jesuita tinha lá suas razões para não trazer a sua roupeta: segundo elle me disse, se o povo o conhecesse, far-lhe-hia o mesmo que fez a Miguel de Vasconcellos, a quem arrastarão todo o dia pelas ruas da cidade: — pena foi, que era elle um dos nossos!...

D. DIOGO.

Assim é; mas dizei-me como diabo foi aquella historia do Tejo?

LARRONCA.

Como foi?!... um caso bem natural; a noite estava escurissima, não se via duas pollegadas adiante do nariz: nós faziamos força de remo para chegar á torre de S. Gíao, quando, ao clarão de um relampago, avistámos uma barca negra que vinha sobre nós como um raio!... apenas tive tempo de gritar — « volta, que abalroamos! » — Eu voltei logo o leme, e o meu escaler atravessou; mas a barca, em lugar de fazer o mesmo, vem sobre nós, bate com a prôa no centro do escaler, e... e fomos fazer companhia aos peixes!...

D. DIOGO.

E só vós escapastes?!

LARRONCA.

Só, porque era o unico que sabia nadar... ainda se a infernal barca voltasse atraz, poderia salvar alguém... mas qual! logo que eu vim ao de cima d'agua e esfreguei os olhos, vi-a, ao clarão de um relampago, correr, que a levava Satanaz!

D. DIOGO.

E os dous presos?

LARRONCA.

Esses forão para o fundo como um prego: — foi uma felicidade para elles, porque, ou morrerião sobre o cada-falso, ou esta faea (*Tira uma faea do cinto.*) Hes faria o mesmo que tem feito a outros que taes...

D. DIOGO.

De mais sois vós capaz... mas não vos quereria estar na pelle, se cahissey nas mãos dos Portuguezes!...

LARRONCA.

Descansai: não sou tão tolo que me vá metter na boca do lobo...

SCENA II.

OS MESMOS, O CONDE DE LA PUEBLA E O JESUITA
THEODORO.

LA PUEBLA.

Ide ver se as sentinellas estão vigilantes. (*D. Diogo inclina-se e sahe: para o Jesuita.*) Assim pois, não ha outro meio de nos salvarmos?...

JESUITA.

(*Sempre com hypocrisia.*) Não vejo outro. — Se Deos Nosso Senhor não permittir, para socego dos povos, para bem da humanidade, e para afastar a guerra civil, que o duque de Bragança seja morto em breve tempo, estamos perdidos, e ninguem nos poderá valer; todas as fortalezas em que havião guarnições castelhanas têm-se rendido ou têm sido tomadas á viva força: a revolta lavra por toda a parte com uma rapidez espantosa, e...

LA PUEBLA.

(*Atalhando-o.*) Seremos soccorridos pelos exercitos de Castella, e esmagaremos estes vis peões!...

JESUITA.

Os exercitos de Castella estão distantes... e os ferros desses peões estão sobre as nossas cabeças!... — Sr. conde, antes que um soldado de Castella pise terras de Portugal, já nós seremos pó, terra, cinza e nada!...

LA PUEBLA.

Se aquelle cobarde D. Luiz del Campo não tivera rendido o castello de S. Jorge!... (*Pausa.*) Pois bem! esse duque rebelde morrerá!! — Arraes Larronca! sabeis atirar bem?... sois capaz de matar um homem a cincoenta passos de distancia?...

LARRONCA.

A cem ou duzentos, se o mosquete ou arcabuz fôr bom.

LA PUEBLA.

Pela arma respondo eu, tenho-as excellentes!... — mas cuidado, não erres!

LARRONCA.

Ficai descansado. — Quem deve morrer?...

LA PUEBLA.

O duque de Bragança (6), a quem essa vil canalha proclama rei!

LARRONCA.

Diabo!... não será tão facil como têm sido os outros!... o duque está em Villa-Viçosa...

LA PUEBLA.

Já vem caminho de Lisboa; amanhã deve chegar ao Tejo.

LARRONCA.

Nesse caso, Sr. governador, podeis rezar-lhe por alma... mas... (*Pequena pausa.*) — Eu não o conheço!...

LA PUEBLA.

O jesuita Theodoro vos acompanhará, e vos dirá sobre quem deveis apontar...

JESUITA.

Eu !!... Deos me livre !!...

LA PUEBLA.

Não ha outro remedio... demais, o caso não é tão feio como parece: o duque vem acompanhado de pouca gente, vós ides disfarçados em frades, collocar-vos-heis n'um sitio vantajoso... aonde a estrada fôr mais propria: logo que o tal rei D. João appareça, apontais, e...

(6) Vid. a 6ª nota no fim.

LARRONCA.

E era de uma vez um duque e um rei !!...

LA PUEBLA.

Antes que os criados voltem a si do susto e espanto, vós...

LARRONCA.

Descansai... tenho boas pernas, e já não é a primeira vez que faço uso dellas em tal officio.

LA PUEBLA.

Bem, segui-me, que vos vou dar o arcabuz para o carregardes á vossa moda: — á meia noite deveis partir; ainda tendes quatro horas para vos preparardes. (*Para o jesuita.*) — Esperai-me, que já volto. (*Schem.*)

SCENA III.

JESUITA THEODORO.

(*Coçando a cabeça.*) Emfim, não ha remedio senão acompanhar este facinora... Mas apenas eu lhe mostrar o duque... pernas para que te quero! — não me deixarei pilhar, não!... (*O relógio do castello dá oito horas; á primeira badalada o jesuita estremece.*) Ui!!... Ah!!... — é o relógio que dá oito horas!... daqui a quatro terei de partir!!... (*Olhando de volta de si com medo.*) — Estes subterraneos são tão medonhos!... tão escuros!!... aperta-se-me o coração quando olho para estes pilares que parecem fantasmas sustentando estas abobadas tão pesadas!... tão sombrias!... tão... (*O rufo dos tambores, tocando a recolher por cima dos subterraneos, interrompe o jesuita que fica meio suffocado.*) — Jesus!!... san....to!!... Anto... nio!!... Ah!!... ai! — que medo me fizeram estes malditos tambores! — tocão a recolher... eu tambem me vou safando daqui... não gósto destes lugares!... (*Sabe: a scena fica deserta um instante; os tambores continuão a tocar.*)

SCENA IV.

O CONDE DE LA PUEBLA, e em seguida
D. DIOGO DE LA ROCCA.

LA PUEBLA.

(Entrando.) Muito medroso é este hom jesuita!... apenas ouviu os tambores tocarem a recolher, fugiu, que...

D. DIOGO.

(Entrando e interrompendo-o.) Sr. governador!... Sr. governador!...

LA PUEBLA.

Que temos? *(Os tambores calão-se.)*

D. DIOGO.

Os soldados que rondavão no alto de Vizo, junto ás ruínas do templo romano, ouvindo barulho em casa de Constantino, arrombarão-lhe a porta, e entrarão: -- os paisanos que ali estavam fogem pela janella, os soldados perseguem-os, e vêm ao longe reluzir um capacete de cavalleiro; depois de diversos rodeios, aquelle que o levava escondeu-se nas ruínas do forte velho...

LA PUEBLA.

E prenderão-os?

D. DIOGO.

Não sendo senão dez soldados, mandão pedir reforço para que elles se lhes não escapem.

LA PUEBLA.

Mandai trinta mosqueteiros, e que m'os tragão vivos ou mortos!

D. DIOGO.

Nota-se grande effervescencia no povo da villa e das aldéas: -- peões cruzão as estradas em grandes bandas, e ao longe ouvem-se gritos e vivas a D. João o IV e á independencia de Portugal!

LA PUEBLA.

Fazei reconcentrar todas as rondas e guardas na praça de Setubal. (*D. Diogo inclina-se e sahe.*)

SCENA V.

O CONDE DE LA PUEBLA, e logo depois
D. MARIA DE VILHENA.

LA PUEBLA.

Vejamos se a orgulhosa D. Maria de Vilhena ainda se mostra tão alliva como outr'ora, e se ousa desprezar um grande de Castella a troco de um vil Portuguez!... — De um vil Portuguez, que ora não passa de um cada-ver!... (*Indo abrir a porta da esquerda, e fallando para dentro.*) Muito nobre e illustre Sra. D. Maria de Vilhena, podeis sair, se vos apraz...

MARIA.

(*Sahindo pallida e em desalinho.*) Em nome de Deos, senhor, deixai-me ver minha mãe.

LA PUEBLA.

(*Indo metter as chaves na fechadura da porta da direita.*) Eis as chaves da sua prisão: — vel-a-heis no momento em que me quizerdes pertencer...: aceitai e minha mão, e sereis senhora absoluta deste castello...

MARIA.

(*Interrompendo-o com orgulho.*) Aceitar a vossa mão!... — não sabeis que fallais a uma descendente dos Ataydes?!... persuadiéis vos que a filha de D. Felippa de Vilhena deshouraria os brasões de seu irmão o conde de Atougua, unindo-se ao algoz do nobre cavalleiro D. Gastão de Abranches?!...

LA PUEBLA.

(*Com raiva e torcendo do punhal.*) Oh!!... nem mais uma palavra, ou este ferro...

MARIA.

(*Com desprezo.*) Mui valente sois, Sr. conde de la Puebla!... um cavalleiro como vós não deve soffrer tão grande injuria!... não vos arrependais!... embebei-me esse panhal no scio... — Uma debil mulher não pôde resistir ao puiso armado de um homem, e esse instrumento é o mais proprio para um cobarde!... sim!... para um Castellano!...!

LA PUEBLA.

Desgraçada!... mas tu me pertencerás!... tu serás minha, por vontade ou por força!...

MARIA.

Pertencer-vos por vontade?!... nunca!... por força?!... primeiro espedirei minha cabeça de encontro a esses pilares!... — Podereis possuir um cadaver!... Mas não!... nem o meu cadaver possuireis!... tenho um amante! tenho dois irmãos que vo-lo hão de arrancar!... e que me hão de vingar!...

LA PUEBLA.

(*Com sorriso affrontoso.*) Teu amante?!... teu irmão?!... ah! ah! ah!... Os finados não voltão a este mundo!...

MARIA.

(*Inquieta.*) Que dizeis?!... Alvaro... meu irmão?!...!

LA PUEBLA.

O caudaloso Tejo B fez rolar seus cadaveres ao oceano!!

MARIA.

(*Aterrada.*) Ah!...!

LA PUEBLA.

(*Com escarneo.*) Já tremes, activa dona?!... já não és a orgulhosa descendente dos Alaydes e Alouguías?!... a tua soberba!... a soberba de uma Vilheaa! já se abateu a meus pés?!...

(B) Ver a 3ª nota no fim.

MARIA.

(Reanimando-se.) A vossos pés ! — oh ! isso jamais !... persuadis-vos que vos acredito ? !... não sabeis que Deos vela sobre o justo e castiga o oppressor ? !...

LA PUEBLA.

Como te enganas, Maria de Vilhena ! ! — O teu Alvaro e tua irmã cahirão debaixo do meu poder !... — são victimas da minha vingança ! !...

MARIA.

(Assustada.) Per Deos ! dizei que tudo isso é falso !... que...

LA PUEBLA.

(Athalhando-a.) Não é falso, não !... é a pura verdade !...

MARIA.

(Aterrada.) Céos ! !...

LA PUEBLA.

E não serão elles sós !... tua mãe em breve terá a mesma sorte !...

MARIA.

(De joelhos.) Oh !... piedade !... piedade !...

LA PUEBLA.

(Attico.) Ah !... Eis-te ahí pois a meus pés ? !... Agora também eu farei de senhor !... e tu de escrava !... — de escrava desse Castelhanao que tanto desprezas ! !...

MARIA.

(Levantando-se com orgulho.) Eu !... tua escrava ! !... nunca ! !... nunca ! ! !...

LA PUEBLA.

(Desesperado.) Até hoje mulher alguma me ha resistido !... não serás tu a primeira !...

MARIA.

(Afastando-se.) Virgem Maria ! salvai me !...

LA PUEBLA.

(*Com raivã e seguindo-a.*) Nem a Virgem, nem o inferno te salvarão !!... (*Forte.*) Maria de Vilhena!! vais ser minha !!!...

MARIA.

(*Fugindo afflicta.*) Meu Deus !... meu irmão !... minha mãe !... Alvaro !... Alvaro !!....

LA PUEBLA.

(*Perseguindo-a.*) Debalde gritarás !!... os mortos não ouvem !!... (*Agarrando-a.*) — Agora não haverá poder algum que te arranque de meus braços !!!....

SCENA VI.

OS MESMOS, D. ALVARO E CONSTANTINO.

D. ALVARO.

(*Fazendo rolar por terra a parede da passagem occulta, saltando por cima das paredes com a adaga em ameaça, e atalhando La Puebla com voz terrível.*) Ainda ha um !! — E' o castigo de Deus !!... dirigido pelo braço do amante !! — Fulminado pelo ferro da vingança !!!... (*Derriba-o com um golpe de adaga.*)

MARIA.

Alvaro !!... ah !... (*Cabe-lhe nos braços.*)

CONSTANTINO.

Depressa, Sr. D. Alvaro !... retiremo-nos !...

MARIA.

Alvaro ! Alvaro ! salvai minha mãe !...

CONSTANTINO.

(*Bravo.*) Aonde está ella ? !...

MARIA.

(*O mesmo.*) Nessa prisão !

CONSTANTINO.

(*Indo à porta e abrindo-a.*) Ainda bem que a chave está na porta !... (*Chamando para dentro.*)— Sra. condessa ! Sra. condessa !...

D. FELIPPA.

(*Dentro.*) Quem me chama ? !...

CONSTANTINO.

Depressa, depressa, salve-mo-nos !...

(*Durante este tempo, La Puebla, ligeiramente ferido, tem-se levantado pouco e pouco, e sahido sem que o percebão.*)

SCENA VII.

D. ALVARO, D. FELIPPA, D. MARIA, CONSTANTINO.

D. FELIPPA.

(*Entrando.*) Maria ! minha filha !...

MARIA.

Minha mãe !... (*Abraço-se.*)

LA PUEBLA.

(*Dentro, voz remota.*) A mim, soldados !... A mim, valentes Castelhanos !!...

CONSTANTINO.

Estamos perdidos !!... (*Corre a fechar a porta por onde tem sahido La Puebla.*)

D. ALVARO.

Oh ! desesperação !!... errei o golpe !!...

MARIA.

Jesus !...

D. FELIPPA.

(*Ao mesmo tempo.*) Grande Deus ! protegei-nos !...

CONSTANTINO.

(Brave.) Ainda nos poderemos salvar!... Vinde!... Vinde depressa!... *(Vai a entrar na passagem subterranea, tres tiros partem della.)*

D. ALVARO.

(Desesperado.) Estamos cortados !!!...

MARIA.

Ah!...

LA PUEBLA.

(De fóra.) Soldados!... arrombai esta porta!... *(Vozes confusas e golpes violentos sobre a porta.)*

D. ALVARO.

Constantino! vê se te salvas, e previne D. Jayme e o conde de Atouguia!... *(Constantino deita-se no chão, junto da parede: a porta é arrombada.)*

SCENA VIII.

OS MESMOS, LA PUEBLA E D. DIOGO *a frente dos ARCABUZEIROS pela esquerda; pela passagem occulta MOSQUETEIROS, e á frente delles CARDANHAS.*

LA PUEBLA.

Rendei-vos, ou sereis arcabuzados!!... *(Os soldados apontão os arcabuzes para D. Alvaro, D. Felippa e D. Maria, não percebendo Constantino.)*

D. ALVARO.

(Pondo-se diante de D. Felippa e de D. Maria.) Parai!! — Não as mateis!! *(Tira com a espada aos pes de La Puebla.)*

CONSTANTINO.

(Levanta-se de repente, corta o cordão que suspende o lampião, o qual cahi fazendo-se pedaços e ficando tudo escuro.)

— *com voz terrivel.*) Morte aos Castellhanos !!... Viva D. João o IV, rei de Portugal !!... (*Dispara o arcabuz e desaparece pela passagem occulta : — o punno desce rapidamente.*)

FIM DO TERCEIRO ACTO E QUARTO QUADRO.

IV.

A Emboscada.

—

Oh! perfida, inimiga e falsa gente!
Queim podera do mal aparelhado
Livar-se sem perigo sabiamente,
Se la de cima a Guarda Soberana
Não acudir á fraca força humana?

.....
.....
Vereis amor da patria, não movido
De premio vil; mas alto e quasi eterno.

CAM. — Lus.

ACTO IV.

Personagens.

| | |
|------------------------|----------------------|
| D. JAYME. | CONSTANTINO DE VIZO. |
| CONDE DE ATOUGUIA. | CHANDRA SINAY. |
| CONDE DE LA PUEBLA. | JOÃO. |
| D. DIOGO DE LA ROCCA. | MANOEL. |
| PADRE NICOLÃO DA MAIA. | SARGENTO CARDANHAS. |

Soldados e paisanos portuguezes, soldados castelhanos.
Dous vultos que atravessão o theatro.

A scena passa-se no bosque de Vizo, em a noite de 3 para 4 de
Dezembro de 1649.

QUADRO V.

Vista de bosque em um monte elevado; terreno pedregoso e desigual; á direita, no primeiro plano, arvoredos despido de folhagem e indicando a estação rigorosa do inverno; no segundo, parte da casa de Constantino, meia encoberta pelas arvores; á esquerda, no primeiro plano, uma grande arvore; em seguida, ruínas de um antigo templo romano, vendo-se em diversos sitios columnas troncadas, fragmentos de capiteis, architraves, frisos, etc.; no fundo, uma grande cruz de pedra denegrida pelo tempo, simulando estar no meio de uma encruzilhada formada por diversas estradas; por detraz da cruz suppõe-se uma descida rápida, na baixa da qual se acha a villa de Setubal.—É noite escura.

SCENA I.

JOÃO.

(Entrando só, e cantando uma chacara popular: — acabando de cantar e olhando para a casa de Constantino.)
Sr. Constantino!... O' Sr. Constantino!... *(Pequena pausa.)* — Tomou as de villa Diogo!... — pois já podia estar de volta, porque as rondas castelhanas reunirão-se todas na praça: — agora a gente anda mais á sua vontade do que até aqui, que nem em casa parava!... Sempre val mais termos um rei portuguez do que estrangeiro!... e então um rei como o nosso, chamado João?!... — Muito grande é o nome de João!... S. João sempre é santo mais milagroso do que S. Felippe!... — E' verdade: de que terra seria S. João?... Castelhana, de certo

não era elle... quem sabe?!... talvez... talvez seja Portuguez!... sim, um santo tão grande, e do meu nome, não pôde deixar de ser nosso patricio!...

SCENA II.

JOÃO E MANOEL.

MANOEL.

(*Entrando pela esquerda.*) Quem será este?... ah! é o João; certamente está a rezar a S. Francisco Xavier, que é hoje o seu santo dia... (*Descobre-se.*) — Adeos, João!... que estás tu a palrar só?!...

JOÃO.

§ (*Voltando-se.*) És tu, sacristão?!... — Ah! estava a ver se me lembrava de que terra era S. João.

MANOEL.

(*Admirado.*) Pois tu não sabes de que terra era o santo do teu nome?!...

JOÃO.

Não me lembro... — comtanto que elle não seja de Castella...

MANOEL.

(*O mesmo.*) De Castella!!... forte bruto!... — era da Judéa! homem! da Judéa!...

JOÃO.

(*Com furor.*) Da Judéa!!... era forte pedaço de asno!! — Então S. João havia de ser Judeu?!!...

MANOEL.

Judeu?!... isso agora mais de vagar; — era da Judéa, mas não Judeu.

JOÃO.

Então, se não era Judeu, não podia ser da Judéa!...

MANOEL.

Que animal !!... — pois não te lembras de o ouvir prégar... aquelle frade Bento que prégou o sermão no seu dia?!... — Oh! como elle era sabio!... e que ricas cousas dizia em latim!!...

JOÃO.

Olá!... pois tu entendes o latim?!...

MANOEL.

Eu?!... nem palavra!...

JOÃO.

(*Rindo-se.*) Ah! ah! ah!... — não entendes palavra, e sabes que disse ricas cousas?!...

MANOEL.

Tambem não sei para que elles hão de vir sempre com os taes latinorios!...

JOÃO.

Provavelmente para que a gente os não entenda: — eu por mim, quando elles principião com esses latinorios, não sei se fallão grego, turco, ou mourisco: — eu cá, a não ser o portuguez, entendo todas as linguas da mesma maneira.

SCENA III.

OS MESMOS, CONSTANTINO *sahindo de casa.*

JOÃO.

Quem vem ahi?!...

MANOEL.

(*Com medo.*) Será alguma ronda?!...

CONSTANTINO.

Não vos assusteis, sou eu: — quantas horas são?!

JOÃO.

Meia noite, menos um quarto.

CONSTANTINO.

(*Pensativo e a meia voz.*) Só nos resta um quarto de hora... — á meia noite é preciso que a revolução rebente!... — Jayme não pôde tardar... — quem me dera acabar com estes infames Castelhanos!...—Oh! amanhã ha de ser um grande dia!... o primeiro de Dezembro, em Lisboa, foi medonho!... mas o dia quatro não será menos terrivel em Setubal!...

MANOEL.

(*A parte para João.*) Os demonios me levem se entendendo o que elle está a dizer!...

JOÃO.

(*O mesmo.*) Diz mui ricas cousas!... parece que falla latim... não?...

CONSTANTINO.

Sacristão, vai para a torre da igreja, e, logo que dê meia noite, toca a rebate.

MANOEL.

Eu!!... — libera nos domine!... — como diz frei Bernardo! — eu!... eu não sei tocar a rebate.

JOÃO.

E a fogo, sabes?...

MANOEL.

Lá a fogo, sim... sei...

CONSTANTINO.

Pois toca a fogo!... — e toma sentido! que, se o não fazes, corto-te as orelhas!...

MANOEL.

(*Levando as mãos ás orelhas.*) Ah!... — Mas se me perguntarem aonde é o fogo?...

CONSTANTINO.

Responde que é nas costas dos Castelhanos !... — vamos, anda depressa, e lembra-te das orelhas.

MANOEL.

Fique descansado. (*Sahe pela esquerda.*)

SCENA IV.

Os MESMOS, MENOS MANOEL.

CONSTANTINO.

Bem... Agora esperemos aqui Jayme.

JOÃO.

Jayme... — qual Jayme ?...

CONSTANTINO.

O nosso antigo companheiro: não te lembras d'elle ?.. do filho daquelle bom e respeitavel ancião que morava nesta casa. (*Designa a casa d'elle.*)

JOÃO.

Ah ! aquelle a quem chamavão o pequeno diabo ?!... que nos commandava sempre que nós tínhamos guerra com os rapazes das aldêas ?

CONSTANTINO.

Esse mesmo : — lembras-te ?

JOÃO.

Oh ! se me lembro !... por signal que era um demonio de um rapaz... ainda não tinha doze annos, e já ninguem se lhe punha diante !... Não se lembra daquelle domingo em que todos os rapazes da villa se reunirão contra os das aldêas ?... Nesse dia o tal diabrete de Jayme, apesar de ter apenas treze annos, pôe-se á nossa frente e principia a carregar sobre elles: — as pedras erão tantas como chuva, e infe....

CONSTANTINO.

(*Interrompendo-o.*) Está bom, está bom: — deixe-mo-nos das nossas rapaziadas, e tratemos do presente, que é mais serio.

JOÃO.

Lá isso é verdade... mas não me póde esquecer a coça que meu pai me deu nesse domingo!

CONSTANTINO.

E' perto de meia noite, e elle sem chegar!

JOÃO.

Por onde diabo andou o tal Jayme?

CONSTANTINO.

Esteve na India.

JOÃO.

E que fez elle na India?

CONSTANTINO.

(*Impaciente.*) Os demonios te levem com tanta pergunta!... não estou para te aturar!...

JOÃO.

(*Escutando.*) Oh!... elle ahi vem... não ouve passos?...

CONSTANTINO.

(*O mesmo.*) E' a marcha de alguns soldados!... alguma ronda talvez!... — Escondamo-nos entre estas ruinas...

SCENA V.

CONSTANTINO E JOÃO no primeiro plano entre as ruinas: LA PUEBLA, D. DIOGO DE LA ROCCA, CARDANHAS E ARCABUZEIROS entrando pela estrada da direita: — CARDANHAS E OS SOLDADOS tomão a direita e postão se em linha por entre as arvores.

LA PUEBLA.

(*Vindo ao primeiro plano com D. Diogo.*) E' este o sitio.

— Leamos outra vez esta carta : — ó lá ! a lanterna !...
(Um soldado aproxima-se com uma lanterna de furta-fogo: La Puebla principia a ler, Constantino e João sahem alguma cousa para fóra das ruínas e escutão. — « A' meia noite, eu e o conde de Atouguia estaremos no cruzeiro das ruínas, junto da casa de meus pais : logo que chegue, darei um assobio para te prevenir, tu faze o mesmo ; sê exacto, e não faltes. — Jayme. »

CONSTANTINO.

(A meia voz.) E' a carta que Jayme tinha escripto a D. Alvaro !...

JOÃO.

(O mesmo.) Mas como diabo foi ella ter ás mãos do governador ? !...

CONSTANTINO.

(O mesmo.) D. Alvaro foi preso : de certo encontrarão-lhe a carta que elle trazia consigo !...

LA PUEBLA.

(Para D. Diogo.) Logo que elles cheguem, mandai apontar armas, e, quando o assobio partir, fogo !... depois cortai-lhes as cabeças e trazei-m'as : — quero fazer presente dellas a D. Maria de Vilhena.

D. DIOGO.

Sr. conde, as cabeças dos rebeldes serão dentro em pouco lançadas a vossos pés.

LA PUEBLA.

Conto comvoseo. — Dentro em alguns minutos, as cabeças desse temido cavalleiro de bronze e do conde de Atouguia ! — Dentro em algumas horas, a vida desse D. João, que se diz rei de Portugal !

D. DIOGO.

Do duque de Bragança ? !

LA PUEBLA.

Sim !... desse duque rebelde que vem caminho de Lis-

boa!... ao bater da meia noite, o jesuita Theodoro e o arraes Larronca, disfarçados em frades, partirão ao seu encontro, collocar-se-hão de emboscada... e quando elle passar... manda-lo-hão de presente ao diabo!...

D. DIOGO.

Dessa maneira ficaremos livres de um temivel inimigo, e S. M. Catholica muito vos ha de louvar tão grande serviço.

LA PUEBLA.

Meia noite não póde tardar: emboscai os soldados de maneira que os não vejão: — vou dar algumas ordens no castello; mandai dez soldados para me acompanharem.

SCENA VI.

Os MESMOS, *excepto* LA PUEBLA e dez ARCABUZEIROS.

D. DIOGO.

(*Para Cardanhas, e indo para junto dos arcabuzeiros que devem estar meio occultos pelas arvores.*) Com o escuro que faz não nos verão.

CARDANHAS.

Comtanto que se não demorem muito.. — faz um frio terrivel!... estou quasi gelado! — maldito Dezembro, que tão frio vai!...

CONSTANTINO.

(*A meia voz para João.*) E' preciso salvar o rei, D. Jayme e o conde de Atouguia.

JOÃO.

Mas como diabo havemos sabir daqui?

CONSTANTINO.

(*Apontando para traz das ruinas.*) Se podessemos descer por ali abaixo...

JOÃO.

Se já está farto de viver!... descer por aquelle precipício! — nem cabras serião capazes disso!

CONSTANTINO.

(*Desesperado.*) Mas é urgente salva-los!...

JOÃO.

Mas se estamos cortados por todos os lados!

CONSTANTINO.

Irei cingido com o chão, como se fôra uma serpente, e preveni-los-hei!...

JOÃO.

Não caia em tal! mata-lo-hão, sem que os possa salvar...

CONSTANTINO.

Póde ser que me não vejão!...

JOÃO.

E se o virem e lhe atirarem?

CONSTANTINO.

Talvez me não acertem...

JOÃO.

Nada: não!... quasi á queima roupa!... e de mais a mais a lua que vem a nascer!... (*A lua vem apparecendo por entre as arvores.*) — E quem sabe se elles vêm pela estrada de Palmella ou de Azeitão?...

CONSTANTINO.

Grande Deos!... meia noite não póde tardar! — escuta!... pareceu-me ouvir algum ruido!...

JOÃO.

E' o vento...

CONSTANTINO.

Deita-te no chão, e põe o ouvido sobre a terra a ver se ouves algum ruido...

CARDANHAS.

C'os diabos! está um vento tão frio!... — parece que morrea algum Portuguez! — ou pelo menos algum Judeu!...

JOÃO.

(Com o ouvido sobre a terra.) Não ouço nada!... (Pausa: o relógio do castello dá meia noite em distancia.)

D. DIOGO.

Ahi está meia noite!

CARDANHAS.

Mais vale tarde do que nunca!

CONSTANTINO.

E Jesus!!!... é meia noite!!

JOÃO.

Muita pressa teve o tal relógio!

D. DIOGO.

Arcabuzeiros! sentido! — apenas os vultos apparecerem, apontai sobre elles: logo que o assobio partir — fogo!

CONSTANTINO.

João!... ouves algum ruido?!...

JOÃO.

Nada! — vê alguma cousa?

CONSTANTINO.

Pela estrada de Palmella não vejo viva alma!...

JOÃO.

E pela direita?

CONSTANTINO.

Tambem não vejo ninguém! — Ah!...

JOÃO.

Que e??

CONSTANTINO.

Dous vultos negros vêm pela estrada !...

JOÃO.

Serão elles?!!...

CONSTANTINO.

De certo que são !!

JOÃO.

Ouço o galope de alguns cavallos !...

CONSTANTINO.

Não vejo nenhum cavalleiro. .

JOÃO.

(Com o ouvido em terra.) Ouço perfeitamente!...

CONSTANTINO.

Oh!... lá está luz na torre da igreja! *(Ouve-se tocar a rebate ao longe.)* — E' o sacristão que toca a rebate!...

CARDANHAS.

(Para D. Diogo.) Toca a fogo na villa !...

CONSTANTINO.

Lá está luz n'outra torre! — toca outro sino!... *(Ouve-se tocar outro sino mais distante.)* — Meu Deos! os vultos estão perto!...

JOÃO.

(Conservando o ouvido sobre a terra.) Ouço distinctamente o galope de muitos cavallos! !...

VOZES.

(Muito confusas e remotas.) Viva Portugal!... viva o senhor rei D. João IV!... viva!...

D. DIOGO.

Lá estão dando vivas ao seu D. João!... *(Alguns tiros de fuzil ao longe: — tropel de cavallos lançados a galope e clarins tocando a avançar: — tudo do lado esquerdo.)*

CONSTANTINO.

Vai tudo c'os diabos na praça !

JOÃO.

Não ouve clarins ?

CONSTANTINO.

Ouço ! ouço !... (*Olhando pela esquerda.*) — Oh ! elles lá vão pela estrada de Palmella !... é um esquadrão ! a lua faz sciutillar os seus capacetes !... — Já estão no campo do Bomfim !... vão direitos á villa ! — Um terço de infantaria segue a cavallaria ! vêem-se reluzir os canos dos mosquetes !... (*Continuão-se a ouvir os sinos e clarins : entrarão dous vultos em scena pela estrada da direita.*) — Ah !... elles que chegão !...

JOÃO.

(*Levantando-se sobre um joelho.*) Grande Deos !... é Jayme e o conde de Atouguia !...

CONSTANTINO.

Cala-te ! !... (*Dá alguns passos por entre as columnas e examina os vultos attentamente.*)

D. DIOGO.

Arcauzeiros ! ei-los ! !... (*Os soldados apontão as armas : os vultos atravessão lentamente o fundo da scena e desaparecem pela esquerda : Constantino recia dous passos, abaixa-se e dá um forte assobio ; vê-se o lampejar dos arcabuzes por entre as arvores ; á delonação da descarga seguem-se dous gemidos partidos do lado esquerdo.*)

JOÃO.

(*Levantando-se horrorisado.*) Jesus ! !...

D. DIOGO.

Estão mortos ! — Cortai-lhes as cabeças ! !... (*Atravessão da direita para a esquerda.*)

VOZES.

(*Perto da esquerda.*) Por aqui !... deu-se ali uma descarga ! !...

SCENA VII.

CONSTANTINO, JOÃO, PAISANOS armados, entrando em confusão pela esquerda: — os Castelhanos retirão-se em desordem pela direita.

CONSTANTINO.

(Disparando o arcabuz sobre os Castelhanos.) Abaixo os tyrannos!! — viva a independencia!...

TODOS.

Viva!!...

JOÃO.

(Tira um archote aceso a um paisano, vui ao sitio em que estão os vultos e exetama com assombro.) Dous frades mortos!...

TODOS.

Dous frades!!...

CONSTANTINO.

Não! — é o arraes Larronca e o jesuita Theodoro!! — Deos punio os culpados pelas suas proprias armas!...

JOÃO.

O jesuita e o arraes?!... — ao rio com os malvados!!...

TODOS.

(Sahindo pela esquerda.) Ao rio!!... ao rio!!...

SCENA VIII.

CONSTANTINO, JOÃO, logo depois D. JAYME e o CONDE DE ATOUGUIA. — A scena está toda illuminada pela lua.

CONSTANTINO.

Tiverão um fim digno dos seus crimes!...

JOÃO.

(*Vindo do lado esquerdo.*) Que bello mosquete elles trazião !...

CONSTANTINO.

Guarda-o, que dentro em pouco te servirá.

D. JAYME.

(*Entrando pela esquerda.*) Constantino !... Constantino !...

CONSTANTINO.

(*Abraçando-o.*) Jayme ! !...

JOÃO.

(*Admirado.*) Como elle vem vestido !... parece mesmo um cavalleiro !... traz esporas de ouro !... — Bem me dizia meu bisavô ! Deos lhe falle n'alma ! — « Rapaz ! se queres ser homem, vai á India ! » — e era assim !... era, que, segundo contão, muitos soldados portuguezes têm lá chegado a ser reis !...

D. JAYME.

(*Para o conde de Atouguia.*) Conde, foi este o meu primeiro amigo : fomos creados juntos, e....

CONSTANTINO.

(*Interrompendo-o.*) Bem me dizia D. Alvaro que vós ereis sempre o mesmo....

D. JAYME.

Fallaste com D. Alvaro de Abranches ? — aonde está elle ?...

CONSTANTINO.

(*Triste.*) Aonde está ? !... está preso ! !...

D. JAYME E O CONDE DE ATOUGUIA.

Preso ? !... — e quem o prendeu ? ! !...

CONSTANTINO.

Esse infame conde de la Puebla !...

D. JAYME.

O algoz de seu pai ! o meu figadal inimigo ! !...

CONDE DE ATOUGUIA.

Como o prendeu elle ? !...

CONSTANTINO.

Tinhamos entrado n'uma passagem occulta que conduzia aos subterraneos do castello ; estavamos a ponto de entrar nelles quando ouvimos algumas vozes dentro : escutámos e percebemos a voz da Sra. D. Maria de Vilhe que gritava por soccorro !...

CONDE DE ATOUGUIA.

(*Levando a mão ao punho da espada.*) Minha irmã ! oh ! raiva !... não estar eu lá ! !...

CONSTANTINO.

No mesmo instante D. Alvaro lança a parede por terra, salta por cima das pedras, e dá uma punhalada no conde....

D. JAYME.

(*Interrompendo-o.*) Bravo !! — Alvaro é sempre o mesmo !...

CONSTANTINO.

Até aqui tudo ia bem ; já nós vinhamos a sahir quando ouvimos La Puebla chamar pelos guardas....

D. JAYME.

La Puebla ! !... pois Alvaro não o tinha derrubado....

CONSTANTINO.

(*Atalhando-o.*) Provavelmente o punhal resvalou pela armadura, e só o feriu levemente. — Ainda nos pederiamos salvar pela passagem occulta ; mas alguma ronda, que nos viu dirigir para o forte velho, deu o alarma, e quando iamos a sahir achámo-nos cortados ; ao mesmo tempo La Puebla á frente dos soldados entrava pelo outro lado : — D. Alvaro foi logo desarmado sem se poder de-

fender : eu cortei o cordão do lampeão que allumiava o subterraneo, e favorecido pelas trevas pude-me salvar passando por cima de dous arcabuzeiros....

D. JAYME.

E' preciso salvar os presos, e acabar com esta infame canalha !... — Constantino, reúne todos os paisanos : sei que elles te estimão e que ficarão contentes tendo-te á sua frente : — occupa a estrada que da villa conduz ao castelão; escolhe as melhores posições, e não te esqueça collocar sentinellas avançadas.

CONSTANTINO.

Respondo pelos meus : - logo que as posições estiverem occupadas, virei receber as vossas ordens. (*Sahe pela esquerda.*)

D. JAYME.

(*Para João.*) Vê se nos podes acender uma fogueira na casa de Constantino ; queremos descansar alguns instantes. (*João inclina-se e entra para dentro da casa.*)

SCENA IX.

D. JAYME E O CONDE DE ATOUGUIA.

D. JAYME.

(*Melancolico.*) Conde de Atougua, foi nestes lugares que eu passei o mais bello tempo da minha infancia !... foi naquella casa que meus dias se passarão tranquillos e felizes !... quão ditoso era esse tempo em que minha mãe me estreitava em seus braços !... — Olhai : era sentado sobre essas troncadas columnas que meu pai me abraçava !... que me unia ao seu peito !... então seus labios se pousavão sobre minha face... suas longas barbas, brancas como a neve, se misturavão com meus louros cabellos !... Felizes esses tempos em que elle me ensinava a esgrimir as armas !... Oh ! como elle me olha-

va contente, dizendo-me — « Meu filho, meu Jayme! tu não deslustrarás o meu nome!... » Oh! meu pai! meu pai! eu te juro que serci digno de ti, e que jamais esquecerei teus paternaes conselhos!... (*Deixa cahir a cabeça sobre o peito.*)

CONDE DE ATOUGUIA.

D. Jayme, para que vos entregais de continuo a essas recordações que tanto vos entristecem?!...

D. JAYME.

(*Saudoso.*) E poderei eu esquecer-me daquelles que tanto me amavão?!... poderei deixar de pensar um unico instante n'um pai que só'a mim via, e que tanto caído teve na minha infancia?! — Parece-me que ainda o estou vendo, estendido no leito da morte, apertar-me em seus braços!... e dizer-me com voz languida e entrecortada — « Meu filho! o momento chegou em que é preciso separar-me de ti!... jamais esqueças meus conselhos!... Sê honrado e brioso cavalleiro... és um verdadeiro Portuguez!... Odeia e detesta esses tyrannos que nos opprimem!... e, emquanto o seu jago de ferro pesar sobre este desgraçado reino, não uses senão dessas armas bronzeadas! — ellas são negras, mas sem mancha!... estão retalhadas de cutiladas, mas todas na frente!... — Jayme, meu filho, és ainda mui joven, apenas contas quinze annos, não ousos confiar-te alguns segredos que muito te interessão: no dia em que fizeres trinta, o honrado e veneravel padre Nicoláo da Maia te entregará alguns pergaminhos e uma espada!... essa espada, meu filho, nunca a empunhes sem justiça!... jamais a embainhes sem honra!... »

CONDE DE ATOUGUIA.

E já recebeste esses pergaminhos?

D. JAYME.

Não!... mas é hoje!... é hoje o dia supremo em que receberei e verei ainda algumas letras traçadas pelo pu-

hno de meu pai!!... — Hoje o filho do honrado lavrador vai saber as ultimas vontades daquelle que lhe deu a existencia!!...

CONDE DE ATOUGUIA.

Mui importantes devem ser esses pergaminhos, para que só vos devessem ser entregues aos trinta annos! — Quão impaciente devieis estar por este dia?!...

D. JAYME.

Tão impaciente que, apesar de proscripto, venho das Indias Orientaes para saber essas vontades, e para offerrecer um braço de bronze aos filhos da minha patria!... aos restauradores de Portugal!...

CONDE DE ATOUGUIA.

Mui feliz deveis ser, pois que uma e outra cousa conseguis...

D. JAYME.

(*Melancolico.*) Feliz?!... sim, feliz, se é possivel sê-lo longe da mulher que se adora!...

CONDE DE ATOUGUIA.

Pois que! vós mais?!...

D. JAYME.

Se amo!... amo a mulher mais formosa que Deos ha creado sobre a terra!...

CONDE DE ATOUGUIA.

Mui digna de vós deve ella ser, pois que tanto a amais.

D. JAYME.

E qual é a mulher, conde, que não é digna do homem?!...

CONDE DE ATOUGUIA.

Que sei eu, D. Jayme?... apenas conto dezeseis annos.. não tenho tido grande experiencia; — mas devo confessar que, quando ellas não querem ser demonios... são verdadeiros anjos!... (*Dito com amabilidade.*)

D. JAYME.

Oh! se conhecesseis Beatriz! a gentil filha do nobre e illustre conde de Aveiros, visor-rei das Indias!... (*Interrompendo-se.*) — Mas a noite vai avançada e cada vez mais fria: — descansemos alguns instantes na habitação que foi de meu pai, e praticaremos mais á nossa vontade.

CONDE DE ATOUGUIA.

Razão tendes: — em casa esperaremos o veneravel padre Nicoláo da Maia. (*Entrão em casa, d'onde sahe o clarão de uma fogueira.*)

SCENA X.

Um piquete de soldados portuguezes entra em scena pelo lado esquerdo, occupa o fundo, e posta algumas sentinellas: os outros soldados encostão as armas e deitão-se sobre a terra, ou passeão em grupos pelo fundo:

CONSTANTINO entra pela esquerda com alguns paisanos armados, MANOEL pela direita, e logo depois o capitão CHIANDRA SINAY.

CONSTANTINO.

(*Para Manoel.*) D'onde diabo vens tu?!...

MANOEL.

Venho lá de baixo: têm chegado tantos soldados!... (*Apontando pela direita.*) — Olhe, olhe que sucia delles!... e'os demonios! estão pelos outeiros mais altos?... — é talvez para verem melhor... não?

CONSTANTINO.

Calate, que não sabes o que dizes.

MANOEL.

(*Por entre dentes e á parte.*) Nada! não sei o que digo!... elle é que sabe muito!...

CHANDRA.

(Entrando.) Onde está D. Jayme ?

CONSTANTINO.

(Olhando de redor.) Olhai, ei-lo que sahe de casa com o conde de Atougua.

SCENA XI.

OS MESMOS, CONDE DE ATOUGUA, E D. JAYME *sahindo de casa e fallando com* JOÃO.

D. JAYME.

.
 : E, se não fosse o assobio, esta-
 vamos a esta hora arcabuzados !...

JOÃO.

O que valeu foi os soldados não conhecerem os taes frades fingidos !....

CHANDRA.

(Dirigindo-se com muito respeito para D. Jayme.) As tres galeras já entrarão no Sado; escãleres percorrem o rio em todas as direcções : a torre do Outão rendeu-se: D. João da Costa com as forças do seu commando occupa todas as posições daqui até ao rio; o castello está inteiramente cercado.

D. JAYME.

Bem : *(Para Constantino.)* — Constantino, vais ser castigado por me não dares parte do perigo que ameaçou os dias de D. João o IV, do conde de Atougua, e os meus! — Sei tudo, João tudo me ha contado; verás de que maneira D. Jayme castiga aquelles que se portão como tu! — Constantino! ajoelha!...

CONSTANTINO.

(Attivo.) Não ajoelho senão diante do meu rei ou do meu Deos! . .

D. JAYME.

Demais a mais orgulhoso !... — Pois bem ; (*Com voz magestosa.*) em nome do teu rei e do teu Deos ! — ajoelha, Constantino de Vizo ! (*Constantino dobra um joelho,* D. Jayme tira a espada e dá-lhe com ella no hombro *dizendo.*) Eu, D. Jayme, rajah de Bounsuló, te armo cavalleiro, a ti, Constantino de Vizo (*Cinge-lhe a espada.*), e te faço capitão das minhas guardas ! — Cavalleiro ! levantai-vos.

D. CONSTANTINO.

Juro pelas cruzes desta espada...

D. JAYME.

Não jures, D. Constantino !... de ha muito te conheço, não preciso dos teus juramentos para estar certo que cumprirás sempre com o teu dever : quem o tem sabido cumprir como pagem, também o ha de cumprir quando cavalleiro !

CONDE DE ATOUGUIA.

(*Tirando uma cadêa de ouro que, segundo o costume da época, traz ao peito.*) D. Constantino, recebei esta cadêa em signal de gratidão e estima. (*Lança-lh'a ao pescoço.*) — Cavalleiro, devo-te a vida ! em toda a parte podeis contar com o reconhecimento do conde de Atougua.

D. CONSTANTINO.

São demasiadas recompensas para tão mesquinho serviço ! — Amanhã, em frente desse castello, farei por me tornar digno, e por sustentar a honra de que me revestis.

D. JAYME.

Disso estamos certos ! para sustentar uma boa espada, não são necessarios antigos pergaminhos, mas sim um punho de ferro ! e uma alma de bronze !

CONDE DE ATOUGUIA.

D. Jayme, todos os titulos são illustres, sustentados

com gloria! — todas as espadas legadas de pais a netos são brilhantes, enquanto os braços que as empunhão não as deixão na bainha cobardemente enferrujar!

SCENA XII.

OS MESMOS, E O PADRE NICOLÃO DA MAIA *entrando com um rolo de pergaminhos e uma espada na mão.*

PADRE MAIA.

D. Jayme!... D. Jayme, meu filho!...

D. JAYME.

(Abraçando-o.) Meu padre!... meu segundo pai!... vou alfim saber as ultimas vontades do autor de meus dias!...

PADRE MAIA.

Sim, meu filho; mas primeiro é necessario que ouçais a historia de um valente guerreiro. — Sr. conde de Atougua, e vós todos, dai attenção:

« Ha trinta e seis annos voltava das Indias um intrepido guerreiro, depois de ter conquistado para a sua patria um vasto imperio, á frente de poucos soldados... »

D. JAYME.

(Interrompendo-o.) Ch! quem não sabe essa historia?... Quem não sabe a historia do invencivel Massinga (7), a quem os povos do Pegú proclamárão rei!... aquelle a quem os indios adoravão como se fôra um Deos!! — Quem ignora a vida desse famoso capitão, que, sendo senhor e rei de um vasto imperio, levou a generosidade e o amor da patria a ponto de entregar nas mãos do visorei Ayres de Saldanha essas vastas regiões que com tão poucos braços soube conquistar?!

(7) Vid. a 7ª nota no fim.

CONDE DE ATOUGUIA.

De certo não ha hoje um unico Portuguez que ignore a vida desse alentado capitão...

PADRE MAIA.

Enganais-vos!... Massinga viveu ainda vinte e um annos ignorado de todo o mundo! — « Quando elle chegou á sua aldeã de Quintães, no Minho, julgando ahi encontrar seus pais e sua amante D. Guiomar... só encontrou o repouso do tumulo!! — pais!... parentes e amante!... todos haviam fallecido!!... »

« No outro dia, quando me dirigi á igreja para celebrar o officio divino, encontrei o desgraçado cavalleiro desfallecido junto do sepulchro de seus pais!... sobre o tumulo da sua Guiomar!... — A' força de cuidados pude chama-lo á vida. O boato da sua morte havia-se espalhado: Massinga prohibiu-me faze-lo cessar, não querendo que o governo de Castella, a quem elle detestava, soubesse que ainda existia o homem que lhe havia conquistado um imperio, e que o havia desprezado por ser um Portuguez!!... »

D. JAYME.

Meu padre, fallai-me de meu pai!... entregai-me esses pergaminhos que elle vos confiou!...

PADRE MAIA.

Escutai, a historia não é longa: — « Não podendo Massinga viver nos lugares onde sem cessar se recordava dos entes que lhe erão mais queridos, partiu para a Africa! — Lá vai o infeliz cavalleiro de mares em fóra derramar a ultima gota do seu sangue em defeza da patria e da religião!... cinco annos combateu os Mouros, cinco annos seu sangue real se derramou como se fóra de simples soldado!... — Num renhido ataque foi ferido mortalmente o governador de Mazagão, e, expirando nos braços do Massinga, recommendou-lhe

sua irmã que ficava desamparada, sem protecção, nem abrigo !...

« Um anno depois, recebia Massinga por esposa a irmã do governador, e voltava com ella para Portugal, trazendo seu corpo coberto de honrosas cicatrizes, e suas armas retalhadas de cutiladas !! — Mais um anno se passou, e este magnanimo guerreiro apertou ao seu peito um filho que sua esposa.... »

D. JAYME.

(*Interrompendo-o.*) Meu padre ! em nome de Deos, fallai-me de meu pai !... Oh ! que ha de commum entre elle e a historia desse alentado guerreiro ?!...

PADRE MAIA.

Tudo, meu filho !...

D. ALVARO E O CONDE DE ATOUGUIA.

(*Com espanto.*) Tudo ? !!

PADRE MAIA.

(*Solemnemente.*) D. Jayme, rajah de Bounsulé ! tu és filho de Salvador Ribeiro de Souza ! — és filho do rei Massinga do Pegú !! (*Entrega-lhe os pergaminhos.*)

PAISANOS.

(*Com pasmo e descobrindo-se.*) Filho de um rei !!...

CONDE DE ATOUGUIA E D. CONSTANTINO.

(*Ao mesmo tempo.*) Filho do Massinga ? !!...

D. JAYME.

(*Com vehemencia.*) Eu !! filho do maior homem do meu seculo ? !!... filho do maior homem de Portugal ? !!... !

PADRE MAIA.

(*O mesmo.*) Sim !... ahí tendes a espada com que elle conquistou o imperio do Pegú !!

D. JAYME.

(*O mesmo : pegando na espada e levando-a aos labios.*)

Esta espada será o maior ! o mais firme, o mais leal sustentaculo da independencia de Portugal !!... Oh ! Beatriz !! Beatriz !! Já te posso offerceer um nome digno do teu !!... Já posso depositar a teus pes uma coròa de principe !! uma espada imperial !!!...

(Corre o panno.)

FIM DO QUARTO ACTO E QUINTO QUADRO.

V.

Illusões e Desenlace.

—

A soberba do inigo furibundo,
A sublime bandeira castelhana
Foi derribada aos pés da lusitana
.....
.....
Co'os nossos fica a palma da victoria,
E as damas vencedoras, e com gloria.
CAM.—Lus.

ACTO V.

Personagens.

| | |
|-----------------------------|-------------------------|
| D. ALVARO DE ABRANCHES. | D. FERNANDO DE ALBUERA. |
| D. JAYME DE SOUZA MASSINGA. | D. DIOGO DE LA ROCCA. |
| D. FELIPPA DE VILHENA. | D. CONSTANTINO DE VIZO. |
| D. MARIA DE VILHENA. | CHANDRA SINAY. |
| CONDE DE ATOUGUIA. | PADRE NICOLÃO DA MAIA. |
| CONDE DE LA PUEBLA. | JOÃO. |
| D. FRANCISCO COUTINHO. | CARDANHAS. |

Officiaes, soldados e paisanos portuguezes; Officiaes e soldados castelhanos.

A scena passa-se no castello de S. Felippe, em Setubal, em a manhã do dia 4 de Dezembro de 1640.

QUADRO VI.

Salão no castello de S. Felippe, em Setubal; no primeiro e segundo plano, portas lateraes; ao fundo, uma porta larga e elevada, deixando ver parte de um terraço flanqueado do lado direito por uma porção de muralha, especie de bastião que sobe até acima, e para o qual se entra por uma pequena porta que deve haver ao fundo; do lado direito, no primeiro plano, uma cadeira larga e uma mesa; o escudo com as armas de Castella e Portugal sobre a porta do centro; sobre os terraços uma bandeira castelhana arvorada. É quasi dia.

SCENA I.

D. ALVARO preso com cadêas a pés e mãos; está meio deitado, com a cabeça encostada a um escabello: — no fundo, sobre os terraços, uma **SENTINELLA** passeando: — quando sobe o panno ouve-se o toque d'alvorada por algum espaço, e o dia vem apparecendo gradualmente: —
D. FERNANDO DE ALBUERA entra em scena quando **D. Alvaro** principia o monologo.

D. ALVARO.

(Logo que os tambores se calão: — vozes entrecortadas.)
Toca a alvorada... o dia vai apparecendo!... Quão longa foi esta noite!... — Que horriveis momentos! — foi no instante que eu a apertava em meus braços... em que julgava liberta-la e possui-la para sempre, que esse vil conde de la Puebla, acompanhado de infames janiza-

ros, me separou de seus braços! — Oh! Castelhanos! Castelhanos! não tardará muito que todos recebais o castigo dos vossos crimes!!...

D. FERNANDO.

(*Que o tem escutado.*) Cavalleiro, não insulteis assim uma nação inteira! não julgueis pelos crimes de alguns homens as virtudes de um povo inteiro! — Mas vós outros os Portuguezes tendes razão! os povos que quebrão as algemas que os opprimem, não são os culpados!... os culpados são os validos dos reis, que abusão da fraqueza de seus soberanos, que vexão os povos com um jugo de ferro, que lhes lanção impostos e subsidios com que elles não podem, que riem e escarnecem da sua miseria, e que enriquecem á custa do seu suor!... do seu sangue!!...

D. ALVARO.

(*Levantando-se pouco a pouco.*) Quem sois vós que assim fallais?!... podem taes palavras sahir da boca de um Castelhanao?!!

D. FERNANDO.

Não é um Castelhanao que vos falla.

D. ALVARO.

Screis acaso um...

D. FERNANDO.

(*Atalhando-o.*) Um Hespanhol! — um homem que olha para todos os homens da mesma maneira!... que odèa o crime, que respeita a honra e a virtude.

D. ALVARO.

Nobre Hespanhol, se todos fossem como vós, não teria a corôa de Portugal cahido da cabeça de Felipe IV: — os Portuguezes poderião um dia ser Hespanhoes! (*Com força.*) — mas Castelhanos!... isso nunca!!... (*Mudando de tom.*) — Porém como é que, de tantos de vós outros que se achão em Portugal, só vós fallais como Hespanhol que sois?!...

D. FERNANDO.

É porque o governo protege o crime e a fraude, e despreza a honra e a virtude! — Se o conde-duque de Olivares, privado de S. M. Catholica, não odiasse os Portuguezes, se os não quizesse reduzir á ultima miseria, e tratasse a todos os povos da peninsula como Hespanhoes que somos, todos viviriamos unidos como irmãos! as mais poderosas nações respeitar-nos-hião como allia-dos, e tremerião, como inimigos, diante de nossas armas colligadas !!...

D. ALVARO.

Oh! vergonha eterna e execração sobre os iniquos ministros que semeão a discordia entre duas nações que pelos seus interesses deverião ser sempre unidas!... entre duas nações que, unindo as suas gloriosas armas, far-se-hião respeitar do universo inteiro, e jámais serião escarnecidas !!...

SCENA II.

D. ALVARO, CONDE DE LA PUEBLA *entrando pela esquerda*:
D. FERNANDO *sabe logo*.

LA PUEBLA.

Sr. D. Fernando de Albuera, ide ver se toda a guarnição está em armas. (*D. Fernando sabe.*) — Desejas ver a tua amante, D. Alvaro de Abranches? (*Com sorriso affrontoso.*) — Já não és aquelle arrogante cavalleiro que tanto me desprezava?! — Como a tua cabeça está baixa, e o teu orgulho abatido!... Os papeis trocarão-se: agora sou eu que levanto a fronte, e tu que dobras o joelho!... agora...

D. ALVARO.

(*Interrompendo-o com desprezo.*) Agora és tu quem me insultas, porque, em lugar de empunhar uma fiel espada, tenho estes pulsos roxeados com grossas cadêas;

porque, em lugar de nos vermos a sós, estás cercado de guardas promptos a commetterem todos os teus crimes!... — mas alguém quebrará estes ferros...

LA PUEBLA.

(*Atalhando-o.*) Não quebrará, não, que lhes não darei tempo para isso! — Desgraçado! quereis possuir Maria de Vilhena?!... não contavas com um rival... com o teu maior inimigo?! — las desposa-la, o altar estava prompto, o sacerdote te esperava!... — pois bem, eu tambem te mandei preparar o altar, o sacerdote te aguarda, e dentro em pouco terás uma esposa!... (*Raiva reconcentrada.*) — Sim!... dar-te-hei por altar o patibulo! — por sacerdote, o carrasco! — por esposa, a tumba!! (*Pausa.*) Para ti, D. Alvaro, o cadafalso e o algoz!! — para mim, o thalamo e Maria!...

D. ALVARO.

Para ti Maria!... isso nunca! nunca, infame! — poderás assassinar-nos, mas jámais a possuirás!...

LA PUEBLA.

Jámais a possuirei?! — vejamos! (*Indo abrir a porta da direita.*) D. Maria de Vilhena, vinde dizer a D. Alvaro de Abranches que ides ser minha por vontade ou por força!

SCENA III.

Os MESMOS, e MARIA *sahindo de dentro.*

MARIA.

Nunca me unirei ao homem que detesto e aborreço!...

D. ALVARO.

(*Para La Puebla.*) Executa embora as tuas ameaças, mas dentro em pouco este castello será levado de assalto, e Jayme nos vingará!...

LA PUEBLA.

Jayme vos vingará?!... Ah! ah! ah!... — os mortos não voltão a este mundo!... — O teu Jayme e o conde de Atouguia!... estão cadaveres!!...

MARIA.

Virgem santa!...

D. ALVARO.

Mentes!!...

LA PUEBLA.

(*Forte.*) Minto?!... (*Escarneo.*) Desgraçado! pensavas que esse atrevido Jayme, que esse insolente proscripto não havia cahir debaixo do meu braço?!... — Julgavas que um grande de Castella não havia de vingar a affronta que recebeu em Goa?!... Não sabes que foi elle a causa de tu te não bateres com o conde de Atouguia?!... que te arrancou á fogueira do santo officio?!... que te salvou sobre as agnas do Tejo, quando tu e o conde ieis perecer nas masmorras de S. Gião da Barra?!... — e pensavas que um coração castelhano podia olvidar tudo isso?!...

D. ALVARO.

D. Jayme não se deixaria vencer por um vil carasco!...

LA PUEBLA.

Tens o atrevimento de assim me insultares?!... não vês que estou armado, e que este ferro está...

D. ALVARO.

(*Atalhando-o.*) Na mão do algoz!...

LA PUEBLA.

O teu orgulho vai-se abater!... — lê este papel!...

D. ALVARO.

A carta que Jayme me havia escripto?!...

LA PUEBLA.

Sim! essa carta que tu deixaste cahir nos subterra-

neos, quando o teu punhal me feria levemente, emboscando-se sobre a minha armadura!... E acreditavas que eu não aproveitaria tão bella occasião de me desfazer desse tão temido cavalleiro de bronze?! — Não sabes que tenho valentes soldadoŝ, e que uma emboscada!...

D. ALVARO.

Uma emboscada!...

LA PUEBLA.

Não ouviste á meia noite uma descarga de arcabuzes?!...

D. ALVARO.

(*Com receio.*) Uma descarga!... oh! — aonde estão Jayme e o conde de Atouguia?!...

LA PUEBLA.

Arcabuzados!!...

MARIA.

Arcabuzados!... ah!... (*Cabe na cadeira.*)

D. ALVARO.

(*Agitando as cadeas.*) Oh!... que se estas cadeas me não prendessem!!...

LA PUEBLA.

(*Cruzando os braços.*) E se esses ferros te não prendessem, que farias, Portuguez?!...

D. ALVARO.

(*Com raiva reconcentrada.*) Matar-te-hia, Castelhana!...

LA PUEBLA.

(*Sorriso affrontoso.*) Pois, em vez de me matares, serás tu que irás morrer!... que irás morrer com a certeza de não seres vingado!...

D. ALVARO.

Morrerei, mas serei vingado!... serei vingado, porque uma nação inteira vingará seus irmãos!... porque o

povo portuguez ainda é o mesmo que era em 14 de Agosto de 1385 (8), em que seis mil Portuguezes fizeram morder a terra a trinta mil Castelhanos!... em que o proprio rei de Castella evitou morte certa com fuga infame! — Não sabes que o duque de Bragança seguirá as pisadas do mestre de Aviz?... que D. João IV será um D. João I?... e que como elle fará tremer os leões de Castella, e abater a seus pés os vossos orgulhosos estandartes?!

LA PUEBLA.

O teu D. João IV, a esta hora, já não é senão um cadaver!... a esta hora já um bravo Castelhana lhe terá provado que uma bala de chumbo é superior a uma testa coroada!

D. ALVARO.

Deos protege o justo.... mas, quando assim não fôra, o povo e a nobreza vingarião o rei que elegêrão!

LA PUEBLA.

(*Escarneo*). O povo?!,... ah! ah! ah!... não sabes que meia duzia de enfraquecidos e esfarrapados peões nada podem contra um aguerrido exercito que tem feito tremer a Europa inteira?! — o povo portuguez está muito esmagado para que se possa levantar!

D. ALVARO.

(*Com vehemencia*.) Ainda ha tres dias esses valentes soldados, esses aguerridos e intrepididos guardas que insolentes maltratavão o povo... forão forçados, desarmados, e obrigados a lançarem-se de joelhos diante dessa meia duzia de esfarrapados peões!... (*Com voz cada vez mais forte*.) E o ministro que, como tu, escarneia do povo, da honra e da virtude; que, como tu, era despota e tyranno.... foi arrastado por essas ruas, como tu o has de ser, e como o hão de ser todos os que vierem após de ti — Conde de la Puebla!... não sabes como um povo, que por

(8) Vd. a 5ª nota no fim.

espaço de annos é escarnecido, se vinga dos seus oppresores?! — Se tu visses esse povo arrastar o mutilado corpo de Miguel de Vasconcellos ! se visses cravar-lhe os olhos, arrancar-lhe as barbas ! escarrar-lhe na hedionda face !... desafiar os cães para que o devorassem ! — Já tremes, iniquo?! Ah!... treme!... treme, infame!... treme!... que essa é a tua sorte ! — a sorte dos malvados!!!

LA PUEBLA.

(*Com um movimento de terror.*) Ah!...

D. ALVARO.

Já tens remorsos?!... oh! não tardará muito que esse povo que tens escarnecido te faça o mesmo ! — Tu serás arrastado!... o teu corpo será mutilado! teus membros espedaçados!... — e quando tu deres um gemido! a população te responderá com uma gargalhada!... e tua alma descerá aos infernos, acompanhada pelas maldições de três milhões de Portuguezes!...

LA PUEBLA.

Morrerei!!!... mas morrerei vingado!... ah!... morrerei cansado de matar!!!. (*Chamanto para dentro.*) — Tenente D. Diogo !

SCENA IV.

OS MESMOS E D. DIOGO *sahindo pela porta da esquerda.*

D. DIOGO.

Sr. governador ?

LA PUEBLA.

As minhas ordens ?!

D. DIOGO.

Cumpridas são.

LA PUEBLA.

D. Felippa de Vilhena?!...

D. DIOGO.

Agora mesmo tomou a bebida que mandastes.

LA PUEBLA.

O vidro do contra-veneno ?

D. DIOGO.

Ei-lo, Sr. conde. (*Entrega-lhe um vidro.*)

LA PUEBLA.

Bem: --- retirai-vos.

SCENA V.

OS MESMOS, *excepto D. DIOGO que sahe pela porta do fundo.*— D. FELIPPA, *dentro, na camara do lado esquerdo.*

LA PUEBLA.

Maria de Vilhena, tua mãe vai morrer ! salva-a enquanto é tempo !

MARIA.

(*Acordando da lethargia em que tem estado.*) Oh ! sim !... salvai-a... salvai-a !...

LA PUEBLA.

E serás minha ?!...

MARIA.

Não !!...

LA PUEBLA.

Maria, tua mãe vai morrer envenenada... de ti depende dar-lhe a vida — este contra-veneno ainda a pôde salvar !...

MARIA.

Não a deixeis morrer !... (*Lançando-se de joelhos.*)
Em nome de Deos, salvai minha mãe !!

D. ALVARO.

Maria !... Maria aos pés de um algoz !!...

LA PUEBLA.

(Apontando para dentro da camara, pela porta que deve ter ficado aberta.) Olha como o seu rosto se cobre com a pallidez da morte!... só resta um instante! salva-a emquanto é tempo!... salva aquella que te deu o ser!!... — Se te demoras um segundo, já não será tempo!! — consentes?!

D. ALVARO.

Momentos infernaes!!...

MARIA.

(Quasi em delirio.) Salvai-a!... salvai-a!!...

LA PUEBLA.

Logo, és minha?!...

D. FELIPPA.

(De dentro: — com voz languida.) Maria, a minha maldição sobre a mulher que se unir ao vil carrasco de D. Gastão de Abranches!... (Movimento de desesperação em La Puebla! — D. Felippa com voz extincta.) Maria!... minha filha... adeos! — meus filhos... D. Jeronymo... D. Francisco... D. Alva...ro...

MARIA.

(Ainda de joelhos.) Minha mãe!... morta!!... (Cabe desmaiada para o lado: — pequena pausa.)

LA PUEBLA.

(Voz rouca). Está morta!!... e ella sem ceder!! — Mulher inflexivel!... não cedeste á vista de tua mãe moribunda!... não cedeste á vista da sua morte!... cederás quando o cutelo estiver levantado sobre o pescoço do teu amante!... cederás! — ou a sua cabeça rolará a teus pés! (Fega n'um cutelo que deve estar perto.) D. Alvaro de Abranches, olha como este ferro é luzidio, brilhante e agudo!... — Maria, queres ver como elle faz saltar a cabeça do teu amante?!...

MARIA.

(Prostrada.) Grande Deos ! valei-nos !...

LA PUEBLA.

Neto do heroe de Alfarrobeira !... (9) filho de D. Gastão de Abranches, vou fazer-te o mesmo que fiz a teu pai !... Prepara-te ! !...

D. ALVARO.

Adeos, Maria ! não nos podemos reunir na terra !... no Céu nos juntaremos !... Adeos !! *(Pequena pausa : — com voz firme.)* Algoz ! eu te aguardo !

LA PUEBLA.

Maria ! olha a ultima vez para o teu Alvaro !... *(Levanta o cutelo e vai a descarregar o golpe.)*

MARIA.

(Levantando-se sobre um joelho.) Suspende ! !...

LA PUEBLA.

(Baixando o cutelo.) E cedes ? ? ! !...

MARIA.

Isso nunca ! ! !... *(Cae desfallecida para o lado.)*

LA PUEBLA.

(Com furor.) Pois morra ! ! !... *(Levanta o cutelo e vai a descarregar o golpe...)*

SCENA VI.

OS MESMOS, E D. FERNANDO DE ALBUERA, *que entra de repente, arranca o cutelo a La Puebla, e lança-o ao chão com sangue frio e nobreza: La Puebla recua com assombro: D. Fernando cruza os braços e fica socrego-lo: — ouve-se fóra um clarim de cavallaria dar o signal de parlamentario.*

LA PUEBLA.

(Medindo D. Fernando de alto a baixo — com raiva.) Des-

(9) Vid. a 9ª nota no fim.

de quando é que um subalterno se arroga o poder de contrariar as vontades do seu governador?!!...

D. FERNANDO.

(*Tranquillo e firme.*) Desde quando esse governador desce ao vil mister de carrasco!!—Entendamo-nos: vós tratais de deprimir a honra de Castella:— eu, de conservar illesa a gloria daquelle pavilhão! (*Indica a bandeira que está arvoreada sobre os terraços.*)— Um parlamentar para qui se dirige:— dou graças por elle não encontrar um grande de Castella tornado n'um...

SCENA VII.

OS MESMOS, O CONDE DE ATOUGUIA *com os olhos vendados*,
D. DIOGO DE LA ROCCA, OFFICIAES, CARDANIAS E SOLDADOS *ao funão.*

D. FERNANDO.

Sr. parlamentar, estais na presença do governador deste castello:— podeis tirar a vossa venda e fallar-lhe. (*O conde de Atouguia tira a venda, leva a mão aos olhos, e olha de volta de si com todo o socco.*)

LA PUEBLA.

(*Com assombro.*) O conde de Atouguia?!!...

D. ALVARO.

(*O mesmo.*) D. Jeronymo! vivo!!...

MARIA.

(*Em sobresalto.*) Meu irmão!!...

CONDE DE ATOUGUIA

(*A meia voz.*) Minha irmã!— D. Alvaro!... Meu Deos! como estão pallidos!!... (*Para La Puebla, com orgulho e voz forte.*)—Sr. governador! D. João da Costa, primeiro mestre de campo do Alemtejo e commandante das forças que

sitião esta fortaleza, intima-vos em nome de S. M. el-rei D. João o IV...

LA PUEBLA.

(*Interrompendo-o.*) Aqui dentro não se reconhece D. João o IV; — reconhece-se S. M. catholica D. Felippe...

CONDE DE ATOUGUIA.

(*Atalhando-o.*) Breve se reconhecerá, porque ali fóra (*Apona pela juncilla.*) não se reconhecem Felippes!... reconhece-se...

LA PUEBLA.

(*O mesmo.*) Atrevido!... não sabes que...

CONDE DE ATOUGUIA.

(*O mesmo.*) Sei que sou um parlamentar, e que hei de cumprir com o meu dever!—ouvi:

« Se desde já o castello se não render á discrição e arvorar sobre seus terraços o pavilhão de Portugal, o ataque principiará!... »

LA PUEBLA.

Render-nos á discrição!... á discrição?!!... — não sabes que esta fortaleza é defendida por Castelhanos?!...

CONDE DE ATOUGUIA.

(*Escarneo.*) Bem o sei; — mas tambem sei que está cercada por Portuguezes!...

LA PUEBLA.

Rebelde atrevido! não vês que te posso mandar enforcar sobre as ameias deste castello, para mostrar a esses vis peões quanto os temo?!... não tremes!...

CONDE DE ATOUGUIA.

(*Atalhando-o.*) Sou Portuguez! um Portuguez nunca treme quando cumpre com o seu dever!—estou encarregado de uma missão, hei de cumpril-a! — Ainda uma vez! ouvi:

« Se os prisioneiros D. Alvaro de Abranches, D. Maria

« e D. Felippa de Villiena receberem o menor insulto,
« toda a guarnição do castello será passada ao fio da es-
« pada! »—Acabei;—decidi: accedeis ou não?!...

LA PUEBLA.

Soldados! prendei este infame!

CONDE DE ATOUGUIA.

(*Orgulhoso.*) Ainda vos não ensinarão o vosso dever?!
—Não sabeis que sou um parlamentar?!...

LA PUEBLA.

Sei que és um rebelde!--Soldados! arrastai-o, e enforcai-o no mais alto dos terraços!

D. FERNANDO.

(*Para os soldados que avançam para o conde de Atouguia.*)
Suspendei!! (*Para La Puebla.*)—Sr. governador, este castello é defendido por Castelhanos, e não por selvagens:—dentro de seus muros existem valentes soldados, e não despreziveis algozes!...

D. ALVARO.

Enganais-vos, cavalleiro; se precisais de um carrasco, ahí o tendes!... (*Designa la Puebla.*)

LA PUEBLA.

Mentes, infame!... mentes...

D. ALVARO.

Minto?!...—Conde de Atouguia, e vós, D. Fernando de Albuera, olhai para aquella camara!...

CONDE DE ATOUGUIA.

Minha mãe!...

D. FERNANDO.

(*Ao mesmo tempo.*) D. Felippa de Villiena!...

D. ALVARO.

(*Logo.*) Envenenada!!!—e eis ahí o seu assassino!!!..

D. FERNANDO.

Grande Deos !!...

CONDE DE ATOUGUIA.

(*Com voz sumida.*) Envenenada !!!... Envenenada !!!
 (*Levando a mão ao lugar da espada.*) — É sou um parlamentarío !!!... oh! raiva !! não tenho uma espada com que a possa vingar !!!... (*Entra na camara em que está D. Felippa.*)

SCENA VIII.

Os MESMOS, *excepto o* CONDE DE ATOUGUIA.

D. FERNANDO.

Tenente D. Diogo de la Rocca, e vós, sargento Cardanhas, ficais de guarda a estes presos : as vossas cabeças me responderão pelo menor insulto que lhes fizerem.— D. Alvaro de Abranches, ficais debaixo da minha salvaguarda;—dentro destes muros ainda existem Castelhanos que não desconhecem o que é a honra.

LA PUEBLA.

D. Fernando, não sabeis que sou vosso governador? que me deveis obedecer cegamente ?!..

D. FERNANDO.

Sei que sou o segundo governador desta fortaleza, e que os crimes que nella se commetterem recahirão sobre as armas da nação hespanhola!—basta, Sr. conde, enquanto D. Fernando de Albuera estiver dentro destes muros, ha de se respeitar a honra e a virtude !

LA PUEBLA.

O' lá, soldados! prendei-o! lançai-o na mais horrorosa masmorra deste...

D. FERNANDO.

(*Lançando a espada aos pés dos soldados e officiaes.*) Se D.

Fernando não tem cumprido com o dever de cavalleiro e de brioso soldado de Castella, ali tendes a sua espada!— podeis prende-lo. (*Murmurios entre os soldados.*)

UMA VOZ.

Se o prendemos, não temos quem nos commande !

TODOS.

Viva D. Fernando ! viva a honra de Castella !! (*Um official levanta a espada e entrega-lh'a.*)

LA PUEBLA.

(*Com desesperação.*) Estou trahido !!...

SCENA IX.

OS MESMOS E O CONDE DE ATOUGUIA *entrando pallido e sombrio.*

D. FERNANDO.

Sr. parlamentar, ide, e dizei ao vosso general que o governador deste castello aceita a capitulação, mas que ha de sahir toda a guarnição armada, com bandeiras despregadas, a toque de caixas e com todas as honras militares.

CONDE DE ATOUGUIA.

(*Voz melancolica e severa.*) Sr. D. Fernando, dentro destes muros existe um infame que insultou um parlamentar desarmado... um fraco, cujas mãos ensanguentadas assassinarão uma dama sem defenza !... Esse cobarde, esse iniquo... é necessario que suba ao patibulo para expiar seus crimes !... Entregai esse monstro, se quereis...

D. FERNANDO.

(*Atalhando-o.*) Sr. conde, a nossa honra não nos permite entregar um governador...

CONDE DE ATOUGUIA.

Nesse caso preparai-vos para o combate !...

LA PUEBLA.

Valentes Castelhanos! soffreis que um imberbe, que um vil Portuguez vos insulte?!...

CONDE DE ATOUGUIA.

Um imberbe!... um vil Portuguez!!... Oh!... desgraçado de vós! desgraçados daquelles que insultão um parlamentar portuguez! porque os filhos de Portugal hão de vingar essa affronta dentro em poucas horas!... guerra! guerra de exterminio sem quartel nem piedade! —preparai-vos para o combate, e tremei! tremei!! porque nas veias dos Portuguezes ainda corre o sangue dos vencedores de Aljubarrota!!... (*Atira com o guante aos pés dos Castelhanos, e deixa cahir aos pés de D. Alvaro um papel dobrado.*)

D. FERNANDO.

(*Apanhando o guante.*) Seja!!...

(*O conde de Atouguia sahe, e os Castelhanos seguem-o.*)

SCENA X.

D. ALVARO e D. MARIA no primeiro plano:— no fundo D. DIOGO DE LA ROCCA, CARDANHAS, e a SENTINELLA passeando.

D. ALVARO.

(*Passada uma pequena pausa, com desalento.*) Maria...

MARIA.

(*Com melancolia.*) Alvaro... quanto somos desgraçados!... E minha mãe!... minha mãe!!...—Oh! que a possa abraçar ainda uma vez!... (*Entra na camara em que está D. Felippa.*)

D. ALVARO.

Sim! abracemol-a!... (*Vai a seguil-a, e é retido pelas cadeas.*) Sempre estes ferros!!... (*Pausa: — ouve-se em distancia o clarim do parlamentar.*)—Mas que rezará este

papel?!... (*Abre e lê.*) — « D. Alvaro, em breve serás livre:—o castello vai ser levado de assalto, um dos seus
 « angulos está minado e voará pelos arés:—nada receies
 « por ti ou por Maria; a mina é no angulo opposto áquel-
 « le em que estás, não te fará mal algum. — A nossa
 « causa está salva, o reino em completa revolta: todas as
 « cidades, praças d'armas e o reino do Algarve, com to-
 « das as tropas portuguezas, são pela independencia da
 « nossa patria!—*Jayme.* »

MARIA.

(*De dentro.*) Minha mãe!... ah!... está gelada!... (*Vindo lançar-se nos braços de Alvaro.*) Está morta!...

D. DIOGO.

(*Para Cardanhas.*) Os inimigos principião a mover-se:—parecem soldados veteranos!... — C'os diabos!... está tudo coberto de paisanos!!

D. ALVARO.

Maria... animo:—já me não amas?

MARIA.

(*Encugando as lagrimas.*) Posso eu deixar de te amar?

D. ALVARO.

(*Apertando-a ao peito.*) Meu Deus! como estás pallida!... cobra animo... dentro em pouco serás livre...

MARIA.

(*Com a voz cortada.*) Por ventura essa liberdade restituir-me-ha minha mãe?!... (*Debullhada em lagrimas.*) Minha mãe!... minha mãe... perdida para sempre!!

D. ALVARO.

(*Recalcando a custo um suspiro.*) Maria!... por piedade, não espedaces mais esta alma!... (*Levando a mão aos olhos, e á meia voz.*)—Uma lagrima?!—Julgava tel-as derramado todas nas margens do Colluale!... (10) e nos pal-

(10) Vid. a 10ª nota no fim.

mares da India !!... (*Pequena pausa :—tentando distrahir Maria.*) Maria, não te recordas do tempo em que outr'ora tanto me amavas !... e em que tão felizes fomos ? !

MARIA.

Assim era !... mas agora ! ?

D. ALVARO.

(*Com amor.*) Agora, não estás tu em meus braços ? !...

MARIA.

(*Apertando-o.*) E ninguem me arrebatará delles ? !...

(*Ouve-se uma grande explosão, o castello é abatado, o escudo das armas de Castella cahe, uma porção do muro e da porta do fundo desaba, e deixa ver parte dos terraços e o bastião que está no fundo do lado direito.*)

D. DIOGO DE CARDANHAS.

Jesus ! !...

MARIA.

Virgem Santa ! !...

D. ALVARO.

Não te assustes, foi a mina que rebentou...

D. DIOGO.

Lá cahiu um angulo do castello !... não vou gostando da tal funcção !... (*Ouve-se rufo de tambores, e em seguida uma descarga cerrada de mosquetaria e alguns tiros de canhão.*)

MARIA.

Meu Deos !... — estes tiros ! !...

D. ALVARO.

São nossos irmãos que nos vêm salvar !... (*Ouve-se uma trombeta tocar a avançar em alguma distancia.*)

D. DIOGO.

Vão dar o assalto !... avancão á brecha !... (*Toque a*

fazer fogo, e em seguida uma descarga cerrada da parte de fóra: — ao longe toque de sinos a rebate.)

CARDANHAS.

Estou vendo quando por aqui vem algum balazio que nos manda de presente ao diabo !!...

D. DIOGO.

Silencio, maldito !... o espirito do demonio te bafeja !...

MARIA.

Virgem Santissima, tende piedade de nós !... *(Ajoe-lha e levanta as mãos como quem reza: Alvaro contempla-a com melancolia: — Ouve-se uma banda de musica marcial no interior do castello e um tiroteio geral.)*

D. ALVARO.

(Estremecendo ao ouvir a musica.) E hei de ter os pulsos roxeados com estas cadeas, quando o campo da gloria está a dous passos de mim ?!... Hei de ser obrigado a ouvir o troar do canhão e o sibilar das balas ! sem estar ao lado de meus irmãos !!... *(Dobrando um joelho: — com vehemencia.)* Oh !... Deos dos christãos ! se é supremo o teu poder !... quebra estes grillhões ! espedaça estes ferros ! ou abafa para sempre no peito de um soldado os brios de cavalleiro !!... *(Levanta os braços com arrebatamento, e deixa-os cahir com desalento, ficando prostrado e atquebrado: — pausa larga durante a qual se ouve a musica, fogo, e o estourar das granadas de mão: — o combate é simulado na ala do castello opposta à em que se passa a scena.)*

D. DIOGO.

Por S. Pedro ! já vai cheirando a chamusco !... — Portuguezes ! Portuguezes !! quem vos mandára a todos para o...

SCENA XI.

OS MESMOS, D. CONSTANTINO, *vestido de cavalleiro*, JOÃO e alguns PAISANOS *entrando pela porto da direita que dá para os terraços.*

D. CONSTANTINO.

(*Interrompendo D. Diogo*) Rendei-vos e entregai as armas, ou morrereis! (*Alguns paisanos apontão os arcabuzes aos peitos dos Castelhanos, outros desarmão-os.*)

D. ALVARO.

(*Levantando-se.*) Constantino!!...

D. CONSTANTINO.

Estais livre, Sr. D. Alvaro!

MARIA.

(*Com transporte.*) Livre!... — Deos ouviu os meus rogos!

D. CONSTANTINO.

(*Para D. Diogo.*) As chaves destes cadeados?!... (*D. Diogo entrega as chaves, D. Constantino abre as cadeas.*)

D. ALVARO.

Estou livre!!... Maria! minha Maria!!... (*Abração-se: — cahe uma granada no terraço e rebenta.*)

MARIA.

Jesus!!...

D. ALVARO.

Estás ferida?!...

MARIA.

Não... não...

D. CONSTANTINO.

Foi uma granada mal dirigida... (*Encaminha-se para o terraço do fundo, abate a bandeira castelhana e faz subir*

em seu lugar o pavilhão de Portugal que tem trazido consigo: — Os paisanos conduzem os presos para fóra, pela porta da direita: — alguns soldados portuguezes atravessão a scena da direita para a esquerda.)

D. ALVARO.

Maria, recolhe-te para esta camara, nella estarás mais segura. (*Encaminha-a para a camara da direita.*)

MARIA.

E tu não me deixas?!...

D. ALVARO.

A honra obriga-me a ir ter com nossos irmãos...

MARIA.

Alvaro, em nome do nosso amor, não me deixes!...

D. ALVARO.

Queres que seja indigno de ti?... talvez que a esta hora Jayme ou teus irmãos estejam feridos por nossa causa!... e não queres que vá...

MARIA.

(*Com as lagrimas nos olhos.*) E o nosso amor, Alvaro, já não é nada para ti?!...

D. ALVARO.

E a minha patria, Maria, e a minha honra?!...

MARIA.

(*Com a voz cortada.*) Vai!... vai!... eu mostrarei que sou filha de D. Felippa de Vilhena!...

D. ALVARO.

(*Abraçando-a.*) Adeos!... dentro em pouco voltarei, e tu serás minha para sempre!... (*Dá-lhe um beijo na fronte.*)

MARIA.

Alvaro!... Alvaro!... adeos!... (*Entra para dentro da camara.*)

D. ALVARO.

(*Fechando a porta.*) João, guarda bem esta camara com os teus: — se algum Castelhana se approximar, faze-lhe fogo. — Constantino, vamos !...

A VOZ DE D. JAYME.

(*Em distancia.*) Avante, soldados! — avante, filhos de Portugal! — viva a independencia e a liberdade!...

VOZES.

(*Remotas.*) Viva !!...

D. CONSTANTINO.

(*Entregando uma espada a D. Alvaro.*) Depressa, depressa, que não chegamos a tempo !...

D. ALVARO.

(*Brandindo a espada com enthusiasmo.*) Agora, Portugal e a gloria !... logo, Maria e os altares !... (*Sahem pela esquerda.*)

SCENA XII.

JOÃO E PAISANOS nos terraços do fundo.

JOÃO.

(*Olhando para baixo e para os lados.*) Que bella vista! — vê-se todo o rio, — o mar, — Troya !... (11) Oh ! com os diabos ! como este castello é alto ! — Se um pobre christão cahisse daqui abaixo, ficava feito em pedaços !... (*Continúa o fogo.*) — As balas assobião que tem diabo ! — não é lá das mais agradaveis esta musica !... (*Entrando para dentro e olhando para a esquerda.*) Oh !... ali vem um frade ! — é cousa extraordinaria ! — um frade por aqui !...!

(11) Vid. a 11ª nota no fim.

SCENA XIII.

Os MESMOS, *que logo sahem.* LA PUEBLA *disfarçado em frade.*

LA PUEBLA.

Correi ao Sr. D. Alvaro, que está cercado por mais de trinta Castelhanos!... — se não acudis depressa, mata-lo-hão!...

JOÃO.

Mas elle mandou-nos ficar aqui de guarda á Sra. D. Maria de Vilhena!... não podemos deixa-la só!

LA PUEBLA.

Eu a guardarei!... ide, ide todos!... salvai-o emquanto é tempo!...

JOÃO.

Então aonde está elle?

LA PUEBLA.

Ide por essa galeria fóra : lá embaixo tomai á direita! não vos esqueça, á direita!

JOÃO.

(Para os paisanos.) Vamos! — salvemo-lo!

LA PUEBLA.

(Só—com regozijo.) Ah!... o inferno me protege!... favorecido por estes habitos, poderei vingar-me!... e salvar-me!... *(Abre a porta da camara.)*

MARIA.

(De dentro.) Alvaro! Alvaro, és tu?

SCENA XIV.

LA PUEBLA E MARIA *sahindo da camara.*

LA PUEBLA.

(*Tirando o capuz para baixo.*) Não !... não é o teu Alvaro ! — E' o homem que tanto tens desprezado !... (*Maria dá um grito e quer fugir, La Puebla agarru-lhe n'um braço e leva-a para o meio da scena.*) — E' o homem que por tua causa ha commettido os mais horrorosos crimes !... a quem teus irmãos, o cavalleiro de bronze, o teu Alvaro e o seu pagem, jurarão de fazer subir ao cada-falso ! — é o homem que, disfarçado com estes vestidos, passou por diante de todos elles, sem que o conhecessem !... (*Com raiva reconcentrada.*) E' enfim o homem que se vai vingar !... e que vinte vezes cravará este ferro no teu empedernido coração !...

MARIA.

(*Aterrada.*) Alvaro !... Alvaro, salva-me !...

LA PUEBLA.

Não te salvará, não ! que agora me procura elle no mais renhido do combate ! — Pensavas que eu havia de morrer sem te arrastar comigo á sepultura ? !... pensavas que havias de ser feliz nos braços de Alvaro de Abranches ? !... Enganaste-te, Maria de Vilhena !... has de morrer como morreu tua mãe !...

MARIA.

Morrer como ella ? !... Santa Virgem ! que horrivel morte ! — Não me façais morrer envenenada !...

LA PUEBLA.

(*Sorriso affrontoso.*) Não queres morrer envenenada ? !... é uma morte horrivel ? !... pois envenenada morrerás !... (*Raiva reconcentrada.*) Morrerás pouco e pouco !

chamando teus irmãos, e não te respondendo senão o echo desses tiros!... invocando o teu Alvaro, e não sentindo senão o frio enregelado do tumulto!... morrerás cheia de dôres e de tormentos!... (*Tira um vidro com veneno e quer lançar-lh'o pela boca.*)

MARIA.

(*Debatendo-se.*) Não me mateis!... piedade!... piedade....

LA PUEBLA.

Piedade?!... e tiveste-la tu de mim?!...

MARIA.

Socorro!... soccor....

LA PUEBLA.

(*Fazendo-lhe engulir o veneno.*) Socorro?!... já é tarde!... (*Põe o vidro em cima da mesa e pega n'outro que lá deve estar.*) Eis o contra-veneno! — Mas elle não te salvará!

MARIA.

Salvai-me!... salvai-me!...

LA PUEBLA.

E serás minha?!...

MARIA.

Nunca!...

LA PUEBLA.

(*Arremessando o vidro ao chão com furor.*) Pois morre!!... (*Maria cahe na cadeira com desalento, dando um pequeno gemido.*) — Maria! a tumba te aguarda!... dentro em dous minutos serás um cadaver!... (*Indo á porta da direita que dá para os terraços.*) Está tudo coberto de povo!...—se ao menos me pudesse esconder!... (*Olhando de roda.*)—Oh! naquelle bastião!...—(*Esconde-se dentro do bastião e fecha a porta.*)

SCENA XV.

LA PUEBLA dentro da torre : MARIA sentada na cadeira e desfallecida : D. ALVARO entrando pela esquerda com a espada ensangrentada e os vestidos em desordem.

D. ALVARO.

(Entrando.) Maria !... Maria !...

MARIA.

(Voz languida.) Alvaro....

D. ALVARO.

O castello está tomado, apenas D. Fernando de Albuquerque resiste com poucos soldados! — Oh! affim vais ser minha! nos braços um do outro, dias venturosos nos esperão. — (Maria baixa o rosto e limpa algumas lagrimas). — Maria! que quer dizer esse silencio?!... esse silencio, quando vamos ser felizes?!

MARIA.

(Voz languida e melancolica.) Felizes?!... já é tarde!...

D. ALVARO.

(Assustado.) Já é tarde?!...

MARIA.

(Com angustia.) Alvaro, poucos momentos me restão de vida!!...

D. ALVARO.

(Como ferido de um raio.) Que dizes?!... que significão essas palavras?!... essas lagrimas?!...

MARIA.

(Com o peito oppresso e a voz cortada.) Que estou!... que estou!... envenenada!!...

D. ALVARO.

(Recua um passo, cake-lhe a espada da mão e fea como

petrificado: depois, com um rugido arrancado do antro d'alma.) Envenenada!!... (*Olha em roda com olhar desvariado, vê o vidro que está em cima da mesa e lança-se sobre elle.*) — Oh!... era este o vidro do contra-veneno!... ainda te poderei salvar!...

MARIA.

Impossivel!... já principio a sentir os effeitos do...

D. ALVARO.

Bebe este contra-veneno!... ainda será tempo!...

MARIA.

Esse vidro!!... oh! foi esse liquido que La Puebla, o algoz de teu pai, me fez engulir!... e que me vai dar a morte!...

D. ALVARO.

O algoz de meu pai!!... oh! desesperação!!...

MARIA.

(Voz languida.) Alvaro, sinto-me desfallecer... — já quasi te não vejo...

D. ALVARO.

(Melancolico e com desanimação.) Maria!... tu vais morrer!... anjo do céo! e hei de perder-te no momento em que ias ser minha?!... — Mas não!... tu não te separarás de mim!... não!!... — Já que não pudêmos ser unidos sobre a terra!... se-lo-hemos no tumulo!!... *(Bebe o veneno do vidro que tem na mão: atira o vidro fóra com indifferença.)* Acabou-se tudo!... adeos, campos das batalhas!... adeos, sonhos dourados!... adeos, illusões da vida!... adeos, Portugal!!...

MARIA.

(Voz extincta.) Alvaro, que fizeste?...

D. ALVARO.

Sigo-te!... os homens separão-nos sobre a terra!... no céo, Deos nos unirá!...

MARIA.

(*Desfallecendo.*) Já te não vejo... une-me mais ao teu peito...

D. ALVARO.

(*Enleando-a com os braços.*) Morrer! morrer tão nova!...

MARIA.

(*Quasi em delírio e levantando-se um pouco na cadeira.*) Alvaro, minha mãe nos chama... não a vês?... olha... no céu... ella nos... estende os braços.. Alvaro... ah... (*Cabe sentada na cadeira.*)

D. ALVARO.

(*De joelhos junto da cadeira.*) Foi um anjo sobre a terra!!... subiu ao lugar que lhe era destinado!!...

LA PUEBLA.

(*Ao fundo.*) Estou mais que vingado!!...

SCENA XVI.

Os MESMOS E D. JAYME *entrando com a espada ensanguentada n'uma mão, e alguns pergaminhos na outra.*

D. JAYME.

Alvaro!... Alvaro!...

D. ALVARO.

Jayme, meu irmão!...

D. JAYME.

Alvaro, el-rei D. João o IV te nomea conselheiro de guerra, general e governador das armas da provincia da Beira: meu irmão, a gloria te espera ao norte de Portugal!... Mas não sahirás destes muros sem seres unido a Maria!... o altar se prepara na capella deste castello, e o sacerdote te aguarda!... afinal vais ser feliz nos braços della!...

D. ALVARO.

Feliz nos braços della?!... sim, — no céo!...

D. JAYME.

Que dizes?!... (*Reparando em Maria.*) — Maria?!...

D. ALVARO.

(*Voz sepulchral.*) Está envenenada! e eu tambem!...

D. JAYME.

(*Com um grito de horror.*) Envenenados?!...

D. ALVARO.

(*Com desalento.*) Sim.... não nos pudemos reunir quando vivos.... reunir-nos-hemos depois de mortos!... — Jayme, jura de a viingar! — de viingar meu pai!...

D. JAYME.

(*Desesperado.*) Eu t'o juro! sereis vingados!... este castello nadará em sangue!...

D. ALVARO.

(*Desfallecendo.*) Poupa a vida a esses desgraçados soldados.... La Puebla é o unico que deve morrer!...

D. JAYME.

(*Com rancor.*) Elle morrerá!!... morrerá sobre o patibulo!... no meio dos mais horrorosos tormentos!!...

D. ALVARO.

Meu irmão! a morte approxima-se!... promette-me que eu e Maria seremos sepultados no mesmo tumulo!...

D. JAYME.

(*Solemne e com voz cortada.*) Cumpridas serão as tuas ultimas vontades! — assim t'o juro!...

D. ALVARO.

Deixa-me beijar ainda uma vez a sua mão.... (*D. Jayme e D. Alvaro chegam-se para Maria: — Alvaro pega-lhe na mão e leva-a aos labios.*)

D. JAYME.

(Com o peito oppresso.) Horríveis momentos !...

D. ALVARO.

(Quasi desfallecido e beijando a mão de Maria.) Maria....
Jayme.... adeos.... *(Num ultimo alento.)* — Maria !...
(Cabe nos braços de D. Jayme : — pausa.)

D. JAYME.

(Ainda de joelhos e sustentando Alvaro — voz rouca.) E' morto !... *(Ouve-se fóra o tinir das espadas batendo umas nas outras.)*

SCENA XVII.

OS MESMOS, D. FERNANDO DE ALBUERA *retirando com uma bandeira hespanhola*, D. CONSTANTINO, CHANDRA SINAY, SOLDADOS E PAISANOS PORTUGUEZES.

D. CONSTANTINO.

Rendei-vos, e entregai essa bandeira !

D. FERNANDO.

Defende-la-hei enquanto vivo ! só m'a arrancareis depois de morto !

D. JAYME.

(Levantando-se arrebatado : — voz terrivel.) Oh ! será esta a minha primeira vingança !... — Castelhanos ! vais morrer !!... *(Os soldados apontão as armas.)*

D. FERNANDO.

(Firme.) Sou D. Fernando de Albuquerque ! não tremo diante da morte !!

D. JAYME.

D. Fernando de Albuquerque ?! — Olá, soldados ! baixai essas armas ! — D. Fernando, nobre Hespanhol, sois livre, e senhor de voltardes para a vossa patria. — Soldados ! D.

Fernando está debaixo da minha protecção ; respeitai-o como se fôra um dos vossos capitães !

D. FERNANDO.

D. Jayme, declaro-me vosso prisioneiro : — o que não alcançou a força e a violencia, consegue-o a generosidade e o valor ! — entrego-vos a minha espada e esta bandeira....

D. JAYME.

Guardai a vossa espada, guardai essa bandeira que tão gloriosamente soubeste defender ! — D. Constantino, e vós, capitão Chandra, acompanhai D. Fernando a bordo da primeira galera ; logo que ahí chegar, o commandante que levante ferro e que o conduza ás costas de Hespanha : seja tratado como se fôra eu mesmo : tres tiros de canhão annunciem-me a sua partida !

D. FERNANDO.

Generoso Lusitano, em toda a parte podeis contar com este braço e com este ferro ! — pela gloria desta bandeira te juro que sempre estarei prompto a derramar o meu sangue por tão brioso cavalleiro !

D. JAYME.

Valente filho das Hespanhas ! os Portuguezes sabem castigar a tyrannia e o crime, e respeitar a honra e a viatude ! — Ide, D. Fernando de Albuera, ide depôr aos pés do vosso rei esse pendão ! dizei a Felippe IV que a crueldade e a prepotencia de seus iniquos ministros lhe perdêrão o reino e a corôa de Portugal ! e que a honra e o valor de um nobre soldado lhe salvárão o real estandarte de Castella !

D. FERNANDO.

Desta vez a verdade chegará, ainda que tarde, aos pés de Felippe de Hespanha ! — D. Jayme, nobres cavalleiros, intrepididos soldados, e vós, generoso povo portuguez ! Adeos !...

TODOS.

Adcos !!... (*Sahem todos.*)

D. JAYME.

Cumpri com o dever de cavalleiro! — Vou cumprir com o de irmão! — Conde de La Puebla! dar-te-hei morte mais horrivel do que Pedro I deu aos assassinos da sua Ignez!!... — Maria de Vilhena! Ignez de Castro não foi tão vingada como tu o has de ser!!... (*Sahe.*)

SCENA XVIII.

CONDE DE LA PUEBLA *dentro do bastião*, MARIA, D. ALVARO: — PADRE NICOLAO DA MAIA E JOÃO *entrando pela esquerda.*

PADRE MAIA.

Onde estão elles?

JOÃO.

(*Olhando de volta.*) Ali... (*Approximão-se.*) Ah!... estão... estão mortos!!...

PADRE MAIA.

Mortos?!... (*Ajoelha perto de D. Alvaro e de Maria; depois de os ter examinado levanta as mãos para o céu e exclama com voz cortada.*) Grande Deus, que velas pelos justos... e pela innocencia!... louvores te sejam dados por não consentires que se commettesse tão grande e abominavel crime!... Deus de infinita misericordia!... continuai a proteger-nos com a vossa divina graça!... como até hoje nos haveis patrocinado!...

JOÃO.

(*Torcendo as mãos com pezar.*) Mortos!!...

PADRE MAIA.

Não, meu filho!... não estão mortos!... estão salvos!

JOÃO.

Salvos?!... mas se elles estão...

PADRE MAIA.

Estão adormecidos!... (*Lança algumas gotas de um elixir nos labios de Maria e de D. Alvaro.*)

LA PUEBLA.

(*Ao fundo, com espanto.*) Adormecidos!!...

PADRE MAIA.

Corre, João, corre a dizer a D. Jayme que D. Alvaro está vivo!... dize tambem ao Sr. conde de Atouguia...

JOÃO.

Mas elles não me acreditarão!!...

PADRE MAIA.

Dize-lhes que hontem, estando eu na botica de Setubal, chegou lá um Castelhanao a exigir um veneno para o governador deste castello; que, em lugar de veneno, lhe foi dado um narcotico, que só produz um entorpecimento enquanto se não lançar na boca do individuo entorpecido algumas gotas deste contra-narcotico!... Corre, corre, meu filho, dize-lhes que estão vivos!

LA PUEBLA.

(*Ao fundo, com raiva.*) Fui illudido!!...

JOÃO.

Oh! depressa com elles voltarei! (*Sahe.*)

SCENA XIX.

Os MESMOS, *excepto* JOÃO.

PADRE MAIA.

Já vão tornando a si!... Louvores te sejam dados, Senhor!

MARIA.

(*Despertando-se pouco a pouco e passando a mão pelos olhos.*) Aonde estou eu?!...

PADRE MAIA.

Aqui, minha filha! junto de mim e de vosso esposo!...

MARIA.

Sois vós, meu padre?...

D. ALVARO.

(*Despertando-se.*) Maria!?!...

MARIA.

Alvaro!... — Que sonho tive tão horrivel!...

D. ALVARO.

(*Correndo a mão pela testa.*) Tambem eu!... O meu Deos! tu estavas!...

PADRE MAIA.

(*Soluçando.*) Meus filhos, vinde abraçar vossa mãe!...

MARIA.

Minha mãe?!... oh! minha mãe já não existe!...

PADRE MAIA.

Existe... existe!... D. Felippa de Vilhena é viva!... vinde, tudo vos explicarei!

MARIA.

Minha mãe viva?!... — Oh! vamos, vamos, meu padre!...

D. ALVARO.

Ainda ha um Deos que vela pelos justos! (*Entra do na camara aonde está D. Felippa.*)

SCENA XX.

LA PUEBLA, e logo D. JERONYMO, CONDE DE ATOUGUA.

LA PUEBLA.

(*Descendo.*) Fui enganado! iludido!... Mas não me-
OS DOUS PROSCRIPTOS.

rerei sem os aniquilar a todos! — a ponta deste punhal não produzirá o somno, mas sim a morte!... (*Vai a entrar na camera, e impedido pelo conde de Atouguia que entra de repente pela segunda porta da esquerda.*)

CONDE DE ATOUGUIA.

(*Com a espada em punho.*) Queres a morte? !... a morte terás! — Conde de La Puebla! não é um parlamentar que está diante de ti! é o soldado que vem vingar a afronta que o parlamentar recebeu!... e a sua vingança está na ponta desta espada!... — Carrasco de D. Gastão de Abranches!... assassino de D. Felippa de Vilhena!... verás como o conde de Atouguia vinga sua mãe e irmã a quem tu assassinaste!...

LA PUEBLA.

(*Tirando a espada debaixo do habito.*) Atrevida criança!... com a vida pagarás as injurias que me fazes!

CONDE DE ATOUGUIA.

(*Cruzando a espada.*) Veremos!...

LA PUEBLA.

(*Saltando-lhe a espada da mão.*) Ah!...

CONDE DE ATOUGUIA.

(*Espada em ameaço.*) Estás desarmado!... vais morrer!... — mas não!... a espada dos Atouguias!... a espada que foi empunhada por D. Luiz de Atayde, visorrei da Índia, não se manchará no vil sangue de um algoz!... Mas de morrer, mas sobre o cadafalso!... ás mãos de um carrasco!... de um teu semelhante!...!

LA PUEBLA.

Morrerei! mas não sobre um patibulo!... Morrerei, mas não morte affrontosa!... (*Foge para o interior da torre e fecha-se por dentro.*)

CONDE DE ATOUGUIA.

(*Seguindo-o.*) Não escaparás!... (*Bradando para fóra.*)

O lá, soldados! a mim!... a mim, Portuguezes!! — arrombai essa porta!! (*Entrão soldados e paisanos em confusão e principião a forçar a porta.*)

SCENA XXI.

O CONDE DE ATOUGUA, D. JAYME, D. FRANCISCO, *tomão a direita*: D. ALVARO, D. FELIPPA, D. MARIA, PADRE MAIA, *sahindo da esquerda*: LA PUELLA, *em cima da torre*: *ao fundo*, JOÃO, OFFICIAES, POVO E SOLDADOS PORTUGUEZES.

D. JAYME.

(*Entrando.*) Alvaro!!...

D. ALVARO.

(*Ao mesmo tempo, sahindo da camara.*) Jayme!!...

CONDE DE ATOUGUA.

(*Lego: — com espanto.*) Minha irmã!... minha mãe!... vivas!!...

D. FRANCISCO.

(*Ao mesmo tempo.*) Maria! minha mãe!!...

D. FELIPPA.

(*Lego.*) Meus filhos!!...

MARIA.

(*Ao mesmo tempo.*) Meus irmãos!!... (*Abruçõ-se todos com transporte, formando um meio circulo.*)

D. JAYME.

(*Para o padre Nicoláu da Maia — breve.*) Meu padre, hoje mesmo unireis D. Maria de Vilhena a D. Alvaro de Abranches. (*Para os cavalleiros e soldados.*) — Bravos cavalleiros! intrepidos soldados! baqueou a tyrannia! a vossa patria é restaurada! — Agora, valentes Portuguezes! ao ultramar! á Africa! Asia e America!... ás frontei-

ras de Portugal! a sustentar a independencia e a liberdade! eia! avante! a victoria vos aguarda em toda a parte !!...

D. ALVARO.

A's fronteiras! á guerra! á gloria !!...

CAVALLEIROS, POVO E SOLDADOS.

A' guerra! á guerra! á gloria!

MARIA.

(*Meiga.*) Alvaro, affim vou ser tua!

D. ALVARO.

Minha!... para sempre!

D. JAYME.

E eu, á India! aos braços de Beatriz! (*Ouvm-se tres tiros de canhão.*)

SCENA XXII E ULTIMA.

OS MESMOS, CHANDRA SINAY E D. CONSTANTINO *entrando de repente pelo fundo.*

D. CONSTANTINO.

(*Energico.*) D. Fernando de Albuera está salvo! já vai de mar em fóra!! (*Abrem todos para o lado.*)

LA PUEBLA.

(*Em cima da torre.*) Todos se salvão, excepto eu! oh! raiva! morro! e não morro vingado!!!... (*Lança-se da torre abaixo dando um como rugido de desesperação; horror geral: — ouve-se o baque do corpo cahindo nos fossos do castello: — todos exclamão quasi ao mesmo tempo, breve e recuando assombrados.*)

MARIA.

Virgem Santa!...

D. FELIPPA.

Jesus !!!...

D. ALVARO.

Meu pai ! meu pai ! estás vingado !...

PADRE MAIA.

(Dobrando os joelhos e levantando os braços.) Ente Supremo ! tende piedade da sua alma !!!...

D. JAYME.

(Com magestade.) Escapou ao patíbulo.... mas não á justiça de Deos !!!...

(O panno desce com rapidez.)

FIM DO DRAMA.

NOTAS.

I.

D. João da Costa, pags. 27, 24 e 25

Este discurso de D. João da Costa é historico. — *Alphonse Rabbe*, referindo-se a *D. Luiz de Menezes*, autor do *Portugal Restaurado*, diz nos que elle fôra pronunciado na presença de todos os conjurados, em a noite de 27 de Novembro; porém, lendo com attenção o *Portugal Restaurado* e a *Relação de tudo o que se passou na feliz acclamação do mui alto e mui poderoso rei D. João o IV* (*), etc., vê-se que o colloquio entre D. João da Costa e os cavalleiros conferados teve lugar em a noite de 28 de Novembro.

L'Abbé de Bertol e Mr. de la Clede tambem neste ponto faltão completamente á historia, e chegam mesmo a calumniar este brioso cavalleiro, que, sem contradicção, foi um dos que prestou maiores serviços á causa da independencia de Portugal, tanto no dia da revolução, como depois, sendo primeiro mestre de campo em Alentejo, e por fim mestre de campo general, depois de haver sido general da artilharia.

II.

.... — Não vêdes os empregos postos todos em almoceda e entregues a quem mais dá? pag. 25

Todos os chronistas e historiadores que consultámos, nacionaes e estrangeiros, são conformes na descripção que fazem do desgraçado e misero estado em que as pre-

(*) Impresso em Lisboa, no anno de 1611. - - Alguns mezes depois da revolução.

potencias do governo dos Felippes havião lançado Portugal. — Pela nossa parte fizemos todas as diligencias por pintar fielmente o estado em que este reino se achava naquella época, e por seguir a historia, tanto quanto é possível segui-la, applicando-a ao theatro.

III.

As masmorras da torre de S. Gião nunca se faltarão de ouvir seus queixumes, nem o Tejo de rolar seus cadaveres ao oceano!... pag. 44

Mais de dous mil cadaveres forão encontrados nas margens do Tejo: — *Alphonse Rabbe*, fallando nisto, exprime-se por estas palavras:

« ... La multitude des partisans populaires du prieur fut ensuite diversement décimée, sans avoir égard au sexe et à l'habit, car un grand nombre de religieux furent noyés dans le Tage. Le peuple crut dès lors la rivière frappée d'excommunication, et ne voulut plus manger du poisson que l'on y pêchait. Il fallut, pour ne pas perdre une source de subsistances si nécessaire, que l'archevêque de Lisbonne vint en grande cérémonie lever l'interdit imaginaire. Le féroce et superstitieux Philippe éprouva lui-même quelques inquiétudes, à raison de la qualité de ces condamnés » — Depois, referindo-se a *Liagno*, diz: — « Deux mille victimes à froc et à surplis effrayèrent ce bigot sanguinaire. »

IV.

.... a grita dos inimigos se eleva aos ares, pag. 77

Os indios, quando principiavão uma batalha, costumavão dar grandes gritos, com o fim de atterrarem os inimigos. — Este uso ainda é hoje muito praticado na Asia.

V.

.... o nosso camarada que nos acompanhou á restauração da Bahia &c... pag. 77

D. Alvaro de Abranches havia passado na qualidade de capitão de infantaria á restauração da Bahia. — Tendo prestado grandes serviços em o 1º de Dezembro, accla-

mando el-rei, e tomando posse do castello de S. Jorge, foi depois nomeado membro do conselho de guerra e governador das armas da provincia da Beira; partindo de Lisboa para as fronteiras em fins de Janeiro de 1641. — A instancias dos povos, foi nomeado segunda vez governador da mesma provincia desde Abril de 1643 até Fevereiro de 1645, em que por interesses particulares deixou aquella provincia e se retirou a Lisboa.

VI.

LARRONCA. — Quem deve morrer?...

LA PUEBLA. — O duque de Bragança, a quem essa vil canalha proclamou rei! pag. 87

É bem sabido que o conde-duque de Olivares, valido de Felipe IV, tentou mais de uma vez apoderar-se do duque de Bragança. — Não deve admirar que um malvado como La Puebla (*), instigado pela politica, ou, para melhor dizer, pelas intrigas vis, traiçoeiras e infames de um jesuita, tentasse mandar assassinar o homem que, *segundo elles, roubava a seu senhor e rei* a melhor porção do reino das Hespanhas.

VII.

.... Quem não sabe a historia do invencivel Massinga, a quem os povos do Pegú proclamárão rei! pag. 120

Salvador Ribeiro de Souza, natural de Quintães, couto de Ronfem, districto de Guimarães, na provincia de entre Douro e Minho, foi um dos mais valentes e intrepidos cavalleiros do seu tempo, e um dos heróes que mais se distinguuiu na India, em diversas facções, taes como na dos navios de Méca; na róta da armada de Catimuça Marcá no rio de Cardiva, sendo capitão do Cunhale, e na jornada de Jafanapatão com o feliz general André Furtado de Mendonça, aonde mostrou sempre ser soldado qualificado. Depois, passando a Ceilão com o general D. Jeronymo de Azevedo, militou seis annos, e foi capitão de uma companhia, aonde, assim em a famosa retirada de Malvana como em outras perigosas occasiões, alcançou

(* Este conde de La Puebla é uma personagem creada por nós: — não se confunda com o marquez de La Puebla, primo do conde-duque de Olivares e presidente do conselho da vice-rainha Margarida de Saboya.

muita honra, não menos de esforçado soldado que de prudente capitão.

Voltava Salvador Ribeiro para o reino, a requerer o premio dos seus serviços e de seus dous irmãos que com elle tinhão passado á India, onde havião achado morte honrosa em serviço da patria e de el-rei, quando a adversidade do tempo o obrigou a arribar ao golpho do Ganges em Junho de 1601, e a tomar o porto de Sirião no principal rio do Pegú.—Salvador Ribeiro, vendo que muito convinha aos estados da Asia portugueza edificar naquelle porto uma casa onde se podessem recolher todos os Portuguezes e christãos da terra, para logo resolveu ahi construir uma, o que conseguiu, obtendo para isso licença do rei de Arracão, por meio de Felippe de Brito de Nicote, natural de Lisboa, que ha muito servia este rei no emprego de *changá* (*). —Salvador Ribeiro principiou a construir um baluarte de madeira terrapleno, simulando ser casa de mercador, e encobrando com todo o cuidado ser elle capitão de guerra.

Arrependendo-se o rei de Arracão de haver concedido tão imprudente licença, e receiando não poder de futuro expulsar a quem tão inconsideradamente a dera, resolveu atacar a casa, ou antes forte, que Salvador Ribeiro havia construido. Com este intento mandou aprestar uma forte armada, contando com uma facil victoria, por não serem mais de trinta os Portuguezes que defendião a fortaleza.

Não soffreu o animo a Salvador Ribeiro esperar tranquillamente o inimigo, e, embarcando-se com os trinta soldados em tres escaleres, subiu o rio ajudado pela maré, encontrou a armada inimiga, e, arrostando-se com ella, pôde tanto seu valor, que conseguiu derrota-la completamente, alcançando um rico despojo, e enchendo seus contrarios de terror e admiração. — Teve lugar este memoravel feito nos principios do anno de 1601.

Passados vinte dias, veio o *banha* Laó com um exercito de seis mil homens para destruir a fortaleza e os seus defensores; porém Salvador Ribeiro, em cujas veias corria o sangue de verdadeiro Portuguez, com tal arte surprehendeu de noite o inimigo, entrando-lhe no arraial, que pelas suas proprias mãos matou o *banha* Laó, dispersou seu exercito, e incendiou suas tendas.

O *banha* Dalá, primeiro senhor do reino do Pegú, querendo vingar a morte de seu genro o *banha* Laó, veio

(*) CHANGÁ equivale a veador.

cercar a fortaleza de Sirião, durando o cêrcio por espaço de seis mezes, em que os sitiados soffrêrão terriveis assaltos de dia e de noite. — Durante estes seis mezes de rigoroso assedio, supportou Salvador Ribeiro todas as adversidades da guerra, sendo ferido com um golpe que lhe cortou a face desde a orelha esquerda até á boca, e lutando com a fome, com o desalento e insurreição dos seus soldados, dos quaes onze o desamparárão, ficando unicamente com dezoito companheiros, tendo diante de seus muros derrubados um exercito de oito mil homens. Nada foi capaz de fazer perder a constancia a Salvador Ribeiro, sendo finalmente soccorrido por umas náus de mercadores portuguezes que ali aportarão, com a ajuda das quaes fez levantar o cêrcio com grave perda dos inimigos e grande gloria das armas portuguezas.

Os *banhas* e *xemins*, chegando-lhes a nova da morte do cruelissimo rei do Pegú, morto ás pancadas por ordem de seu cunhado o rei de Tangut, resolvêrão, instigados pelas prophecias dos *Talapoes*, eleger por seu rei a Salvador Ribeiro de Souza, cuja fama de rectidão e justiça igualava á de suas assombrosas victorias.

El-rei de Tangut, pretendente á corôa do Pegú, não só approvou o parecer dos senhores e capitães, mas, desistindo do seu direito em favor do nosso capitão, mandou-lhe um veador da fazenda, principal pessoa no seu reino, com quinhentos cavallos e a *ola* (*) de ouro com que, segundo o costume, devia ser coroado rei do Pegú.

Chegado o *Dechani* de Tangut, assim chamado o veador da fazenda, e juntos todos os *banhas* e *xemins*, em acto publico e solemne foi o nosso Salvador Ribeiro de Souza coroado e acclamado rei Massinga do Pegú, usando do chapéo branco com cairel de ouro, insignia só usada pelos reis; sendo tão honrado e respeitado pelos naturaes do paiz, que chegarão a trata-lo por—*Quiay Massinga* (**).

De todos estes acontecimentos deu Salvador Ribeiro parte ao visio-rei da India portugueza, Ayres de Saldanha, o qual, com a mais negra ingratidão, nomeou a Felippe de Brito de Nicote capitão-mór e conquistador do Pegú, para cuja conquista nada contribuira, estando dali distante mais de duzentas leguas; — contentando-se Ayres de Saldanha em escrever uma carta de agradecimento a

(*) OLA. folha ao modo da lamina de ouro que pendia do sydale na testa do summo sacerdote hebreu, com a qual coroavão os reis do Pegú.

(**) QUIAY MASSINGA. o mesmo que — Deus da terra.

Salvador Ribeiro, com o sobrescripto seguinte: — « A Salvador Ribeiro de Souza, capitão da fortaleza de Sirião, em ausencia de Felippe de Brito de Nicote. » — Felippe de Brito de Nicote não tardou muito em chegar a Sirião, em um navio com pharol e bandeira de capitão-mór. Todas estas ingratições, ou antes affrontas, não forão sufficientes para que o *Quiay Massinga* deixasse de entregar o governo da fortaleza de Sirião, dizendo que era vassallo do rei de Portugal, e que tudo quanto ganhára com o esforço do seu braço, e sem ajuda alguma do estado, entregava a quem o seu visorrei na India ordenava.

Esta grandeza de alma, lealdade e heroismo desinteressado de Salvador Ribeiro, foi mal recebida de seus soldados e de todos os naturaes, que como rei e senhor o querião; os quaes amotinados quizerão oppôr-se á sua generosa resolução, tendo o nosso heroe mais trabalho em reduzi-los a obedecerem a Felippe de Brito do que por ventura tivera para conquistar tão vasto imperio.

Por este tempo, Banca, capitão afamado, ameaçou Sirião com uma forte armada, sem que o novo governador, Felippe de Brito de Nicote, lhe fizesse a menor opposição; vendo isto Salvador Ribeiro, que já tinha *abdicado*, reuniu logo alguns soldados e *xemins*, e, deixando o seu cobarde successor entre as muralhas de Sirião, voou de novo a arriscar a vida pela sua patria, bastando unicamente a sua presença e o seu nome para alcançar uma completa victoria, voltando a Sirião com os trophéos della.

Erão tantas as lagrimas de seus leaes vassallos, que, como fugindo a suas instancias, disfarçado se embarcou para o reino em 1603; «e, deixando aquelle reino em que Deos o levantára ao alto da humana felicidade, deu as velas ao vento de largas esperanças, que de ordinario se desfazem naquillo de que se sustentão. »

Sobre esta nota veja-se a *Conquista do reino do Pegú, na India Oriental*, impressa com o *Itinerario de Tenreiro*, no fim das *Peregrinações de Fernam Mendes Pinto*, Lisboa 1762, in-folio.—Veja-se tambem o *Massinga*, lindo romance do Sr. Ignacio Pizarro de Moraes Sarmiento, no 2º volume do *Romanceiro Portuguez*.

VIII.

... porque o povo portuguez ainda é o mesmo que era em 14 de Agosto de 1385, pag. 133

Foi neste dia que se deu a batalha de Aljubarrota, onde

seis mil Portuguezes, obrando prodigios de valor, libertarão o reino do poder de D. João I de Castella, e firmarão na frente do mestre de Aviz, D. João I, a corôa que lhe havião dado os tres estados do reino, nas côrtes de Coimbra.—Vid. *Chronica de el-rei D. João I.*

IX.

Neto do heroe de Alfarrobeira!... pag. 137

D. Alvaro de Abranches era neto do conde de Abranches, D. Alvaro Vaz de Almada, um dos doze Portuguezes que com tanto brio e gloria defendêrão a honra das damas inglezas, e que tão raro exemplo de amizade nos deu, sacrificando a vida pelo honrado e infeliz infante D. Pedro, duque de Coimbra, mortos ambos na batalha de Alfarrobeira, em uma terça-feira 20 de Maio de 1449.—

X.

Uma lagrima?!—Julgava te-las derramado todas nas margens do Colluale!!... e nos palmares da India!!... pag. 144

Colluale, rio que corre entre as terras de Bounsuló e a provincia de Bardez.—Em 1744, o marquez de Castello-Novo, visorrei da India, tendo conquistado as praças de Rary, Torracol, Alorna e Bicholim, que formavão a melhor parte do dominio dos *Sardassays*, encorporou este rio, com as terras que lhe ficão na margem direita, aos estados de Goa.—Vid. *Epanaphora Indica*, do marquez de Castello-Novo, escripta por J. J. M. M.

XI.

Que bella vista!--vê-se todo o rio,--o mar,--Troia!... pag. . . 149

Troia, lugar assim chamado em frente de Setubal, na margem esquerda do rio Sado, onde foi a antiga Ceto-briga.—Quando em Maio e Junho de 1847 visitei este sitio, nada encontrei de curioso, não obstante ahi existir, n'outro tempo, uma colonia phenicia: no entanto, fazendo-se algumas excavações, devem-se encontrar ali bastantes raridades romanas.

Contava apenas vinte annos quando escrevi este drama, que não passa de um verdadeiro ensaio dramático. — Concebido unicamente para mim, nunca me passou pela imaginação que um dia elle seria dado á luz: — de certo nunca tentaria publica-lo, se não fosse obrigado a isso pelo estímulo de algumas pessoas da minha amizade, a quem sinceramente agradeço o interesse que tomáráo nesta minha *primeira* producção litteraria.

Se ella tiver bom acolhimento, não será então a unica obra que publicarei: — dar-lhe-hei em seguida um segundo volume, contendo — « A PREPOTENCIA » e « O RAJAH DE BOUNSULÓ » —, dramas em que figurão grande parte das personagens deste: — o primeiro passado em Lisboa, Almada e S. Julião da Barra; e o segundo na cidade de Goa na India.

Se pelo contrario tiver a mesma sorte que costumão ter a maior parte de nossas obras nacionaes, escreverei unicamente para mim, contentando-me em ver ler novellas francezas: — e em lugar de dizer, como diria um verdadeiro Musulmano: — « *Estava escripto!* » — direi: — « *Era obra de um Portuguez!* »

Porto, 2 de fevereiro de 1850.

Luciano Fausto Cardoso de Carvalho.